Nicodemos Araújo

Município de BELA CRUZ

Nicodemos Araújo

M U N I C Í P I O D E B E L A C R U Z

ACARAÚ – CEARÁ
1985

COLABORAÇÃO
PREFEITURA MUNICIPAL DE BELA CRUZ
ADM. GERARDO WILSON

TRABALHOS DE NICODEMOS ARAÚJO

Poesia

Harmonia Interior – 1935 – Gráfica O ACARAÚ
Vozes da Alma – 1940 – Editora CORREIO DA SEMANA
Minha Prece – 1947 – Gráfica O ACARAÚ
Pela Glória do Altar – 1953 – Gráfica O ACARAÚ
Falas do Coração – 1955 – Editora A FORTALEZA
Folhas do Outono – 1970 – Editora A FORTALEZA
Cantos do Entardecer – 1979 – Imprensa Universitária da UVA
Luzes do Ocaso – 1985 – Imprensa Oficial do Ceará

História

Santa Cruz do Acaraú – 1935 – Gráfica O ACARAÚ
Município de Acaraú – 1940 – Gráfica O ACARAÚ
Bela Cruz – 1967 – Editora A FORTALEZA
Município de Acaraú (NOTAS) – 1971 – Imprensa Oficial do Ceará
Almofala e os Tremembés – 1981 – Imprensa Oficial do Ceará
Acaraú Cidade Centenária – 1962 – Imprensa Oficial do Ceará
Santana do Acaraú – 1985 – Imprensa Universitária da UVA

Teatro

O Anjo Protetor – 1954 – Editora do MENSAGEIRO DA FÉ (Bahia)

Genealogia

Decadência de Meus Avós – 1977 – Editora A FORTALEZA

Biografia

Capitão Diogo Lopes – 1978 – Imprensa Universitária da UFC

A sair:

Jericoacoara (Monografia)

S U M Á R I O

1 – O TOPÔNIMO
2 – CIDADE DE BELA CRUZ
3 – DADOS GERAIS
4 – POVOAMENTO
5 – FORMAÇÃO POLÍTICA
6 – VIDA RELIGIOSA
7 – ASPECTO JUDICIÁRIO
8 – ASPECTO EDUCACIONAL
9 – VIDA CULTURAL E SOCIAL
10 – VIDA ECONÔMICA
11 – ASPECTO ASSISTENCIAL E SANITÁRIO
12 – TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO
13 – SERVIÇOS E ÓRGÃOS PÚBLICOS

Á memória

de

Benedito Meneres de Carvalho Filho
Benedito Lopes da Silveira
Francisco Linhares Fonteles
João Ambrósio Araújo
Pe. Joaquim Diomar de Araújo
José Ludgero da Silveira
José Maria Lousada
Manoel Damião da Silveira
Maria Stela Pinto
Raimundo Nonato Araújo
Dr. Tarcísio Wilson Araújo
Vicente Lopes Araújo

Não existiu, jamais, nenhum trabalho histórico de qualquer nível, insuscetível de correção e aprimoramento. Se tal se desse, não haveria progresso na ciência histórica.

Afonso Arinos de Melo Franco

HINO AO MUNICIPIO DE BELA CRUZ

Nicodemos Araújo

Pra firmar-se na Pátria e no Estado,
Bela Cruz se erigiu Município,
Neste dia de glória marcado,
Na alegria de um povo alentado
Por um nobre e elevado princípio.

Refrão: – Bela Cruz, nós te saudamos,
Neste teu dia de glória.
Com festa comemoramos
A festa de tua História.

Santa Cruz foi teu nome primeiro
– Um presságio da fé que seria,
No viver deste povo altaneiro,
Operoso, tenaz, brasileiro,
O fanal que até hoje o alumia.

Caminhemos em passo seguro,
Para a meta – União e Progresso.
E esta terra há de ter, no futuro,
Neste amor que lhe damos tão puro,
Como agora, efetivo sucesso.

Bela Cruz, tua gente prossiga
Nesta firme e fiel diretriz,
Para que, cada vez mais amiga,
Nesta sua batalha consiga
Ver-te sempre ascendente e feliz.

23.02.1957

PALAVRAS AOS LEITORES

Diz o escritor B. S. Bastos, que "quando não se pode fazer o que se deve, deve-se, pelo menos, fazer o que se pode".

Foi este conselho que nos animou a coligir os apontamentos que aqui apresentamos à curiosidade, ou mesmo à indiferença do público.

É que BELA CRUZ é a terra que nos deu o berço nativo, e da qual guardamos lembranças muito queridas, que ficaram de nossa infância e de nossa mocidade. Lembranças que tornam nossos dias mais suaves, e que avivam os nossos deveres para com aquela tradicional parcela do solo cearense.

Nosso principal objetivo, com este modesto trabalho, é tornar nossa terra mais conhecida e, portanto, mais admirada e mais querida.

Entretanto, como não podia deixar de acontecer, apreciável porção das informações inseridas neste opúsculo, foram colhidos nesta fonte inexaurível que se chama Tradição.

E a carência de elementos informativos com que nos defrontamos, é a responsável maior pelas numerosas lacunas de que se ressente este despretensioso estudo.

Todavia, o fato da presente monografia representar um subsídio, embora deficiente, para quem porventura vier a escrever algo sobre a história do município de Bela Cruz, nos compensa do trabalho nosso para concatenar estas notas.

É o prêmio do dever cumprido.

Acaraú, 1985 *Nicodemos Araújo*

O TOPÔNIMO

Consoante assevera a tradição oral, aí pelos anos de 1730, uma velha mulata de nome Genuveva, oriunda não se sabe de onde, apareceu no local hoje ocupado pela cidade de Bela Cruz, e mandou construir uma casinha sobre a colina, a noroeste da Igreja Matriz de hoje. E ali ficou morando.

Ainda segundo informavam nossos antepassados, essa esperta anciã tinha uma profissão especial: Sabia fazer benzeduras e rezava para diferentes mazelas. Rezava para espinhela caída, para quebranto nas crianças e para reumatismo nos velhos; costurava torceduras; rezava a São Braz, para engasgos e a Santa Apolônia, para dor de dentes; fazia responsos a Santo Antônio, para abreviar casamentos; rezava a Estrela do Céu, para matar lagartos nas plantações... E até sabia fazer uns **despachozinhos**, bem como deitar cartas, para adivinhar o futuro.

E, como dissemos em 1966 ("Bela Cruz - De Prédio Rústico à Cidade") tal profissão constituia, naqueles recuados tempos, como constitui ainda hoje, uma eficiente fonte de renda e de prestígio tal, que a localidade ficou sendo chamada de "Alto da Genuveva".

Os historiadores Álvaro Gurgel de Alencar ("Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Estado do Ceará", p. 345) e Renato Braga (Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará", p. 85) confirmam tudo isso, adiantando Renato Braga, que "sua primeira moradora deu à colina onde hoje assenta a cidade, o nome de Alto da Genuveva". Raimundo Girão, outro escritor de renome, corrobora: "Mais recuadamente denominou-se Alto da Genuveva, em virtude, ao que se diz, de morar aí uma mulata desse nome" ("Os Municípios Cearenses e seus Distritos", p. 51).

No decorrer dos anos, outras pessoas e outras famílias vindas de diversas paragens, ali se foram fixando.

E tal foi o número dessas pessoas e dessas famílias, que ainda em 1730 uma capelinha começou a ser levantada. Era construída de tijolos e coberta de telhas, e foi consagrada à Nossa Senhora da Conceição.

E tal era o prestígio da velha mulata, que a igrejinha ficou sendo chamada de Capela da Genuveva.

Em 1732 o templo estava pronto. E, segundo um velho caderno que lemos, em janeiro de 1733 ali apareceu, em desobriga, um frade franciscano de nome João de Maria. Referido missionário, ao que se diz, demorou vários dias no lugarejo, ocasião em que oficiou a bênção da capelinha e substituiu o topônimo "Alto da Genuveva", por Santa Cruz.

E com essa bendita denominação, o povoado atravessou anos e séculos até que, por efeito do Decreto Federal nº 311, de 2 de março de 1938, recebeu o nome de Bela Cruz, com o qual foi criado aquele município, a 23 de fevereiro de 1957.

C I D A D E D E B E L A C R U Z

Ocupando uma área estimada em seis quilômetros quadrados, o perímetro urbano da cidade de Bela Cruz limita-se ao Norte, com a Lagoa de Santa Cruz; ao Sul, com o bairro Areias; a Leste, com a Ipueira; e ao Oeste, com o bairro de Brasília.

A urbe, bonita e elegante, que, como diz o poeta João Damasceno Vasconcelos, "assume o aspecto de cidade grande, que em suas praças e se expande", está localizada, parte em terreno arenoso e plano, contiguo a encantadora várzea ribeirinha, e parte sobre as lindas colinas que sobressaem ao poente.

Destarte, inobistante algumas elevações pedregosas que ali se levantam irregularmente, a cidade oferece ao visitante uma atraente fisionomia urbana.

Seu efetivo demográfico estima-se em oito mil habitantes, ao passo que o número de prédios é de 2.200, com 1.600 domicílios e 600 destinados a outros fins. Entre esses 2.200 prédios, existem 20 de dois pavimentos.

E, no centro da cidade, majestosa e belíssima em suas linhas arquiteturiais, ergue-se a Igreja Matriz, que, "ao fulgor do sol risonho e bom, resplandecente e loiro, parece palpitar até, como se fosse, teu próprio coração, ó minha Bela Cruz".

Contando sete estabelecimentos de ensino, clubes de danças, Centro Comunitário, três Agências Bancárias, comércio de apreciável movimento, indústrias de alto porte, magníficos pontos de lazer, Bela Cruz sobressai como uma das cidades mais lindas e progressistas da interlândia cearense. Conta três praças e 23 ruas com denominações conhecidas oficialmente, na seguinte ordem:

De Norte a Sul:	Rua da Aurora
	Rua Major João Albano
	Praça Mário Lousada
	Praça Cel. Adauto Bezerra
	Rua Capitão Miguel Lopes
	Rua São Vicente
	Praça Ludgero Silveira
	Rua Santa Cruz
	Rua 11 de Janeiro
	Rua Cel. Duca
	Rua Francisco Romão
	Rua N. Senhora de Fátima
	Rua Gabriel Florêncio
De Leste a Oeste:	Rua Nicolau Peixoto
	Rua Humaitá
	Rua Nicodemos Araújo
	Rua 7 de Setembro
	Rua Prof. Nicácio
	Rua Padre Odécio
	Rua Domingos Aguiar
	Rua Cap. Diogo Lopes
	Rua Emílio Fonteles
	Rua Ambrósio Araújo
	Rua Benedito Lopes
	Rua José Maria Lousada
	Rua José Xerez

EMPLACAMENTO E NUMERAÇÃO DE RUAS

O primeiro emplacamento de praças e ruas na então vila de Bela Cruz, foi concluído a 20 de dezembro de 1956, cujas despesas foram autorizadas pela Lei municipal nº 142, de 26 de novembro do mesmo ano, assinada pelo Prefeito Geraldo Benone Gomes da Silveira.

Em 1984, o Prefeito Gerardo Wilson Araújo mandou fazer o levantamento dos prédios urbanos e contratou com uma firma especializada a confecção das placas que atualmente se fazem necessárias para o emplacamento total dos logradouros da cidade. Mesmo trabalho foi efetuado em dezembro de 1985.

CALÇAMENTO

A partir da administração do Prefeito Expedito Deroci Vasconcelos, todos os Prefeitos de Bela Cruz têm dado especial atenção ao problema de pavimentação de ruas e praças. De tal maneira que, atualmente, nada menos de dois terços do centro estão calçados de pedra com junturas de cimento.

O atual, Prefeito Gerardo Wilson Araújo, em dois anos de administração já construiu 40 mil m² de calçamento, beneficiando várias ruas.

PRAÇAS

Como sói acontecer em vilas do interior, a praça principal de Bela Cruz foi o Quadro da Capela, que, por ato datado de 14 de novembro de 1939, do Prefeito Raimundo Rocha, passou a denominar-se Praça Marechal Deodoro da Fonseca. Entretanto, por Lei nº 59, de 9 de abril de 1962, o Prefeito José Anselmo de Araújo, outorgou-lhe o nome de Praça Mário Lousada. Os Prefeitos José Ludgero da Silveira e José Milton Oliveira, melhoraram convenientemente aquela praça, inclusive inauguram-lhe um busto de seu Patrono.

A praça localizada em frente do Paço Municipal, com o nome de Praça 23 de fevereiro, teve um início de reforma, com o belacruzense João Venceslau Araújo. Depois o Prefeito Mário Lousada também a

melhorou. O Prefeito José Anselmo de Araújo reinaugurou mesma praça, a 10 de setembro de 1962, com bancos de marmorite e luz embutida.

Em 1984, o Prefeito Gerardo Wilson Araújo procedeu a uma reforma total na praça, construindo piso novo, bonitos canteiros de flores, com bordas para assentos, bem como moderna iluminação. Deu-lhe a denominação de "Praça Ludgero Silveira", e construiu ali uma coluna encimada por uma herma em semibronze, de seu Patrono.

Mesmo Prefeito também construiu uma pracinha na Rua Nicolau Peixoto, outra na Rua Nicodemos Araújo, e está construindo uma terceira no local da primeira pista para aterrisagem de aviões pequenos.

DADOS GERAIS

COORDENADAS GEOGRÁFICAS

Altitude	M 18
Latitude S	3º 04'
Longitude (W.G.R)	40º 12'

SUPERFÍCIE

A área territorial do município de Bela Cruz, está localizada na Micro Região de Camocim e Acaraú, 056, medindo 780 Km².

CLIMA

A média é de 26 graus, porém, algumas vezes sobe até 34º. Entretanto, o vento que sopra do mar, embora distante, amenisa um pouco.

ASPECTO FÍSICO

No município de Bela Cruz, que o historiador Renato Braga chama de "dilatada chã", a zona da Ribeira é separada da zona da mata, por duas sucessões de colinas, em terreno pedregoso. A primeira, ao Poente, que começa na localidade Palmeira dos Florêncios e vai terminar na fazenda Malassombrado, na distância de doze quilômetros.

Aludida sucessão de colinas que medem aproximadamente duzentos metros de largura, é interrompida somente pelas lagoas do Gorreguinho, Lagoa de Santa Cruz e Lagoa do Mato. Os pontos mais elevados se denominam de **Altos**. De Sul a Norte: Alto da Palmeira, Alto do Zé Pontes, Alto da Genuveva, Alto das Tabubas, Alto da Tibira, Alto das Pedras Grandes, Alto do Rufino Lopes, Alto da Lagoa do Mato e Alto do Malassombrado.

A segunda sucessão de colinas localiza-se a leste do Rio Acaraú, bem próxima dele. Começa no lugar Cajueirinho, e, como a primeira, atravessa, de sul a norte, todo o território do município.

Quanto à natureza do solo, há terrenos arenosos na zona da mata, e argilosos na Ribeira, além de alguns pontos de terreno pedregoso, bem como algumas áreas lageadas.

O município é banhado, de sul a norte, pelos rios Acaraú e Caibros. E, nestas e noutras direções, pela Ipueira que limita o perímetro urbano, ao leste, e pelos riachos Várzea Comprida, São Gonçalo, Riacho do do Mata Bode, Corredor e Riacho Boca do Córrego, que serve de linha divisória, pelo sul, entre os municípios de Bela Cruz e Marco.

Diversas Lagoas também se contam no município, tais como: Lagoa de Santa Cruz – Lagoa do Correguinho – Lagoa do Mato – Lagoa do Grosso – Lagoa da Tibira – Lagoa Seca – Lagoa do Zé Adriano – Lagoa da Estrada – Lagoa do Serrote – Lagoa do Morais – Lagoa do Zé Gomes – Lagoa do Belém – Lagoa da Polônia – Lagoa do Nazário – Lagoa do João de Sá – Lagoa do Carrasco – Lagoa das Tabubas – Lagoa da Ema – Lagoa dos Paus Brancos – Lagoa do Alexandre – Lagoa dos Carões. Quase todas essas lagoas são alimentadas por córregos que, apesar de inexpressivos, também servem para os rebanhos e para o plantio de mandioca, feijão, batata doce, etc.

No território do município de Bela Cruz, há, também, alguns pontos elevados, como: Alto da Genuveva – Alto da Palmeira – Alto da Lagoa do Mato – Alto dos Rochas – Alto do Malassombrado – Alto do Rufino Lopes – Alto do Vicente Marinho – Alto das Tabubas – Alto do Zé Pontes – Alto dos Dutras – Alto das Pedras Grandes.

LIMITES

O município de Bela Cruz, na conformidade da Lei que o criou, está marcado pelos seguintes limites: ao Norte e Leste, o município de Acaraú; ao Sul, com o município de Marco; e ao Oeste, com o município de Camocim, pelas linhas especificadas no mesmo diploma legal.

POPULAÇÃO

O número de habitantes do município de Bela Cruz, pelas cifras apuradas no Recenseamento Geral do Brasil, realizado em 1980, pela Fundação IBGE, estava, então, assim distribuído:

População Urbana	–	6.826
População Rural	–	15.257
		22.083

Consoante os cálculos usados, o efetivo demográfico do município de Bela Cruz, oferece, presentemente, a seguinte estimativa:

População Urbana	–	8.000 hbts.
População Rural	–	17.214 hbts.
Total		25.214 hbts.

Pelo mesmo Censo, o Distrito de Prata contava, naquele ano, 6.541 habitantes, que estão incluídos no total do município.

No que concerne ao número de prédios existentes na cidade de Bela Cruz, através de criteriosa estimativa, somam 2.200, sendo 1.600 domicílios e 600 destinados a outros fins.

P O V O A M E N T O

PRIMEIROS HABITANTES

É sabido que apreciável parte do território do hoje município de Bela Cruz, está localizado na Carta de Sesmaria conhecida pelas "nove Léguas de Góes".

Na verdade, no ano da graça de 1683, o engenheiro Manoel Dias de Góes e alguns companheiros seus vindos de Pernambuco, requereram e lhes foi concedida, pelo então Capitão-mor Bento Macedo de Farias, "Governador de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção do Ciará Grande, em nome da sua Majestade dona Maria I, Rainha de Portugal, que Deus guarde", uma posse de nove léguas de terra, na Ribeira do Acaraú, para pastoreio e agricultura, e cuja área vinha do "Marco do Guarda" até o "Pau Ferrado".

Aliás, segundo registra "Cronologia Sobralense", do emérito historiador F. Sadoc de Araújo, V. I, p. 38, foi essa "a primeira sesmaria concedida na Ribeira do Acaraú". E, conforme mesma obra, a maior parte dessa sesmaria foi prescrita, porque deixou de ser ocupada dentro dos cinco anos estipulados pela Lei que regia a matéria, naquela época.

Posteriormente, outras sesmarias foram concedidas nesta região, como a do Capitão Diogo Lopes de Araújo Costa, em 18 de junho de 1817, pelo então Presidente da Província do Ceará, Manoel Inácio de Sampaio.

O povoamento do hoje município de Bela Cruz, como o de muitos outros, experimentou um notável incremento com a concessão de sesmarias.

Os sesmeiros eram autênticos bandeirantes que, uma vez na posse das glebas que lhes eram outorgadas, passavam a desbravar os sertões, para o exercício da lavoura e do pastoreio.

Era a luta titânica do homem com a natureza, fosse nos vargedos ribeirinhos, fosse nas caatingas ou na mata bruta.

E o hoje município de Bela Cruz tinha, como tem, as vantagens de ser banhado pelo Rio Acaraú. O rio que, se nos anos normais de inverno, torna-se um manancial de fartura representada pelo peixe e pelas plantações das **vasantes**, nos anos de seca forma uma estrada que constitui "uma ligação espontânea entre os sertões e as regiões litorâneas".

Os primeiros habitantes de Santa Cruz, tal como fala a tradição, construiram suas moradas no Alto da Genuveva, ao norte da primitiva capela de Nossa Senhora da Conceição. Ainda vimos naquele local, pedaços de tijolos, telhas e louças, restante, provavelmente, dos escombros dessas residências que integraram o povoado ainda em formação.

Ao que conseguimos colher através da fala do **antigos**, entre as pessoas que ali levantaram casas de morada, a gente pode citar: Antônio Silveira, Inácio de Almeida, Bernardo da Silveira, Francisco Ferreira Fonteles e João da Silveira. Esses representam, com a mulata Genuveva, os primeiros habitantes da povoação nascente.

EVOLUÇÃO DO POVOADO

Ao longo do tempo, outros cidadãos e outras famílias originárias de outros pontos de Ceará e até de outras Províncias, ali foram chegando e foram ficando e se instalando como podiam.

A proximidade do Rio Acaraú e a fertilidade das terras da Ribeira e da mata, constituiam promessa de facilidade de sobrevivência e até de fartura.

O solo se prestava, convenientemente, como ainda se presta, ao cultivo do algodão, da mandioca, de alguns cereais e até de cana-de-açúcar, ao passo que os campos e as caatingas se adaptavam, como se adaptam, à criação de bovinos, caprinos, suínos e outros.

E a preferência daqueles que desejavam viver e trabalhar naquela área, era pela terra mais próxima da povoação, especialmente a meia légua doada à capela, para formar seu patrimônio.

Tais fatores representavam grande atração para a gente que então procurava um lugar para residir, onde houvesse possibilidade de um futuro mais ou menos garantido.

Outros buscavam a povoação de Santa Cruz, no objetivo de aumentar seus haveres, porque já eram detentores de recursos e queriam comprar terra boa onde lhes conviesse desenvolver suas atividades.

MAIS PROPRIETÁRIOS

Entre os que foram procurando aquela povoação também para fazê-la crescer, pode-se mencionar: Domingos Aguiar de Oliveira, Nicolau da Costa Peixoto, doadores do patrimônio da igrejinha, Nicácio Aguiar de Oliveira, Ângelo Dias Leitão, José Romão de Carvalho, Joaquim Pereira Dutra, Joaquim de Araújo Costa, Manoel do Prado Leão, Manoel Ferreira de Vasconcelos, Manoel Ferreira da Rocha, Manoel Francisco Fonteles, Manoel Ferreira da Silveira, Bernardino Lopes de Araújo Costa, Antônio José de Morais, Felix Francisco de Vasconcelos, Florêncio José de Morais, Manoel Inácio de Vasconcelos e Alexandre Bernardino de Albuquerque.

Referida relação não está em ordem alfabética, porque esses cidadãos ali atuaram em diferentes épocas. E esses homens se fixaram naquele povoado e ali constituiram famílias que desde então vêm povoando aquele inesquecido pedaço do solo cearense.

E aqui julgamos de nosso dever corrigir um engano em que laboramos, ao escrever nosso trabalho intitulado "Bela Cruz – De Prédio Rústico à Cidade".

É que afirmamos ali que Nicolau da Costa Peixoto e Domingos Aguiar de Oliveira eram pernambucanos. Isto, naturalmente, porque assim fomos informados. Mas não é verdade. Quanto ao Capitão Domingos Aguiar de Oliveira, que se casou na capela de Almofala, a 18 de novembro de 1736, e faleceu na Serra dos Côcos, em maio de 1747, não sabemos positivamente onde nasceu, porém, ao que fomos informados, ele era cearense, **cabeça chata** legítimo. E no que alude a Nicolau da Costa Peixoto, informa o historiador F. Sadoc de Araújo que "em 1676 chegou ao Ceará o português Antônio da Costa Peixoto e fixou residência às margens do rio Silpé, e que em 1702 conseguiu sesmaria na Ribeira do Acaraú". Acrescenta mencionado registro, que Nicolau da Costa era filho do mesmo Antônio da Costa Peixoto, e que "se fixou no local onde se encontra a cidade de Bela Cruz".

Destarte, Nicolau da Costa Peixoto, que tinha uma fazenda no hoje povoado de Araticuns, ou nasceu em Portugal e veio com seu pai para o Brasil, ou nasceu em Silpé ou aqui na Ribeira do Acaraú. Pernambuco é que não era. Fica aqui, portanto, o nosso pedido de desculpas.

E a povoação, sob os cuidados das famílias nela residentes, prosseguiu em sua marcha, lenta, como era natural que ocorresse, naquelas "priscas eras que bem longe vão", como falou Castro Alves.

GENTE DO SÉCULO VINTE

No primeiro quartel deste século, a comunidade belacruzense era

representada pelos chefes de famílias cuja relação damos a seguir: Antônio Romão de Carvalho – Antônio Fonteles da Silveira – Antônio Adeodato de Morais – Antônio Horácio Fonteles – Bernardino Lopes de Araújo – Carolino Lopes de Araújo Costa – Domingos Fonteles Araújo – Emílio Fonteles da Silveira – Francisco Romão de Carvalho – Francisco das Chagas Silveira – Francisco das Chagas Araújo – Francisco das Chagas Maranhão – Francisco Sales Araújo – Francisco Adeodato de Morais – Francisco das Chagas Araújo Sobrinho – Francisco Fonteles da Rocha – Francisco Silveira Araújo – Francisco Ferreira de Araújo – Gabriel Florêncio de Vasconcelos – Gustavo Lopes Araújo – Geraldino Lopes de Araújo – Inácio Fonteles da Silveira – João Batista da Silveira – João Romão de Carvalho – João Lopes Araújo – José Lopes da Silveira – João Silveira – José Antônio Ibiapino de Araújo – José de Sousa Xerez – José Estanislau de Araújo – José Fonteles Sobrinho – José Jorge de Vasconcelos – João Pedro da Silveira – Joaquim Dutra da Rocha – João Facundo Leitão – José Florêncio de Vasconcelos – José Bernardino de Araújo – João Pedro da Rocha – Lúcio Silveira Araújo – Miguel Lopes de Araújo Costa – Manoel Benício de Vasconcelos – Manoel Lopes da Silveira – Miguel Arcanjo de Vasconcelos – Manoel Mendes de Sousa – Manoel Avelino da Rocha – Miguel Florêncio de Vasconcelos – Manoel Zacarias Adriano – Miguel Arcanjo da Rocha – Manoel Marques de Vasconcelos – Manoel Lopes do Prado Leão – Manoel Teófilo da Costa Mendes – Manoel Pereira da Silveira – Manoel Adeodato de Araújo – Nicácio Barbosa Cordeiro – Patrício José Ribeiro – Raimundo Nonato da Silveira – Raimundo Nonato de Vasconcelos – Raimundo Lopes de Araújo Júnior – Roque de Araújo – Rafael Arcanjo de Freitas – Raimundo Pereira de Maria – Sabino Lopes de Araújo Costa – Severiano Bernardino da Costa – Salvino Lopes Araújo – Vicente Teixeira Pinto – Vicente Cardoso de Lima – Vital Antônio de Menezes – Vicente Alves de Araújo – Vicente Fonteles da Silveira e outros involuntariamente omitidos.

Quase todos os cidadãos mencionados, já contam cinco gerações, o que representa um patrimônio altamente valioso para o registro genealógico do município de Bela Cruz.

Todos eles integraram a comunidade santacruzense, e se empenharam pelo seu desenvolvimento e pelo seu bom conceito. Um bom número morava na povoação; outro bom número morava em localidades próximas, como: Tibira, Córrego Grande – Tapera – Malassombrado, Varjota, Lagoa do Mato, – Tabubas, Lagoa Grande, Araticuns, Várzea Feia, Marquinho e outros. Mas visitavam a povoação, frequentemente, e tomavam parte nos problemas da comunidade.

Desses que moravam fora, muitos possuíam residências no povoado, para passarem a Festa de Nossa Senhora da Conceição. A

Festa, naquela época, realizava-se de 30 de agosto a 8 de setembro, celebrada pelo Vigário de Acaraú, de onde vinha também a Banda de Música, para animar as solenidades.

De então até os dias atuais, como era natural que acontecesse, a população de Bela Cruz veio aumentando, na medida em que a terra se adiantava e progredia, ao impulso do trabalho não só de seus filhos, mas também de pessoas e famílias que para ali vieram, interessando-se e compartilhando de tudo aquilo que diz respeito às conveniências da terra que as acolheu com a hospitalidade e o espírito fraterno que, em todos os tempos, há constituido o apanágio do povo de Bela Cruz.

Eles sabiam e sabem que o amor à terra-mãe e o desejo de vê-la crescer, em todas as épocas tem sido uma característica marcante da gente belacruzense, desde os elementos mais expressivos até às camadas mais humildes.

CEPA GENEALÓGICA

Baseados sempre na tradição e no que nossos avós disseram a nossos pais, passamos a registrar alguns apontamentos sobre o tronco genealógico do hoje município de Bela Cruz.

São notas colhidas assim do "ouvi dizer", porque nem possuimos fontes de pesquisas para um registro digno de crédito absoluto, nem contamos mais com saúde e disposição para efetuar um trabalho amplo, e, consequentemente, mais útil às famílias belacruzenses.

Das notas apanhadas, selecionamos as dez famílias mais numerosas daquela comunidade. E registramos em ordem alfabética, como o fazemos com todas as relações de pessoas contidas nesta monografia.

Comecemos, então, pela Família ARAÚJO, que deriva de José de Araújo Costa, português de Santa Lúcia de Barcelos, e de d. Brites Vasconcelos – uma das 7 irmãs. Esse casal se instalou em Lagoa Grande; contraiu matrimônio a 31 de julho de 1747. E registra "Cronologia Sobralense", do Cônego F. Sadoc de Araújo que "quais sete colunas romanas, foram as 7 Irmãs o terreno fecundo em que se assentaram os alicerces sanguíneos da civilização nobre e cristã desta pequena porção da gleba cearense", que é a Ribeira do Acaraú.

Pois bem: a Família ARAÚJO chegou ao povoado de Santa Cruz, levada pelo Capitão Diogo Lopes de Araújo Costa, o qual, embora morasse no sítio Lagoa do Mato, a 4 km dali, era um dos próceres da comunidade, onde atuava também como Capitão de Ordenanças, cuja Carta Patente foi passada em Fortaleza, a 18 de junho de 1817, pelo então Presidente da Província do Ceará, dr. Manoel Inácio de Sampaio.

Família CARVALHO. Ao que conseguimos ter conhecimento, a Família CARVALHO chegou à então povoação de Santa Cruz, através de

dona Paula Sá, que era esposo do pecuarista Nicolau da Costa Peixoto, um dos doadores de terra e gados, para o patrimônio da capela de Santa Cruz, onde morava. Paula de Sá era filha de Francisco Dias de Carvalho, que em 1682 conseguiu sesmaria aqui na Província do Ceará.

Família DUTRA. Segundo consta, com foros da verdade, a família DUTRA foi trazida ao povoado de Santa Cruz, por Joaquim Pereira Dutra, o qual a 23 de outubro de 1797, casou-se na capela daquele povoado, e do Capitão José da Silveira Dutra, proprietário nesta Ribeira e sogro do Alferes Vicente Lopes de Araújo Costa, avô do autor destas notas.

Família FONTELES. Esta família teve seu patriarca na pessoa do Tenente Manoel Ferreira Fonteles, português de Merximil, que exerceu o cargo de Juiz Ordinário da Ribeira do Acaraú; e "era tronco de enorme descendência". Essa família chegou à Santa Cruz através de Tomé Ferreira Fonteles e Francisco Ferreira Fonteles, ambos filhos do merximilense Manoel Ferreira Fonteles. Isto em 1647.

Família FLORÊNCIO. A Família Florêncio, que se ramificou com as famílias Morais e Vasconcelos, veio ao povoado de Santa Cruz trazida pelo patriarca Florêncio José de Morais, proprietário de terras e gados. Era chefe de elementos que sempre trabalharam pela comunidade santacruzense.

Família LEITÃO. Também originária de Portugal, essa família chegou à Santa Cruz no ocaso do século XVIII, através do Alferes paraibano, Ângelo Dias Leitão. Duas filhas de Ângelo Dias casaram na capela de Santa Cruz, em um mesmo dia, com dois filhos de Manoel Ferreira Fonteles. O ato religioso foi oficiado pelo Pe. Antônio Tomás Serra ("Cronologia Sobralense". v.I, p. 228).

Família MORAIS. A Família MORAIS veio à Santa Cruz, trazida pelo proprietário Antônio José de Morais. Este ali chegou ainda na primeira metade do século XIX, vindo da Serra das Matas; vivia da agricultura e do pastoreio, e teve numerosa descendência.

Família ROCHA. Ainda segundo a tradição, a Família ROCHA passou a integrar a comunidade de Santa Cruz, no último quartel do século XVIII, através do Capitão José Alexandre da Rocha e de Manoel Ferreira da Rocha, ambos netos de Alferes Ângelo Dias Leitão. O Capitão José Alexandre da Rocha, em data de 14 de julho de 1819, foi nomeado Comandante do Distrito de Santa Cruz, pelo Presidente Manoel Inácio de Sampaio.

Família SILVEIRA. Esta Família, também de origem lusitana, ali chegou ainda nos primórdios do lugarejo, com Bernardo da Silveira e José da Silviera, que trabalharam na construção da Capela da Genuvena. Outros elementos dessa estirpe ali deixaram enorme descendência, a quem a comunidade de Bela Cruz é devedora de marcantes serviços.

Família VASCONCELOS. A Família VASCONCELOS é muito numerosa em Bela Cruz. E conforme nos informaram, o mais provável é

que descenda do patriarca Manoel Vaz de Carrasco e Silva – pai das 7 irmãs – o qual, segundo "Cronologia Sobralense", v. I, p. 32, "fixou residência na Fazenda Lagoa Sêca, perto do local onde hoje se encontra a cidade de Bela Cruz". É que uma de suas filhas, Ana Maria de Vasconcelos, a 1 de novembro de 1756, casou-se com Miguel do Prado Leão, na capela de Santa Cruz. E tudo indica que moravam naquela povoação, porque Miguel do Prado Leão faleceu a 11 de julho de 1794 e foi sepultado na capela de Santa Cruz (obra citada, p. 38). Também consta que outro Vasconcelos, o fazendeiro Manoel Nunes de Vasconcelos, que já conta ali sete gerações, teria sido a raiz dessa família naquela localidade.

Como dissemos, nosso restrito campo de pesquisas não oferece possibilidades para que apresentemos um trabalho aceitável, como exato.

Além das dez famílias aqui mencionadas porque mais antigas naquele tradicional pedaço do solo cearense, outras famílias e outras pessoas também desempenharam papéis significativos na vida e na expansão de Bela Cruz, no curso dos anos, em diferentes setores de atividades de sua gente laboriosa e ordeira. Pessoas que deixaram naquela terra a marca do seu amor e de seu trabalho. E suas qualidades foram transmitidas, atavicamente aos seus descendentes, pelos tempos em fora, num grande exemplo de dedicação à gleba que lhes ofertou o berço nativo.

Dos descendentes dessas famílias e de outras, um bom número procurou outros municípios, especialmente Fortaleza, onde vivem, e, pelo seu comportamento e pelo seu trabalho, enobrecem, cada vez mais, o nome de Bela Cruz.

Os que ali ficaram, prosseguem sua caminhada pela vida, observando sempre o exemplo de seus antepassados, dentro dos princípios morais que os nortearam.

Outros cidadãos oriundos de outros municípios, para ali vieram e ali ficaram, constituindo famílias e compartilhando dos problemas da comunidade, com o mesmo empenho de seus filhos nativos.

Relacionamos aqui os nomes desses filhos adotivos de Bela Cruz, pedindo desculpas aos que, porventura, deixaram de figurar nesta lista: Antônio Carlos Ferreira – Armando Marques de Vasconcelos – Antônio Oliveira Rêgo – Antônio de Fátima Farias Sousa – Carlos Augusto Freitas Guimarães – Bernardo Sales Pereira – Elisário Mendes Mesquita – Dr. Flávio Remo Limaverde Sousa Silveira – Francisco Hortêncio de Carvalho – Francisco Ferreira de Jesus Bezerra – Francisco Silveira Gomes – Geraldo Majela Saturnino Lima – José Milton Oliveira – João Batista Ferreira – José Telécio – José Carlos – José Milton Dutra – José Walter Gomes Pongitori – José Sérgio da Penha - Dr. José Evangelista Filho – José Olinto da Silveira – José Valdemar de Oliveira Filho – José Maria Elcias – Dr. Luiz Augusto Cavalcante – Manoel Arivaldo de

Vasconcelos – Manoel Teixeira de Albuquerque – Manoel Amaral – Miguel Pereira de Vasconcelos – Rafael Roberto da Silva – Raimundo Jovino de Vasconcelos – Raimundo Erasmo Moura – Sebastião Luiz da Costa – Sebastião Chagas da Fonsêca – Vicente Teixeira Lima.

BELACRUZENSES EM OUTROS MUNICÍPIOS

Consoante registramos em outra nota deste opúsculo, um número apreciável de pessoas e famílias, por motivos diversos, têm transferido suas residências daquele para outros municípios, e até para outros Estados.

Então achamos conveniente relacionar aqui os nomes dos pais de famílias que dali se retiraram. Somente os pais de famílias, porque a relação completa demanda e requer um trabalho que não estamos em condições de efetuar.

E acreditamos que muitos são omitidos. Esperamos, porém, nos relevem esta falta, aliás cometida involuntariamente.

A seguir, a relação nominal, por ordem alfabética, e com a respectiva profissão que exerce ou cargo que ocupa:

SÃO GONÇALO – Manoel Artur de Carvalho, Avicultor.

JUAZEIRO DO NORTE – Manoel Inácio Fonteles, Comércio.

AQUIRAZ – José Anchieta Lima, Pecuária.

BATURITÉ – Pedro Humberto Rocha, Bancário.

CRUZ – Inácio Lopes da Silveira, Aposentado – José Arteiro da Costa, Indústria – Osmundo Lopes da Rocha, Comércio.

QUIXERAMOBIM – José Nilson Rocha, Bancário.

ITAREMA – Francisco Assis Matos, Magistério.

SANTANA DO ACARAÚ – João Jaime Vasconcelos, Comércio.

SOBRAL – José Odécio Vasconcelos, Banco – Raimundo Nonato de Vasconcelos, Aposentado.

UBAJARA – Francisco Ananias Pereira, Comércio.

FORTALEZA – Antônio Raimundo de Araújo, Comércio – Agripino Bias da Silveira, Coletor Estadual – Abdon de Murilo Zacas, Aposentado – Antônio Fonteles, Aposentado – Antônio José de Carvalho, Indústria – Benedito Prado de Morais, Construtor – Bernardo Silveira Mendes, Indústria – Benedito José de Carvalho, Indústria – Benjamin Mendes de Sousa, Aposentado – Benedito Eudes Carvalho, Aposentado – Benedito Rocha, Comércio – Cláudio Carlos Carvalho, Exportação – Carlos Jeová de Araújo, Indústria – Carlos Magalhães Rocha, Aposentado – Carlos Alarico de Carvalho, Agricultura – Clodoaldo Pinto, Aposentado – Carlos Alberto Rocha, Comércio – Carlos Barromeu Teófilo, Comércio – Carlos Magalhães Rocha Filho, Militar – Djalma Lopes de Carvalho, Previdência – Dr. Eduardo Silveira Mendes, Indústria – Expedito Derocí Vasconcelos,

Aposentado – Dr. Eliézer Rocha Adriano, Comércio – Edmundo Freitas, Comércio – Expedito Derocí Vasconcelos Filho, Comércio – Sgto. Francisco Barnabé Ramos, Militar – Francisco das Chagas Sobrinho, Indústria – Sgto. Francisco Olinto Araújo, Militar – Dr. Francisco de Assis Araújo, IPEC – Francisco Carlos de Carvalho, Militar – Pe. Francisco de Assis Lopes, Ministério – Dr. Francisco Fonteles Teixeira, Magistério – Francisco Luzar de Carvalho, Aposentado – Gerardo Majela Freitas, Comunicação – Geraldo Gifoni da Silveira, Coletor Estadual – Geraldo Majela Maranhão, Indústria – Geraldo Fonteles de Carvalho, Aposentado – Geraldo Majela Rocha, Comércio – Ibério Murilo Zacas, Aposentado – José Mário Lousada, Comércio – José Aristeu de Morais, Comércio – Dr. João Crisóstomo Rocha, Economiário – Dr. José Nilson Rocha, Bancário – João Geves Araújo, Aposentado – José Evilásio Morais, Cabelereiro – Dr. - José Mozar de Araújo, Advogado – José Deusdedit da Silveira, Comércio – José Tarcísio Morais, Comércio – José Domingues de Freitas, Comércio – Sgto. José Carlos de Carvalho, Marinha – Sgto. João Batista Morais, Polícia Militar – José Carlos de Vasconcelos, Comércio – Sgto. José Augusto de Carvalho, Marinha – José Marcelo de Medeiros, Indústria – José Raul Mendes, UFC – Sato. José Ribamar de Morais, Força Pública – José Stênio Aguiar Rocha, Comércio – José Vilmar Deodato, Comércio – José Franzone Vasconcelos, Comércio – José Ademar Deodato, Comércio – José Sarto Teófilo, Bancário – João Plácido de Carvalho, Aposentado – José Arimá Deodato, Comércio – João Osório Vasconcelos, Funcionário Postal – José Gerardo Vasconcelos, Comércio – Joaquim Claudiomar Carvalho, Corretor de Seguros – João Batista Rocha, Comércio – João Carlos Linhares Fonteles, Comércio – José Milton Oliveira Filho, Canal 5 – Sgto. José Marcelo de Carvalho, Marinha – Dr. João Ambrózio de Araújo Filho, Magistério – José de Paulo Pinto, Comércio – Dr. José Isac da Silveira, Advogado – Dr. José Humberto de Araújo, Magistério – João Milton Pinto, Comércio – Dr. José Lopes de Vasconcelos, Imprensa – José Otaliba Martins Rocha, Comércio – Jorge Ricardo Vasconcelos, UFC – José Edmilson Leitão, Saúde Pública – João Damasceno Vasconcelos, Receita Federal – José Ademir Silveira, Comércio – Ten. José Mário Pinto, Marinha – José de Paula Araújo, Comércio – José Ranulfo da Silveira, Indústria – João Delmonte de Carvalho, Magistério – Dr. José Maria de Vasconcelos, Médico – João Batista Araújo, Comércio – José Arimatéia Freitas Filho, Magistério – José Osmar da Silveira, Indústria – Cap. José Gerardo Maranhão, Militar – João Batista de Menezes, Comércio – Dr. José Jauro Lopes Carvalho, Magistério – José Valter Maranhão, Bancário – Josafá Araújo, Comércio – Dr. José Airton de Carvalho, Publicitário – José Itamar Araújo, Comércio – João Batista Silveira, Comércio – João Pinto Araújo, Aposentado – José Moésio de Carvalho, Bancário – José Wilson Araújo, Comércio – João Fonteles, Comércio – José Olivardo da Silveira, Bancário

– João Bernardino de Carvalho, Aposentado – José Epitácio de Morais, Fotógrafo – Leonardo Silveira Mendes, Comércio – Luiz Carlos de Oliveira, Comércio – Luiz Nelson de Vasconcelos, Comércio – Manoel Messias Morais, Construtor – Marcílio Magno Lopes Adriano, Bancário – Manoel Simão de Freitas, Aposentado – Mozar Romão de Carvalho, Saúde Pública – Manoel Patrocínio de Morais, Aposentado – Dr. Otacílio Martins Rocha, Magistério – Osvaldo Damasceno Maranhão, Aposentado – Pedro Henrique Magalhães Rocha, Transporte – Sgto. Paulo Maria Pinto, Marinha – Dr. Pio Magalhães Rocha, Veterinário – Pedro Joaquim de Menezes, Bancário – Raimundo Nonato de Morais, Transporte – Raul Mendes Filho, – Indústria – Raimundo Oscar de Araújo, Indústria – Raimundo Eneas de Vasconcelos, Coletor Estadual – Raimundo Magalhães Rocha, Aposentado – Roque Lopes Araújo Neto, Comércio – Raimundo Nonato de Morais, Serviço Militar – Raimundo Oscar da Silveira, Aposentado – Raimundo Nonato Ramos, Comércio – Raimundo Nonato Rocha, Militar – Raimundo Wilson Vasconcelos, Comércio – Raimundo Ibevar Teófilo, Comércio – Raimundo Oscar de Morais, Construtor – Valdemar Lopes Araújo, Aposentado – Vicente de Paula Pinto, Indústria – Vicente de Paula Matos, Aposentado – Vicente de Paula Vasconcelos, Comércio – Vasco da Gama Teófilo, Funcionário Público – Américo Pontes, Comércio – Sgto. Francisco Vieira, Polícia Militar.

BRASÍLIA – Antônio Araújo Carvalho, Comércio – Benedito Meneres de Carvalho, Aposentado – Francisco Araújo Carvalho, Comércio – José Maria Vasconcelos, Comércio – Manoel Messias Vasconcelos, Forças Armadas – Pedro Alves de Lima, Aposentado.

RIO DE JANEIRO – Dr. Aureliano Diamantino da Silveira, Magistério – Pe. Benedito Valter Araújo, Ministério – Benedito Silveira Araújo, Comércio – Dr. Expedito Albano da Silveira, Ass. Jurídico Min. Aeronáutica – Pe. Francisco Olinto de Araújo Leitão, Ministério – Francisco Oscar de Vasconcelos, Comércio – Dr. Francisco das Chagas Maranhão Neto, Economiário – Geraldo Felipe Rocha, Comércio – Geraldo Guilherme da Silveira, Comércio – João Gifoni da Silveira, Comércio – José Gaspar Ramos, Comércio – José Gifoni da Silveira, Comércio – José Benedito de Vasconcelos, Comércio – José Marcondes Silveira, Comércio – José Parmênio de Vasconcelos, Comércio – Manoel Gifoni da Silveira, Comércio – Cap. Nerí Adriano Rocha, Marinha – Cabo Manoel Macedo de Araújo Filho, Marinha – João Augusto de Medeiros, Transporte – João Milton Morais, Indústria – Vicente de Paula Medeiros, Comércio.

SÃO PAULO – Antônio Lopes Soares, Cabelereiro – Antônio Wilson de Vasconcelos, Comércio – Expedito Murilo Costa, Indústria – Francisco Gifoni da Silveira, Indústria – Francisco de Assis Soares Filho, Pintor -– Francisco Jovenir de Araújo, Indústria – José Ranulfo de Miranda, Transporte – José Milton de Vasconcelos, Comércio – José Valdemar

Morais, Indústria – José Maria de Miranda, Transporte – José Osmar de Menezes, Comércio – José Rogério Soares, Comércio – Dr. José Jairo Vasconcelos, Magistério – João Batista Costa, Comércio – José Geraldo Aguiar, Indústria – Raimundo Nonato Ramos, Indústria – Vicente de Paula Costa, Comércio – Manoel Osvaldo de Carvalho, Proprietário – Manoel Jonas Vasconcelos, Comércio – Geraldo Magela Costa, Comércio – Raimundo Nonato Ramos, Indústria – Tenente Miguel Jorge Vasconcelos – Geraldo Magela da Costa, Comércio.

AMAZONAS – Expedito Lopes Araújo, Comércio – Geraldo Majela Araújo, Comércio – José Gerardo de Paiva, Comércio – José Gerardo Martins Rocha, Comércio – João Carlos Morais, Comércio – Pedro Wilson Rocha, Comércio – Raimundo Arteiro de Paiva, Comércio – Vicente de Paula Carvalho, Comércio – Benedito Vasconcelos, Comércio – Pedro Erasmo Costa, Comércio.

PERNAMBUCO – Pe. Francisco de Assis Magalhães Rocha, Ministério – Sgto. João Bosco de Carvalho, Marinha – José Wilson Fonseca, Comércio.

MARANHÃO – Carlos Alberto de Carvalho, Comércio – Manoel Abdon de Menezes, Indústria.

PIAUÍ – Francisco Deames Adriano, Comércio – Dr. Luiz Rocha Adriano, Militar – Raimundo Edmundo Moura, Tabelião.

BAHIA – Ir. José Getúlio da Silveira, Magistério.

ACRE – José Laécio Lopes de Carvalho, Magistério.

SANTA CATARINA – Sgto. Braz Drumon de Carvalho, Marinha.

MATO GROSSO – Sgto. José Tarcísio Araújo Carvalho, Marinha.

RIO GRANDE DO NORTE – Tomaz de Aquino Vasconcelos, Petrobrás.

RONDÔNIA – José Gerardo Vasconcelos, Indústria.

CURITIBA – Benedito Clodoaldo Pinto, Transporte.

ALAGOAS – Expedito Vasconcelos, Comércio

PARÁ – José Flávio de Vasconcelos, Comércio.

BELACRUZENSES NO ESTRANGEIRO

Fugindo, embora, à regra que nos propusemos, de relacionar neste registro somente pais de família, anotamos duas mães de família, filhas de Bela Cruz, e que moram na Capital do México. São elas: Dra. Maria do Socorro Vasconcelos, que faz ali um Curso de pós-graduação – Dra. Maria Dalila Lopes Adriano Lemus, casada ali com o Dr. Edmundo Lemus Boch.

BELACRUZENSES HONORÁRIOS

Ao longo dos vinte e seis anos de sua existência, como unidade

autônoma da federação cearense, o Município de Bela Cruz, através de seus poderes executivo e legislativo, outorgou o título de Cidadão Belacruzense às seguintes personalidades:

- Cel. Cesar Cals de Oliveira Filho
- Sgto. Edilson Carvalhedo Sampaio
- Dr. Etevaldo Nogueira Lima
- José Milton Oliveira
- Cel. José Adauto Bezerra
- Mons. Joviniano Loiola Sampaio
- Irmã Maria Clara Brasileiro
- Irmã Maria Stela Goés Colares
- Mons. Odécio Loiola Sampaio
- Cel. Orzete Filomeno Ferreira Gomes
- Dr. Paulo Lustosa da Costa
- Raimundo Jovino de Vasconcelos
- Cel. Virgílio de Morais Távora.

BELACRUZENSES EM ACARAÚ

Aqui na cidade de Acaraú moram os seguintes pais de famílias belacruzenses, que integram a comunidade acarauense, como se fossem seus filhos nativos:

– Bertoldo Alves de Lima, aposentado – Benedito Segundo Carneiro comércio – Benedito Fortunato Pires, aposentado – Francisco Djaci de Araujo, Educação – Francisco das Chagas Rocha, aposentado – Francisco Rios Rocha, comércio – Francisco das Chagas Miranda, comércio – Jacques Maritaim Carvalho, comércio – João Batista de Miranda, comércio – José Otacílio Martins Rocha, comércio – João Crisóstomo de Carvalho, comércio – Luiz Ademir Araujo, comércio – Manoel Rocha de Silva, aposentado – Manoel Nicodemos Araujo, aposentado – Simão Pedro de Carvalho, indústria.

F O R M A Ç Ã O P O L Í T I C A

PRIMEIROS PASSOS

Na meia légua de terra doada para constituir o patrimônio da capela de Santa Cruz, aí pelos idos de 1730, começou a nascer o arraial onde atualmente se localiza a cidade de Bela Cruz.

Aliás, como já registramos, parte dessa terra pertenceu à sesmaria obtida por Manoel Dias de Góes, a 20 de setembro de 1683.

Pois bem: graças ao trabalho dos doadores do patrimônio e de outros que ali vieram, posteriormente, o povoado foi, pouco a pouco, progredindo, embora em ritmo vagaroso. Tinha de ser assim.

João da Silveira, Francisco Ferreira Fonteles, Bernardo da Silveira, Inácio de Almeida e outros, representam como que a raiz da vida social e política daquela paragem do Baixo Acaraú.

E com outros que iam aumentando seu contingente populacional, o Capitão Diogo Lopes de Araújo Costa desempenhou um papel relevante dentro do povoado em formação.

Entretanto, no transcorrer do tempo, a partir da segunda metade do século XIX, o que também teve positiva influência na vida política de Santa Cruz e Bela Cruz, foi a ação de alguns belacruzenses que, no curso dos anos, tomaram parte nos poderes executivo e legislativo do município de Acaraú, a cujo território aquela unidade cearense sempre pertenceu até 1957, quando atingiu sua maioridade e conseguiu sua emancipação política.

BELACRUZENSES NA ADMINISTRAÇÃO DE ACARAÙ

Relativamente ao Poder Executivo do município de Acaraú, o mesmo foi ocupado, no defluir dos anos, pelos seguintes filhos de Bela Cruz:

– Manoel de Araújo Costa – 1860
– Simplício de Araújo Costa – 1864
– Manoel Albano da Silveira – 1920
– Manoel Duca da Silveira – 1934 e 1948
– Américo Rocha – 1935 e 1936
– Raimundo Rocha – 1937

Com referência ao Poder Legislativo de Acaraú, os filhos de Bela Cruz eleitos para o mesmo foram os seguintes:

– Manoel de Araújo Costa – 1850
– Simplício de Araújo Costa – 1853
– João Bento de Araújo Costa – 1856
– Venâncio Lopes da Silveira – 1882
– Gabriel Florêncio de Vasconcelos – 1910
– Carolino Lopes de Araújo Costa – 1922
– Manoel Nicodemos Araújo – 1928 e 1936
– Henrique Ibiapino da Rocha – 1951
– Francisco das Chagas Silveira – 1952
– João Damasceno Vasconcelos – 1955
– Benedito Lopes da Silveira – 1955
– Afonso Celso Araújo – 1956
– João Gifoni da Silveira – 1960

Aludidos cidadãos, bem como os referidos no tópico precedente, no andar do tempo, contribuíram com seu quinhão, para imprimir um ritmo mais expressivo na marcha da vida política de Bela Cruz.

JUIZADO DE PAZ – DISTRITO – SUBPREFEITURA

Os primeiros interessados pelo desenvolvimento da povoação, tentavam levar ao Governo provincial os problemas com que se defrontava a comunidade que procurava e merecia um lugar ao sol.

E a luta continuou, até que, no ano da graça de 1888, foi criado ali o Juizado de Paz, pelo então Presidente da Província do Ceará, Dr. Antônio Caio da Silva Prado.

Esse fato, de qualquer maneira, representava alguma cousa, tanto mais quando o primeiro cartório também foi criado naquele ano.

E o tempo prosseguiu, e em data de 9 de setembro de 1917, o Presidente João Tomé de Saboia e Silva, firmou o Decreto nº 21, criando o

distrito de Santa Cruz. E, pela Lei Municipal nº 94, de 29 de junho de 1923, esse Decreto foi como que ratificado. Mencionado diploma.legal tem a seguinte redação:

"Lei nº 94, de 29 de junho de 1923

Cria o Distrito de Santa Cruz

A Câmara Municipal de Acaraú decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica criado o Distrito de Santa Cruz, no território deste município de Acaraú, do Estado do Ceará.

§ 1º – O Distrito criado por esta Lei terá os seguintes limites:

– Ao Norte, uma reta que partindo da Lagoa das Pedras, vai até o lugar Paraguai, e daí à Lagoa dos Caboclos; vai até o marco do Guarda, e daí ao lugar Taboleirinho, em casa da viúva de Miguel Alves de Medeiros; daí ao rio Canema, no lugar São Gonçalo, rumando em linha reta até à conhecida Estrada da Aroeira, e por esta estrada acima, até à Fazenda Córrego da Volta, e daí, Córrego da Volta acima, até o lugar Volta, propriamente dito, na margem esquerda do rio Aracati-mirim, e pelo mesmo rio acima, até a confrontação da fazenda São Francisco; ao Sul, o município de Santana, em suas respectivas extremas com o município de Acaraú; e, ao Poente, as extremas de Granja.

Art. 2º - A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário".

Paço da Prefeitura Municipal de Acaraú, em 29 de junho de 1923.

Manoel Albano da Silveira
Prefeito Municipal

Essa Lei que outorgou à Santa Cruz a categoria de Distrito administrativo, representava naquela época, uma valiosa conquista. E acreditamos que o fato de haver então à frente do Poder Executivo de Acaraú um filho de Santa Cruz, no caso o Cel. Manoel Albano da Silveira, contribuiu decisivamente para a obtenção da mesma conquista.

Em 1937, graças a outro filho de Bela Cruz, Cel. Manoel Duca da Silveira, foi assinada a Lei nº 10, de 18 de fevereiro do mesmo ano, criando uma Subprefeitura na sede daquele Distrito.

O diploma legal que instituiu a Subprefeitura em Bela Cruz, é do teor seguinte:

"Lei nº 10, de 18 de fevereiro de 1937.

Estabelece a Subprefeitura no distrito de Bela Cruz

A Câmara Municipal de Acaraú decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica estabelecida Subprefeitura no distrito de Bela Cruz, deste município de Acaraú, de acordo com o que dispõe o art. 43, da Lei nº 32, de 30 de dezembro de 1935.

Art. 2º – A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário".

Paço da Prefeitura Municipal de Acaraú, em 18 de fevereiro de 1937.

Manoel Duca da Silveira
Prefeito Municipal

Manoel Nicodemos Araújo
Secretário da Prefeitura

MUDANÇA DO TOPÔNIMO

Ao registrarmos algumas notas aqui, demos àquela povoação o nome de Bela Cruz. Entretanto, somente em 1938 o topônimo Santa Cruz foi substituído pelo de Bela Cruz, por força da Lei federal de 2 de março daquele ano, firmada pelo Presidente Getúlio Vargas.

Para nós é muito gratificante informar que essa nova denominação foi dada por sugestão nossa, na impossibilidade de aquela terra querida continuar com o primitivo nome de Santa Cruz, como desejamos.

Foi com esse nome, que o distrito de Bela Cruz, pela vontade e atuação de seu povo, através de seus legítimos representantes, iniciou a luta pela criação do município.

A CAMPANHA DA EMANCIPAÇÃO

Na verdade, o desejo de erigir-se em unidade autônoma da federação cearense, naquela época constituía a aspiração máxima da população de Bela Cruz, em todos os seus segmentos sociais.

O empenho demonstrado no alvorecer do presente século, por João Batista da Silveira, Professor Nicácio Barbosa Cordeiro, Miguel Lopes de Araújo Costa, Gabriel Florêncio de Vasconcelos, José Lopes da Silveira, Francisco Romão de Carvalho e outros, eclodia agora entre os seus descendentes.

O tempo continuava em sua marcha que ninguém pode interromper, e a esperança continuava também, a despeito de todos os obstáculos que a comunidade belacruzense enfrentava, nessa batalha de tantos anos.

Compartilhando, como sempre, dos problemas ligados à expansão

de nossa terra-berço, em jornal O ACARAÚ, edição de 1 de outubro de 1952, escrevemos um artigo em que diziamos:

"Esboça-se na florescente vila de Bela Cruz, um notável movimento, no sentido de conseguir a elevação daquele distrito à categoria de município, na próxima divisão territorial do País, a realizar-se em 1952, de conformidade com o que preceitua o Decreto Federal nº 1114".

"Muito justa a pretensão dos belacruzenses, pois aquele adiantado distrito conta uma população estimada em doze mil habitantes, sendo cerca de dois mil no perímetro urbano da sede".

Efetivamente, providências foram tomadas, por que se aproveitasse o preceito de outro decreto, o de nº 311, de 2 de março de 1938, na busca de conseguir aquilo que a gente de Bela Cruz há tanto tempo almejava.

É assim, que José Ludgero da Silveira, um dos primeiros soldados dessa gloriosa batalha, em data de 1 de outubro de 1953, deu entrada na Assembléia Legislativa do Ceará, de um requerimento assinado por 130 eleitoras, pedindo a elevação do distrito de Bela Cruz a município.

Seguindo sua tramitação, naquela Casa do Povo, de acordo com a legislação pertinente, no dia 19 daquele mês o processo chegou à Câmara Municipal de Acaraú, para o necessário julgamento.

Infelizmente, porém, o poder legislativo deste município, não se conformando com as linhas divisórias ali estabelecidas, que eram as mesmas do distrito, negou aprovação à matéria, e devolveu o processo à Assembléia, ainda com um protesto do Vereador Antônio Ferreira Sales, em nome de seus pares naquela casa de legislação municipal.

E o requerimento foi arquivado, sem que o nobre povo de Bela Cruz visse concretizado em realidade, aquilo que tanto e tanto desejava. Bela Cruz perdera, assim, aquela oportunidade. E somente depois de 5 anos, poderia tentar novamente a consecução de seu objetivo.

Coerente com os nossos sentimentos e com a nossa posição, no jornal O ACARAÚ de 6 de janeiro de 1954, escreviamos:

"E eu que formei ao lado daquele povo irmão, nessa cruzada libertária, aqui estou solidário com ele em sua vicissitude, e com ele solidário também, na esperança de uma feliz oportunidade, em que possamos ver nosso sonho convertido em possitiva realidade, para o bem daquele amado pedaço do chão cearense".

Acontece que nem por um momento arrefeceu no coração do povo belacruzense o desejo incoercível de "crescer, criar, subir", como diria o Poeta dos Escravos.

Ao contrário, com o perpassar dos anos, mais se arraigava e mais aumentava naquela comunidade a vontade de auto-dominar-se, objetivando o desenvolvimento maior de que a terra e seu povo realmente estavam precisando, com indiscutível merecimento.

E assim pensando, no ano de 1956 a memorável campanha foi recomeçada, com mais ardor e mais esperança.

E então o distrito de Bela Cruz contava com um prestigioso advogado na Assembléia Legislativa. Era o deputado Manoel Gomes Sales que, inegavelmente, se constituiu o maior baluarte do movimento.

Nestas condições, e com novos limites para o município a ser criado, novo requerimento foi enviado à Assembleia. E em 19 de setembro daquele ano, mesmo requerimento chegou à Câmara Municipal de Acaraú. E esta recebendo a matéria, aprovou, por unanimidade de seus membros, o desmembramento do território acarauense da área requerida para formar o novo município, área estimada em 680 km².

O saudoso belacruzense Manoel Damião da Silveira, a professora Neuda Vasconcelos, o poeta João Damasceno Vasconcelos e o professor José Silva, na época publicaram judiciosos artigos no jornal O ACARAÚ, justificando e prestigiando a campanha que constituiu o mais importante capítulo da história daquela próspera unidade cearense.

Mesmo com a aprovação da Câmara, uma boa parte da população de Acaraú estava descontente com a perda do quinhão de terra destinado ao então futuro município de Bela Cruz.

Então, sob o título "A Razão de Bela Cruz", escrevemos, no jornal O ACARAÚ, três artigos sucessivos, em linguagem serena e conciliatória, tentando mostrar o direito que assistia ao povo de Acaraú, procurando defender a integridade do território de seu município, e a razão, mais justa ainda, da população de Bela Cruz, reconhecendo seu distrito em condições de elevar-se à unidade autônoma do Estado.

Sucede que a comunidade belacruzense contava, também, com a boa vontade de um seu eminente filho, que era o Cel. Manoel Duca da Silveira, que então ocupava o cargo de Prefeito de Acaraú. Estavamos, então, no cargo de Secretário da Prefeitura, e podemos constatar o quanto a atitude daquele saudoso filho de Bela Cruz contribuiu, para acalmar os ânimos mais exaltados, naquela conjuntura.

O deputado Manoel Gomes Sales, já no dia 20 de setembro fez entrega à Mesa da Assembléia, do processo já instruido com seu parecer de Relator. E a 14 de dezembro aquela Casa do Povo aprovou o Plebiscito, a realizar-se a 30 daquele mês.

A Junta Plebiscitária ficou constituida dos srs. Pe. Odécio Loiola Sampaio, Francisco Chagas Silveira e Manoel Nicodemos Araújo.

O PLEBISCITO

Uma vez instalada a Junta Plebiscitária, o que ocorreu a 17 de

dezembro, tiveram início, em ritmo acelerado, os trabalhos de qualificação do eleitorado da importante consulta popular.

Contando com a manifesta boa vontade do povo, tudo ocorreu conforme o plano elaborado para a eleição. E no dia 30 de dezembro de 1956, teve realização o tão esperado Plebiscito distrital, o qual decorreu em perfeita normalidade.

Funcionaram cinco Seções, sendo 3 na sede do distrito, uma no povoado de Prata e uma no povoado de São Gonçalo. Compareceram às urnas 1.060 eleitores. E, após a apuração dos sufrágios, tivemos o seguinte resultado: 1.053 responderam SIM, 1 respondeu NÃO, e 6 votaram em branco.

O deputado Manoel Gomes Sales orientou e ajudou nos trabalhos até o seu final, manifestando um interesse que somente o faria um filho de Bela Cruz, que verdadeiramente amasse a seu povo.

CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO

Em sessão realizada a 29 de janeiro de 1957, a Assembléia Legislativa do Ceará, por unanimidade de seus membros componentes, deu aprovação ao Plebiscito, outorgando ao Governador do Estado a necessária autorização para a sanção da Lei que criaria Município de Bela Cruz.

A Lei que criou o Município de Bela Cruz, tomou o nº 3.538, e é datada de 23 de fevereiro de 1957. Tudo depois de observado o preceito legal. E o Dr. Paulo Sarasate Ferreira Lopes, então Governador do Estado do Ceará, fez questão de vir à Bela Cruz, para assinar ali mesmo o mencionado diploma legal.

No jornal O ACARAÚ, edição de 25 de março de 1957, inserimos a seguinte reportagem que aqui transcrevemos, como documento válido para a história daquele município cearense:

"O Sr. Governador, cumprindo promessa feita quando de sua campanha de candidato, veio àquela novel cidade, apor sua assinatura à referida Lei, fazendo-se acompanhar de brilhante comitiva constituida dos Srs. deputado Virgílio Távora, Dr. Marcelo Sanford, do Diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, Cel. Manoel Albano da Silveira e Cap. Antônio Lisboa. Ali foi recebido no campo de pouso, por uma comissão formada pelo deputado Manoel Gomes Sales, Cel. Manoel Duca da Silveira, Pe. Odécio Loiola Sampaio, Dr. Geraldo Benoni Gomes da Silveira, Cel. Manoel Lousada, Pe. Egberto Andrade, Manoel Damião da Silveira, Subprefeito Mário Lousada e diversas outras pessoas gradas de Acaraú e Bela Cruz.

"Uma banda de música da Força Policial do Estado e o Serviço de Autofalantes" A Voz de Bela Cruz "emprestaram sua colaboração aos

festejos".

"As ruas estavam engalanadas com faixas em homenagem aos batalhadores daquele memorável acontecimento histórico".

"A sessão para assinatura da Lei que outorgava emancipação política ao Município de Bela Cruz, foi realizada sobre um enorme palanque armado em frente ao palacete do Subprefeito Mário Lousada, falando pela ordem, os Srs. Vereador João Damasceno Vasconcelos, deputado Manoel Gomes Sales, Damião Silveira, Pe. Odécio Loiola Sampaio, professora Neuma Vasconcelos, e por último o Governador Paulo Sarazate. A palavra de S. Excia. foi recebida com intensa vibração, pela multidão que enchia literalmente a praça, e que foi estimada em cinco mil pessoas . . . "

A LEI 3.538

Em cumprimento ao nosso propósito, que é tentar conservar para a história de Bela Cruz os documentos de maior importância ligados àquela comunidade, respingamos a seguir, o teor da Lei que criou o Município:

"Lei nº 3.538, de fevereiro de 1957.

Cria o Município de Bela Cruz, com os limites que indica:

O Governador do Estado do Ceará

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica criado o Município de Bela Cruz, com sede na vila deste nome, com os seguintes limites:

a) A leste, com o Município de Acaraú:

Começa no ponto onde a rodovia Itapipoca-Acaraú incide com a reta que parte da confluência do Riacho dos Caibros à parte mais meridional, Lagoa de Santa Rosa, nos limites com os municípios de Marco e Acaraú; daí desce pela mesma rodovia até encontrar o projetado ramal rodoviário que liga esta rodovia à vila de Bela Cruz; daí segue pelo referido ramal rodoviário até o rio Acaraú, e por este até o lugar Genipapeiro.

b) Ao norte, ainda com o Município de Acaraú:

Começa no lugar Genipapeiro e segue pela estrada carroçável que vai de Acaraú à povoação de Prata (inclusive); daí prossegue rumo ao lugar Baixinha, fazenda de José Fonteles, inclusive, pelo travessão existente, separatório das terras de Minervino Vasconcelos com Luiz Pereira Brandão; daí prossegue pela estrada carroçável referida, passando pelos lugares Caldeirão e Juazeiro, seguindo ainda pela mesma carroçável, até o lugar Aroeira, fazenda de Virgílio Romão, inclusive; daí, por uma reta, vai ao Córrego de Dentro até encontrar a carroçável que recebe o seu nome, e por ela prossegue até os limites com o município de Camocim;

c) A oeste, com o Município de Camocim:

Os limites são os existentes entre esse município e o de Acaraú, até às nascentes do Córrego de Dentro.

d) Ao sul, com o município de Marco:

Os limites são os existentes entre este município e o de Acaraú, até o ponto onde a rodovia Itapipoca-Acaraú incide com a reta que vai à confluência do riacho dos Caibros à parte mais meridional da Lagoa de Santa Rosa.

Art. 2º – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Ceará, em Fortaleza, aos 23 de fevereiro de 1957.

PAULO SARASATE
Odilon Aguiar Filho

Esta Lei foi publicada no Diário Oficial de 16 de março de 1957.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Somente quase dois anos depois da criação do município, isto é, em data de 3 de outubro de 1958, tiveram realização as eleições para escolha do primeiro Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores à primeira Câmara Municipal de Bela Cruz.

Os partidos políticos que então tinham vida ativa no Ceará, eram: União Democrática Nacional e Partido Social Democrático."

E a força máxima desta batalha cívica era U. D. N. E Bela Cruz representava, então, a grande expressividade desse partido no município de Acaraú.

Em razão disso, para as primeiras eleições da nova unidade do Estado do Ceará, o P. S. D. nem apresentou candidatos para o poder executivo.

Nestas condições, concorreu ao pleito de 3 de outubro, apenas uma chapa, indicando os Srs. Mário Domingues Lousada e José Anselmo Araújo, para os cargos de Prefeito e Vice-Prefeito, respectivamente.

Dos 2.879 eleitores então inscritos naquele distrito, compareceram e votaram 2.157, sufragando os nomes indicados para compor os dois poderes.

A cerimônia de posse dos eleitos, aconteceu a 25 de março de 1959. E a primeira Câmara de Vereadores do município de Bela Cruz, ficou formada da seguinte maneira:

Presidente: Raimundo Magalhães Rocha; Secretário: Geraldo Fonteles de Carvalho; outros componentes: Benedito Lopes da Silveira, Geraldo Silveira Rocha, João Osmar de Freitas, João Batista da Rocha e Marino Pereira Brandão.

INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO

Para que fique registrada na história de Bela Cruz, copiamos aqui a ata de instalação do município:

"Às catorze horas do dia vinte e cinco (25) do mês de março do ano de mil novecentos e cinquenta e nove (1959), nesta cidade de Bela Cruz, sede do município de igual denominação, no edifício destinado ao funcionamento da Câmara Municipal, presentes o Exmo. Sr. Mário Domingues Lousada, Prefeito desta Comuna, e o Sr. José Anselmo Araújo, Vice-Prefeito, eleitos no pleito de três (3) de outubro de mil novecentos e cinquenta e oito (1958), reuniu-se a Câmara com a presença dos Srs. Vereadores Raimundo Magalhães Rocha, Geraldo Fonteles de Carvalho, João Batista da Rocha e Benedito Lopes da Silveira, sob a presidência do Sr. Raimundo Magalhães Rocha, comigo Vereador Geraldo Fonteles de Carvalho, Secretário da Mesa. Havendo número legal, o Sr. Presidente abriu os trabalhos desta sessão, cuja finalidade é inaugurar a primeira legislatura da Câmara, dar posse ao Prefeito e tomar o compromisso do Vice-Prefeito, eleitos a três (3) de outubro de mil novecentos e cinquenta e oito (1958) e, com suas presenças, proceder a instalação do Município criado pela Lei Estadual nº 3.538, de 23 de fevereiro de 1957, com território desmembrado do Município de Acaraú. Presente a maioria absoluta dos Vereadores, foi lida e aprovada a ata da sessão preparatória, realizada às 14 horas de ontem, nesta cidade. Logo depois o Sr. Presidente declarou instalada a primeira legislatura da Câmara Municipal de Bela Cruz. A seguir, convidou o cidadão Mário Domingues Lousada, Prefeito eleito desta Comuna, e cidadão José Anselmo Araújo, Vice-Prefeito, a proferiram o compromisso legal do cargo. De pé, perante a Câmara, cada um por sua vez, prestou o seguinte compromisso: "Prometo com lealdade desempenhar as funções de Prefeito, defender as instituições e cumprir as leis". Diante do juramento prestado, a Mesa, pela palavra de seu Presidente, declarou empossado no cargo de Prefeito de Bela Cruz, o cidadão Mário Domingues Lousada. E então, com sua presença e a do Vice-Prefeito compromissado, declarou instalado o novo Município de Bela Cruz, criado pela Lei nº 3.538, de 23 de fevereiro de 1957, e constituído com território desmembrado do Município de Acaraú. Concedido, após estas cerimônias, pelo Sr. Presidente, o uso da palavra, usaram-na, pela ordem cronológica, os Srs. João Damasceno Vasconcelos, que saudou as autoridades empossadas, em nome do povo de Bela Cruz, e Deusdedit Freitas, Agente dos Correios e Telégrafos nesta cidade, pronunciando um verdadeiro panagírico às autoridades eleitas e empossadas. Em seguida o Revmo. Pe. Odécio Loiola Sampaio, dd. Vigário da Paróquia, pronunciou empolgante discurso sobre a significação desta solenidade, convidando as autoridades e o povo em geral, a cooperarem com união de vistas e

patriotismo esclarecido, para a grandeza e o progresso de Bela Cruz. E, como nada mais houvesse a tratar, o Sr. Presidente levantou os trabalhos da presente sessão, da qual, para constar, lavrei esta ata que vai assinada pela Mesa, pelos Vereadores presentes, pelo Prefeito empossado, pelo Vice-Prefeito compromissado, e pelo Revmo. Vigário da Paróquia".

DISTRITO DE PRATA

Logo a 30 de dezembro de 1958, antes, portanto, da instalação do Município de Bela Cruz, por efeito da Lei nº 4.439, da mesma data, o Dr. Flávio Portela Marcílio, então Governador do Estado do Ceará, criou o distrito de Prata, cuja superfície cobre uma área de 300 km2.

Mencionada providência veio trazer justificado regozijo não somente para aquela comunidade, mas também para os lugares vizinhos.

A Lei nº 4.439 é redigida nos seguintes termos:

"Lei nº 4.439, de 30 de dezembro de 1958.

Cria o distrito denominado Prata, no município de Bela Cruz e dá outras providências.

O Governador do Estado do Ceará.

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica criado no município de Bela Cruz, o distrito denominado Prata, com os limites territoriais a seguir especificados, o qual terá sua sede elevada à categoria de vila.

a) Ao sul, com o distrito da sede:

Parte da casa principal da Fazenda Santo Izidro, nas proximidades dos limites intermunicipais com Camocim; segue daí para alcançar o travessão divisório das terras de propriedade de José de Paula Pessoa e Manoel Vieira: segue pelo mesmo travessão até o lugar São Geraldo, onde termina; daí segue por uma reta até encontrar o travessão divisório entre as terras de Miguel Dias e João Lopes Sobrinho, pelo qual segue até o término; segue daí até encontrar o rio Acaraú.

b) Ao nascente, ainda com o distrito sede:

Parte do rio Acaraú, no lugar onde ele recebe o riacho Canema, desce o rio Acaraú até encontrar os limites intermunicipais entre Acaraú e Bela Cruz.

Art. 2º – O distrito ora criado por esta lei, deverá ser incluído na primeira Lei de Organização Administrativa Territorial do Estado que se seguir no lugar correspondente, integrando o município de Bela Cruz.

Art. 3º – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado do Ceará, em Fortaleza, aos 30 de dezembro de 1958.

FLÁVIO MARCILIO
Bento Costa Lima Leite de Albuquerque

Em data de 23 de julho de 1959, o Prefeito Mário Domingues Lousada, sancionou a Lei nº 14, de mesma data, delimitando a área urbana da vila de Prata. E, pela Lei nº 43, de 24 de março de 1961, aquele mesmo Edil estabeleceu Subprefeitura naquele distrito, atendendo aos apelos de sua população.

DIRIGENTES DE BELA CRUZ

Damos, a seguir, uma relação nominal dos Administradores de Bela Cruz, a partir da criação da Subprefeitura, a 18 de fevereiro de 1937:

SUBPREFEITOS:

Benedito Meneres de Carvalho, 20.2.1937 a 30.4.1944
Osvaldo Damasceno Maranhão, 2.5.1945 a 31.1.1946
José Ludgero da Silveira, 1.2.1946 a 13.12.1946
Ibério Murilo Zacas, 13.12.1946 a 16.3.1947
Mário Domingues Lousada, 17.3.1947 a 27.2.1951
Benjamin Mendes de Sousa, 28.2.1951 a 28.2.1952
Agripino Dias da Silveira, 1.3.1952 a 26.3.1955
Mário Domingues Lousada, 26.3.1955 a 2.9.1957
Benedito Lopes da Silveira, 3.9.1957 a 24.3.1959

PREFEITOS MUNICIPAIS:

Mário Domingues Lousada, 25.3.1959 a 19.12.1961
José Anselmo Araújo, 20.12.1961 a 25.3.1963
Expedito Deroci Vasconcelos, 25.3.1963 a 25.3.1967
José Ludgero da Silveira, 25.3.1967 a 25.3.1971
José Milton Oliveira, 25.3.1971 a 31.1.1973
Raimundo Jovino de Vasconcelos, 25.3.1973 a 25.3.1977
Júlio França de Sousa Neto, 31.1.1977 a 31.1.1983

Geraldo Wilson Araújo, que tomou posse a 31.1.1983, com o Vice-Prefeito João Bernardino Pontes.

JUBILEU DE PRATA DO MUNICÍPIO

A 23 de fevereiro de 1982, Bela Cruz comemorou o 25º aniversário da criação do município.

O então prefeito, Júlio França de Sousa Neto, apoiado por todos os segmentos da sociedade belacruzense, promoveu uma comemoração digna de tão importante evento histórico.

Naquela data ali esteve o então Governador Virgílio Távora, prestigiando as festas, que constaram de: Alvorada festiva, missa em ação de graças, sessão cívica, tarde esportiva, festa dançante etc.

O povo de Bela Cruz tomou porte em todas as solenidades, e foram, então, inauguradas várias obras da administração Júlio França.

ELEIÇÕES DE 1982

Por ocasião das eleições realizadas em todo o território nacional, a 15 de novembro de 1982, haviam inscritos no Cartório Eleitoral do Município de Bela Cruz, 7.250 eleitores, e compareceram às urnas 6.846, registrando-se, destarte, uma abstenção de apenas 404 eleitores, o que representa uma louvável compreensão de seus deveres cívicos por parte de seu eleitorado.

CÂMARA MUNICIPAL

A atual Câmara Municipal de Bela Cruz, teve seus componentes eleitos a 15 de novembro de 1982, e está constituida da seguinte maneira:

Presidente – Raimundo Edmar Pires, 426 votos; Secretária – Eliana Gualberto Carneiro, 365 votos; demais Vereadores: Edmilson Almeida Fernandes, 370 votos; Gabriel Assis de Araújo Vasconcelos, 501 votos; José Edmar Fonteles, 683 votos; José Augusto Araújo, 440 votos; José Everardo Araújo, 564 votos; Milton José Vasconcelos, 379 votos; Pedro José da Silveira, 364 votos.

EXPANSÃO DEMOGRÁFICA

Não obstante o número mais ou menos expressivo de famílias e pessoas que, no curso dos anos, se têm retirado de Bela Cruz, por diferentes motivos, não só da sede municipal, como também do interior do município, o aumento da população ali registrada tem sido normal.

Foge da norma apenas o número da população urbana entre 1960 e 1970, isto em decorrência da ampliação do perímetro urbano da sede municipal, ocorrida na época.

É assim que, de acordo com os números apurados pela Fundação IBGE, nos Recenseamentos realizados nos três últimos decênios, o efetivo populacional daquele município obedeceu à seguinte escala:

ANOS	POPULAÇÃO		TOTAL
	Urbana	Rural	
1960 1970 1980	2.509 5.427 6.826	10.221 12.869 15.251	12.730 18.316, 22.077

SÍMBOLOS DO MUNICÍPIO

A Bandeira do município de Bela Cruz foi instituída pelo Prefeito José Milton Oliveira, através da Lei nº 227, de 21 de novembro de 1973. O desenho é do escultor Joca Lopes, e constitui, pela sua expressividade, a marca do talento e da sensibilidade artística daquele ilustre filho de Bela Cruz.

O Hino oficial de Bela Cruz foi escrito pelo poeta belacruzense, João Damasceno Vasconcelos, com música do mesmo Joca Lopes. Letra e música atestam, de modo brilhante, a capacidade intelectiva desses dois autênticos valores da cultura e da arte.

VIDA RELIGIOSA

A CAPELA DA GENUVENA

Segundo reza a tradição, aí pelo ano de 1730, quando chegou à localidade onde hoje assenta a cidade de Bela Cruz, a velha mulata Genuveva, da qual falamos em outra nota deste despretensioso trabalho, também ali vieram morar algumas famílias.

Antônio da Silveira, Inácio de Almeida, Bernardo da Silveira, João da Silveira, e outros, ao que consta, foram construindo suas residências mesmo no alto, vizinho à casa de Genuveva.

E como era natural que acontecesse, muito cedo aquelas famílias sentiram a necessidade de levantar, ali mesmo, uma capelinha, onde pudessem realizar os atos do culto, em comum, no exercício da fé cristã.

Naquela época a crença era mais profunda e mais forte do que nos tempos atuais, quando um mundo de problemas sufoca o povo, na angústia de dificuldades de toda ordem que marcam o chamado "século do progresso".

Pois bem: aqueles primitivos elementos da comunidade nascente, sem perca de tempo, "meteram mãos à obra", todos à uma, inclusive mulheres e crianças, o que hoje se chamaria regime de mutirão.

E tal foi o interesse, e tais foram os esforços empregados, que dentro de um período relativamente curto, o pequeno templo, consagrado à Nossa Senhora da Conceição, estava de pé. Isto aí pelo ano de 1732.

Construída de tijolos e coberta de telhas, a capela, embora acanhada em suas dimensões, constituia o primeiro sinal de fé, no povoado em formação.

Como fala o historiador Gustavo Barroso, tem sido sempre assim: "É a capela que surge, a igreja que a substitui e, enfim, a Matriz em torno da qual a vila é formada e ali se transforma em cidade. Preside a tudo o espírito cristão. É a sombra da cruz que assim povoa e civiliza o deserto".

Sobre a bênção do templo há duas versões, ambas na base do "ouvi dizer": a primeira, informa que a cerimônia teve lugar ainda em 1732, pelo Visitador do Curato de Sobral, Pe. Sebastião Vogado Souto Maior, e a segunda diz que a bênção teria sido oficiada somente em 1733, por um frade franciscano de nome João de Maria, que então teria mudado o topônimo da localidade de "Alto da Genuveva", para Santa Cruz.

O que não sofre dúvida, é o fato de a igrejinha haver sido edificada em 1732. Mencionada assertiva é confirmada pelo escritor José Vicente França Cavalcante, na Revista do Instituto do Ceará, edição de 1909, que informa: "3ª capela – a de N. S. da Conceição, de Santa Cruz, erigida em 1732, segundo escritura no princípio do Livro da dita capela, de ordem do R. Dr. Visitador Machado Freire, no ano de 1747".

Dom José Tupinambá da Frota, em "História de Sobral", p. 70, confirma que no ano de 1747 foram feitos os livros da capela, em cumprimento de uma ordem do Pe. Dr. Manoel Freire, Visitador que ali esteve naquele ano.

AMPLIAÇÃO DA CAPELA

Sucede que, no transfluir dos anos, com o aumento da população local, a capelinha passou a reclamar ampliação, tanto mais quando, naquele tempo, e até muito depois, os templos eram utilizados também para inumações de cadáveres.

E na igrejinha de Santa Cruz eram sepultados até os defuntos levados da então vila de Acaraú, onde havia apenas uma Casa de Orações.

Tanto isto é verdade, que, quando o Cônego Antônio Pinto de Mendonça esteve em Acaraú, em Visita Pastoral, no ano de 1849, deixou para o então Vigário daquela Freguesia, Pe. Antônio Xavier de Maria Castro, a seguinte recomendação:

"E enquanto não se edifica a Igreja Matriz, faça-se um Cemitério em que possam sepultar os corpos dos que morrerem, visto que na pequena Casa de Orações se não dar jazigo algum, e é muito incômodo conduzir os corpos para a Capela de Santa Cruz, como tem sido costume, na distância de quatro léguas".

"Cronologia Sobralense", v. I, p. 132, registra que a capela de Santa Cruz, em 1742 já fora visitada pelo Visitador Pe. Lino Gomes Correia.

PADRE IBIAPINA

Falemos agora sobre o célebre missionário apostólico, Pe. José Antônio de Maria Ibiapina, a quem a comunidade santacruzense deve um serviço realmente notável.

Esse extraordinário homem de fé e de trabalho, ordenou-se sacerdote aos 47 anos de idade, depois de formar-se em direito, de exercer vários cargos públicos, de conspirar contra o governo e de viver um período mais ou menos atribulado.

Todavia, foi na missão de padre da Igreja Católica, que o grande missionário mais se notabilizou, pelo seu labor admirável, não só na difusão das verdades evangélicas, mas também na construção de obras nas comunidades que visitou, nas Províncias do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Pernambuco.

Alberto Amaral inseriu na "História de Sobral", de Dom José, um esboço biográfico do famoso sacerdote, onde afirma que "não somente evangelizou os sertões, mas, por onde passou, deixou traços inapagáveis de sua passagem, como homem de letras e de vasta erudição e como um dos mais brilhantes oradores sacros".

Essa digressão vem a propósito da reforma que o Pe. Ibiapina efetuou na capela de Santa Cruz, em 1872. Aliás, Dom José Tupinambá da Frota nos dá conhecimento de que ele "construiu na povoação de Santa Cruz uma igreja e um açude".

Em verdade, o grande sacerdote sobralense como que edificou uma capela sobre a outra, pelas dimensões com que ficou aquele templo depois dessa restauração.

A reforma em referência foi feita em obediência à Provisão passada, em 1767, pelo Pe. José Teixeira de Azevedo, "para que se edificasse a capela-mor da igreja de Santa Cruz, porque o corpo está muito velho".

Ainda com relação à visita do Pe. Ibiapina, devemos esclarecer que em nossa monografia intitulada "Bela Cruz – De Prédio Rústico é Cidade", no título "Os Missionários", deu-se um erro tipográfico, pois foi registrado ali que aquele sacerdote esteve em Santa Cruz em 1827, quando tal visita ocorreu em 1872. Foi apenas uma troca de algarismos.

Com atinência a essa recuperação da igrejinha, foi um trabalho rápido, como procedia o Pe. Ibiapina. Em regra geral, ele fazia suas construções juntamente com o povo. E sempre em tempo record, visto que tinha a visitar centenas de povoações, em diferentes Províncias.

E, em consequência, várias obras que construiu se ressentiam da solidez e perfeição por ele desejadas.

A capela do "Alto da Genuveva", ao que se diz, depois de um quarto

de século dos trabalhos do Pe. Ibiapina, começou a apresentar ruturas nas paredes, e o teto ameaçava desabar.

MUDANÇA DA CAPELA

Naquela conjuntura, o jeito era demolir a igrejinha. E a comunidade, cujo contingente já tinha aumentado sensivelmente, houve por bem mandar reconstruí-la na planície localizada a sudeste do "Alto da Genuveva".

Ali já existia um expressivo número de moradias; e a preferência pelo local tinha duas razões: a primeira, é que no alto não havia mais terreno adequado à construção de prédios; a segunda, é que na planície havia facilidade para construções, tanto pela natureza do terreno, como pela proximidade da Ipueira, de onde a água era retirada até para o consumo doméstico.

Desta maneira, no ano de 1798, a chamada Capela da Genuveva foi demolida. E, de imediato teve início a construção de outra capela, exatamente no ponto onde hoje se ostenta a majestosa Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, da cidade de Bela Cruz.

E, segundo consta, esse trabalho foi executado, parte sob a direção do renomado frade capuchinho italiano, Frei Vidal de Frescarolo – o conhecido Frei Vidal da Penha, que nessa época teria visitado, em desobriga, aquela tradicional povoação ribeirinha.

Como que reforçando tal notícia, o escritor João Brígido, em seu livro "Ceará-Homens e Fatos", p. 426, informa que em 1796 esse grande orador sacro chegou à Fortaleza, com a incumbência de abrir as Missões. Ele vinha por ordem de seu chefe em Pernambuco, atendendo apelo da Câmara do Ceará.

O que é fato, é que a construção do novo templo, trabalho em que tomou parte a comunidade em peso, foi concluida no mesmo ano em que começou.

REFORMAS DA CAPELA

Um século mais tarde, isto é, no ano de 1894, o Pe. Francisco Teófilo de Maria Vasconcelos, então Coadjutor do Vigário de Santana, procedeu a uma notável reforma na capela.

O operoso sacerdote santanense demorou naquela povoação apenas dois meses – novembro e dezembro. Esse tempo, no entanto, foi suficiente para que a igrejinha tivesse um novo consistório, paredes reparadas e pintadas interna e externamente.

É de justiça registrar aqui o nome daqueles que mais se empenharam na participação desses trabalhos. Entre outros, mencionamos: Florêncio José de Morais, João Lopes de Araújo, José

Fonteles da Silveira, Antonino Lopes de Araújo, Manoel Antônio de Vasconcelos e Manoel da Silveira, que naquele ano exercia as funções de Fabriqueiro do patrimônio da capela. Quinhentos mil réis foi o valor da contribuição do Governo Provincial, para os trabalhos do velho templo.

Depois dessa reforma e ampliação, a capela ficou medindo 120 palmos de comprimento por 50 palmos de largura, ou seja, seis mil palmos quadrados.

No patamar da capela foi erguido um cruzeiro, sobre um pedestal de alvenaria. Era uma grande cruz "a esmero fabricada de duas grossas de aroeira", como a "Cruz Milagrosa", do saudoso Pe. Antônio Tomás. Ele que, nas funções de Vigário da Freguesia de Acaraú, evangelizou a Comunidade santacruzense durante o período de 30 anos, em sua missão de pastor de almas.

Nos braços do cruzeiro, de um lado havia uma pequena escada, uma coroa de farpas, um martelo e alguns cravos, simbolizando a Paixão de Jesus; do outro lado foi colocado um galo feito de zinco, possivelmente lembrando as negações de Pedro.

Esse cruzeiro foi retirado com a penúltima reforma da capela.

No primeiro quartel deste século, em 1923, o então Vigário de Acaraú, Pe. Antônio Tomás, juntamente com o Fabriqueiro Manoel Duca da Silveira, com permissão de Dom José Tupinambá da Frota, empreendeu uma grande reforma naquele templo.

Foi então constituida uma Comissão de vontadosos santacruzenses, para angariar recursos e desempenhar tarefas ligadas à obra. Mesma Comissão ficou integrada dos Srs. Emília Fonteles da Silveira, Francisco das Chagas Maranhão, Gabriel Florêncio de Vasconcelos, José Lopes da Silveira e Manoel Damião da Silveira.

O projeto pretendia dar uma nova fisionomia ao templo, substituindo-lhe o antigo aspecto por novas linhas arquiteturiais.

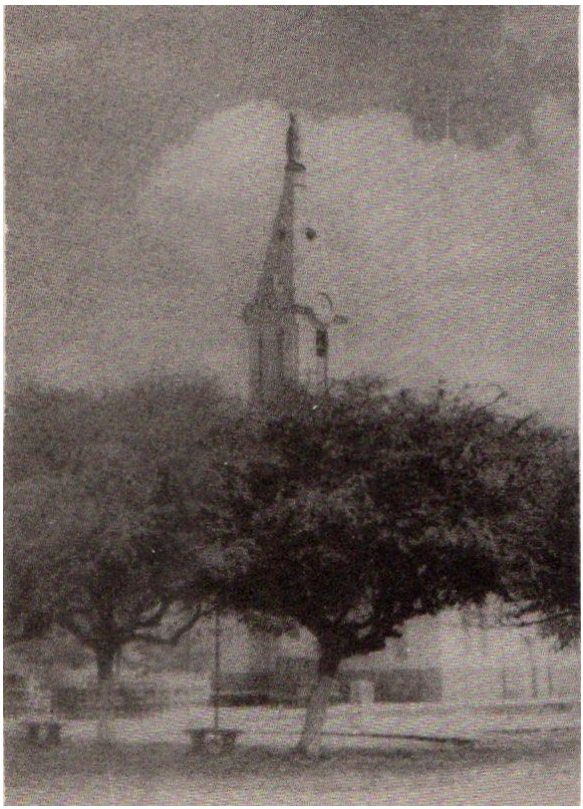
Sob a supervisão do saudoso sacerdote santanense, Pe. Severiano – Joaquim Severiano de Vasconcelos – que durante alguns meses permaneceu na povoação, a obra foi iniciada.

Então o teto foi derribado a quase todas as paredes foram demolidas. E uma nova igreja foi levantada, dentro do plano estabelecido.

Entretanto, não obstante a boa vontade dos promotores da obra, logo depois os trabalhos passaram a ser executados muito lentamente, por carência de recursos.

Todavia a igreja foi pintada por dentro. E os atos religiosos foram sendo realizados ali mesmo.

A IGREJA MATRIZ



Com a criação da Paróquia de Bela Cruz, seu respectivo Vigário, Pe. Odécio Loiola Sampaio, em 1945, deu início a uma recuperação total da igreja, já então na categoria de Matriz.

Consoante a planta elaborada, os trabalhos foram orientados pelo arquiteto italiano, Agostinho Odísio Baume, sob a supervisão do Pe. Odécio, que tinha o maior empenho pela perfeição da obra.

E depois de três anos de aturado trabalho, como diria Antônio Bezerra, a Paróquia de Bela Cruz possuia um dos templos mais belos e mais bem construidos do Ceará.

A Igreja Matriz, cuja área construida mede 1980 m², com 750m² de área coberta, construida em forma de cruz, teve sua frente voltada para o lado oeste. Sua torre mede 35 metros de altura, encimada por uma escultura da Virgem da Conceição, medindo 3 metros, e que é uma autêntica obra de arte sacra.

A construção obedeceu o estilo moderno de prédios desta natureza, e o teto, com seu forro colorido, o altar-mor e todo o interior da igreja revelam o bom gosto e o cuidado com que a obra foi executada.

As solenidades da bênção do imponente templo, teve realização a 21 de setembro de 1948, oficiada por Mons. Olavo Passos, então Vigário Geral da Diocese de Sobral.

A missa solene comemorativa daquele importante evento religioso, teve a participação dos seguintes sacerdotes: Mons. Odécio Loiola Sampaio, Mons. Gerardo Ferreira Gomes, Mons. Joviniano Loiola Sampaio, Mons. José Aloísio Pinto, Pe. Egberto Andrade, Pe. Expedito Silveira de Sousa, Pe. José Aristides Cardoso, Mons. José Osmar Carneiro e Pe. Cauby Jardim Pontes.

A IGREJA MATRIZ ATUALMENTE

Presentemente, a Igreja Matriz de Bela Cruz, que sempre mereceu cuidados especiais de seu Vigário, está cada vez mais bem conservada, com pintura nova, rodapé interno de cerâmica esmaltada, e provida de modo a atender plenamente à comodidade dos fiéis que a frequentam.

Em 1984, Mons. Odécio Loiola Sampaio adquiriu dez ventiladores, bem como mais um magnífico serviço de som, com possantes autofalantes colocados no interior da igreja e no alto da torre, para transmitir solenidades e notícias do interesse da Paróquia e da comunidade.

CAPELA DE SÃO VICENTE DE PAULO

A capela de São Vicente de Paula foi edificada no ano de 1938. Mas sua bênção se deu somente a 19 de julho de 1945, quando estava aparelhada de todos os requisitos exigidos para as celebrações dos atos religiosos; e foi oficiada pelo Pe. Sabino de Lima, então Vigário de Acaraú.

Os trabalhos de construção dessa capela, foram dirigidos pelo vicentino João Venceslau Araújo, auxiliado pelo Sr. Emílio Fonteles da Silveira. E as despesas correram por conta da comunidade, com as promoções usadas para tais empreendimentos, sob os auspícios da Conferência Vicentina local.

Depois de um período em que, todos os anos, São Vicente era festejado na igrejinha, esta foi se estragando, pela ação do tempo. E Mons. Odécio houve por bem mandar fechá-la, para evitar vandalismos.

Entretanto, em 1984, o mesmo João Venceslau Araújo, que se tornou um autêntico benfeitor daquele templo, conseguiu permissão do Vigário, para proceder na igrejinha os melhoramentos que se faziam necessários.

Novamente aquele ilustre belacruzense põe-se em campo, na busca de recursos. E esses se elevaram à importância de Cr$ 22.600.000.

Todo esse dinheiro veio do bolso do povo, através de promoções organizadas com inteligência e dedicação.

Então o forro, o piso e parte das paredes foram substituidos. A capela recebeu pintura externa e interna, com belos quadros bíblicos que muito bem revelam o talento genial de Joca Lopes e Vicente Freitas. Foi adquirido um sofisticado serviço de som para a capela.

A nova inauguração aconteceu no dia 20 de agosto de 1985, data em que foi iniciada a Festa de São Vicente, celebrada por Mons. Odécio Loiola Sampaio, e abrilhantada pela Banda de Música Municipal de Bela Cruz, com maciço comparecimento de fiéis.

OUTRAS CAPELAS

Assumindo o munos paroquial de Bela Cruz, em 1941, uma das primeiras preocupações de Mons. Odécio Loiola Sampaio, foi a construção de capelas nos povoados mais populosos do território daquela unidade diocesana de Sobral.

Ele sabia que a existência de uma igreja, em qualquer aglomerado humano, representa sempre um fator preponderante para o afervoramento da fé na população ali existente, pois que o templo é o ponto de reuniões do povo, para o culto em comum, e para celebrações dos atos da fé.

E tal foi o empenho enviado para o solucionamento desse problema, que dentro de um período de tempo relativamente curto para um empreendimento desses, oito capelas foram levantadas. Todas com dimensões suficientes para atender aos fiéis.

Mencionadas capelas são as seguintes:

– Capela de São Pedro, no povoado de Lagoa do Carneiro, inaugurada a 29 de junho de 1943.

– Capela de São Francisco, no povoado de Matriz, inaugurada a 4 de outubro de 1945.

– Capela de Santo Antônio, no povoado de São Gonçalo, inaugurada a 2 de outubro de 1961.

– Capela de São Miguel, no povoado de Riacho da Prata, inaugurada a 12 de novembro de 1961.

– Capela de São José, no povoado de Cajueirinho, inaugurada a 14 de novembro de 1965.

– Capela de N. Sra. de Fátima, no povoado de Correguinho, inaugurada a 18 de novembro de 1966.

– Capela de São João Batista, no povoado de "Celsolândia", inaugurada a 2 de agosto de 1970.

– Capela de N. Sra. do Perpétuo Socorro, no povoado de Araticuns, inaugurada a 2 de julho de 1978.

IMAGENS DA PADROEIRA

Para registrar algo sobre as imagens de Nossa Senhora da Conceição, que ao longo do tempo foram expostas à veneração dos fiéis na capela e, posteriormente, na Matriz de Bela Cruz, vamos recuar no tempo dois e meio séculos.

Em verdade, ao tempo em que foi levantada a primitiva capelinha no Alto da Genuveva, foi adquirida uma escultura da Virgem da Conceição, medindo apenas 10 centímetros, da qual já falamos. Em 1798, novamente a comunidade fez aquisição de uma outra imagem, com 40 centímetros, em virtude da mudança e da ampliação da capela. No ano de 1894, quando o Pe. Francisco Teófilo de Maria Vasconcelos dirigiu uma nova reforma da capela, outra escultura da padroeira foi exposta no altar-mor. Era trabalhada em madeira e media um metro e dez centímetros. E foi comprada por uma comissão de senhoras da comunidade local, com recursos obtidos em promoções por elas realizadas.

Quase um século depois, isto é, no ano de 1984, o altar-mor da Igreja Matriz de Bela Cruz recebeu outras imagens de Nossa Senhora da Conceição. E essa mede um metro e trinta centímetros, e, como a precedente, foi trabalhada em madeira, pelo exímio escultor belacruzense, João Venceslau Araújo (Joca Lopes). É uma primorosa obra de arte, e constitui uma oferta de seu autor à Igreja Matriz de sua terra.

O PATRIMÔNIO DA IGREJA

Abastados criadores de gado e portadores de acrisolados sentimentos cristãos, os proprietários Domingos Aguiar de Oliveira e Nicolau da Costa Peixoto, foram os doadores da terra e gados para constituirem o patrimônio da capela de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Santa Cruz.

Referido patrimônio constava de meia légua de terra, além de 40 vacas e seis éguas. E, por isso mesmo, é um dos mais valiosos desta região.

A respectiva escritura de doação foi passada a 12 de setembro de 1732, pelo Tabelião Manoel de Araújo Ferreira, que veio de Fortaleza ao "sítio Santa Cruz da Ribeira do Acaraú, termo da Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, Capitania do Ciará Grande".

Tratando-se de um documento de alto valor para a história do município de Bela Cruz, damos, em seguida, uma cópia da mencionada escritura de doação:

"Saibam quantos este público instrumento de doação como para sua validade e melhor nome e lugar haja a dizer se passou, que, sendo no ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e trinta e dois anos,

aos doze dias do mês de setembro do dito ano, neste Sítio de Santa Cruz, Ribeira do Acaraú, termo da Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, Capitania do Ciará Grande, aonde eu Tabelião ao diante nomeado, fui vindo aqui, sendo ali apareceu o capitão Domingos Aguiar e Nicolau da Costa, pessoas que reconheço, pelo próprio do que se trata, do que dou minha fé e faço menção, por eles me foi dito em minha presença, e testemunhas a diante nomeadas, que eles doavam, como de fato logo doaram, quarenta vacas, seis éguas e meia légua de terras que pega do norte da Capela para cima da Capela, que eles ditos doadores fazem à Nossa Senhora da Conceição, para que os lucros dos ditos gados e bestas façam patrimônio da dita Capela, e mais que para ela lhe for necessário, a qual doação fazia é dita Senhora da Conceição, deste dia para todo o sempre, sem constrangimento de pessoa alguma e sim do seu moto próprio; e desde logo desistiram de todo poder e domínio que tinham na dita terra e nos mais bens nomeados, por meio desta doação e pelos ditos doadores, foi dito que para fazer esta doação firme e valiosa, obrigavam suas pessoas havidas e por haver, e os mais bens amparados de sua fazenda, e se comprometiam a não vir, em tempo algum, contra este instrumento que requeriam fosse feito nestas notas e mencionado ausente a quem a favor desta possa tirar como pessoa pública estipulante e aceitante que estipulei e aceitei, sendo presentes por testemunhas, Luiz Martins Gonçalves e José Pereira, pessoas que reconheço pelos próprios de que dou fé e que todos assinaram. Eu, Manoel de Araújo Ferreira, Tabelião de Notas, que o escrevi.

Domingos Aguiar de Oliveira
Luiz Martins Gonçalves
José Pereira Silva

Esse patrimônio foi julgado por título canônico, pelo Padre Visitador José Ferreira de Azevedo, que imediatamente providenciou a edificação da capela-mor da igreja que ameaçava ruir, tal como registramos em outra nota.

Durante o período de 1825 a 1935, o patrimônio da capela de Santa Cruz foi administrado por fabriqueiros nomeados primeiramente pelos Provedores de Capelas, até 1917, quando passaram a ser nomeados pelo Sr. Bispo Diocesano.

Ao longo desses 110 anos, exerceram o cargo de Fabriqueiro em Bela Cruz, os seguintes cidadãos: Manoel Inácio de Vasconcelos, Felix Francisco de Vasconcelos, Joaquim de Araújo Costa, Manoel Ferreira da Rocha, Inácio Gomes da Frota, Alexandre Bernardino de Albuquerque, Manoel Antônio de Vasconcelos, Florêncio José de Vasconcelos, Manoel da Silveira, Pe. João Saraiva Leão, Inácio Ribeiro Pessoa Filho, Pe. Antônio Tomás, Antônio Romão

de Carvalho, Francisco Romão de Carvalho, João Batista da Silveira, José Lopes da Silveira, Miguel Lopes de Araújo Costa e Manoel Duca da Silveira.

A partir de 1935 a administração do patrimônio passou a ser exercida diretamente pelos Vigários das Paróquias de Acaraú e Bela Cruz, sucessivamente.

CRIAÇÃO DA PARÓQUIA

Desde o amanhecer deste século, a aspiração maior da comunidade de Bela Cruz era a criação ali de uma Paróquia.

É que a gente belacruzense, sempre possuiu profundos sentimentos religiosos. Desde os seus primórdios, aquele povo laborioso e bom, cultivou a fé cristã de maneira digna de imitação, nos afloramentos de seus sentimentos mais íntimos, mais puros e, sobretudo, mais intensos.

E o desejo de que Bela Cruz fosse elevada à categoria de Paróquia, ia aumentando, na medida em que a vila ia se desenvolvendo, com o gradativo aumento de sua população.

Esse fato acontecia de tal modo, que no primeiro quartel do século atual já os Srs. Francisco Romão de Carvalho, Gabriel Florêncio de Vasconcelos, João Batista da Silveira, Miguel Lopes de Araújo Costa, Prof. Nicácio Barbosa Cordeiro e Sabino Lopes de Araújo Costa, que então representava a comunidade, sonhavam com esse inestimável benefício.

E, a medida que o tempo avançava em sua marcha que ninguém pode deter, outros interessados por Bela Cruz, como: Emílio Fonteles da Silveira, José Jorge de Vasconcelos, Francisco das Chagas Silveira, Francisco das Chagas Maranhão, Manoel Zacarias Adriano, Vicente Lopes da Silveira, e outros, além de vários jovens igualmente amigos da terra-mãe, sentiam que estava próxima a concretização de sua aspiração maior.

O saudoso Mons. Sabino de Lima, então Pároco de Acaraú, em seu reconhecido desprendimento, nem de leve esboçou um gesto que porventura viesse criar obstáculos ao sonho dos belacruzenses. Antes, pelo contrário, facilitou, ajudou e apressou as demarchas para a criação da nova unidade diocesana, embora que tal fato viesse diminuir o movimento de sua Paróquia.

No jornalzinho "Alvorada, que então circulava em Bela Cruz, edição de 15 de junho de 1933, quando ainda morávamos naquela vila, escrevemos um editorial, em que dizíamos:

"... De feito, a criação de uma Paróquia neste distrito, e a consequente permanência aqui de um ministro de nossa Religião, constituirão o benefício mais oportuno e mais valioso que no momento nos poderá advir". E, na mesma folha, edição de 15 de dezembro do mesmo ano, tornamos ao assunto:

– "Somando-se as amplas possibilidades que vão ao encontro dessa benfazeja ideia há anos alimentada pelo nosso ilustrado Antiste, e a

boa vontade do nosso operoso Vigário, Pe. Sabino de Lima, chega-se facilmente à conclusão de que já não paira muito distante a transformação em consoladora realidade desse nosso longo desejo".

O tempo decorreu. Providências foram tomadas, objetivando abreviar a grandiosa festa coletiva há tanto tempo aguardada pela comunidade belacruzense.

E no memorável dia 29 de dezembro de 1941, S. Excia. Dom José Tupinambá da Frota assinou a Portaria de igual data, criando a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Bela Cruz.

Esse importante documento histórico daquele município, tem a seguinte redação:

"Dom José Tupinambá da Frota, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Sobral, Prelado Doméstico de Sua Santidade e Assistente ao Sólio Pontifício.

"Aos que esta Nossa Portaria virem, saudação, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

"Fazemos saber que, atendendo ao aumento progressivo da população da paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Acaraú, e desejando promover o bem espiritual de Nossos Diocesanos. Havemos por bem desmembrar da dita paróquia de Acaraú o território da nova paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Bela Cruz, e elevar à dignidade de Matriz a igreja existente na dita vila de Bela Cruz; e tendo ouvido o parecer e o voto dos Revmos. Consultores Diocesanos, do Revmo. Pároco de Acaraú, em virtude da Nossa Autoridade Ordinária, pela presente Portaria erigimos e criamos a nova paróquia amovível de Nossa Senhora da Conceição com sede na sobredita vila de Bela Cruz, cujos limites são os seguintes:

Ao norte limita-se com a paróquia de Acaraú. Começa no rio Aracati-Açú no lugar Porteiras (inclusive) e numa linha reta até à nascente do Córrego-Preto, segue por este até à sua foz no rio Aracati-Mirim, continuando na embocadura do Córrego Grande neste mesmo rio e seguindo pelo referido Córrego até a afluência do Córrego da Água Branca acima do lugar Catarina; daí prossegue por este último até à sua nascente e daí numa reta para a fazenda Junco (inclusive) e seguindo, pela mesma estrada que vai para a lagoa da Itapuara (inclusive) e continuando pela mesma estrada até a fazenda Macajuba (inclusive), daí, pelo travessão desta, atravessando o rio Canema no lugar Carapina, continuando pelo mesmo travessão até o rio Acaraú, no lugar Poço do Mofumbo, descendo pelo mesmo rio até encontrar a embocadura do Córrego do Nazário, e subindo por este até a fazenda Santa Teresa (inclusive) e daí, tomando a estrada que vai para a fazenda Pimenteira, (exclusive) seguindo na mesma estrada até o Cambota, donde parte numa reta para as fazendas Embiratanha, Aroeira, São Geraldo e Lagoinha (exclusive) e daí sobe pelo Córrego de Dentro, passando pela fazenda Santa Teresinha até o limites

da paróquia de Granja. Ao oeste com a paroquia de Granja. Ao sul com a nova paróquia de São Manoel do Marco: começando no rio Aracati-Mirim, acima de Ema 3 quilômetros, segue numa reta até a fazenda Córrego Salgado, continuando noutra reta para a fazenda Santa Cecília (exclusive) e daí, pelo Córrego da Lagoinha até a estrada que vai para a fazenda Pereiras; daí segue na mesma estrada até à Lagoa de Santa Rosa, donde partindo em linha reta para o lugar Boca do Córrego, e continuando por outra linha reta, vai ao lugar Vitória (inclusive) e daí, ainda noutra reta, para o rio Inhanduba, na fazenda Várzea Comprida, segue por esta até os limites da paróquia de Granja. Ao leste com a paróquia de São Bento da Amontada.

Seja essa nossa Portaria lida nas Matrizes de Acaraú, Granja, Santana, Marco e Bela Cruz, para conhecimento dos interessados, em um Domingo ou dia santificado, à estação da Missa Paroquial, e transcrita integralmente no Livro de Tombo das ditas paróquias e arquivada na forma do costume. Dada e passada nesta cidade de Sobral e Câmara Eclesiástica, sob o nosso sinal e selo das nossas armas, aos 29 de dezembro de 1941".

JOSÉ, Bispo de Sobral

NOMEAÇÃO E POSSE DO VIGÁRIO

Dois dias depois de instituir a nova unidade do bispado, isto é, a 31 de dezembro de 1941, o egrégio Bispo Conde de Sobral nomeou o Pe. Odécio Loiola Sampaio, para o cargo de Vigário da mesma.

E, às 17:30 horas do dia 10 de janeiro de 1942, chegou à Bela Cruz seu primeiro Pároco, que foi recebido por uma população em festa e realmente feliz, como é facilmente compreensível.

A brilhante comitiva do Vigário, chefiada por S. Excia. Dom José Tupinambá da Frota, foi recebida no palacete do Subprefeito Mário Domingues Lousada onde a esperava incalculável multidão.

Os Padres José Palhano de Saboia, Domingos Araújo, Joaquim Arnóbio de Andrade estiveram presentes, bem como pessoas gradas de Acaraú, como: Manoel Duca da Silveira, Manoel Lousada Gonçalves, Raimundo Rocha, Prefeito Municipal, e outros.

Os intelectuais Lauro Meneses e Nicodemos Araújo fizeram as saudações ao Sr. Bispo e ao novo Pároco, respectivamente.

A vila apresentava-se caprichosamente ornamentada, emprestando ao ambiente um cunho realmente festivo, que bem caracterizava o regozijo inenarrável que enchia o coração daquele povo.

A cerimônia de posse do Vigário novo, aconteceu, às 9 horas do dia seguinte, na Igreja Matriz de Bela Cruz, presentes vários sacerdotes.

A essa solenidade também estiveram presentes: o hoje Bispo Auxiliar de Fortaleza, Dom Manoel Edmilson da Cruz, os hoje padres

Aristides Andrade Sales e Vicente de Paula Albuquerque, e professor José Sebastião Silva, os quais, naquela época cursavam o Seminário de Sobral.

O "Correio da Semana", em sua edição de 16 de janeiro daquele ano, publicou detalhada reportagem, noticiando esse fato histórico.

ATIVIDADES PAROQUIAIS

Boa vontade de trabalhar e autêntico espírito de fé para desempenhar a árdua e abençoada missão de que fora incumbido, de imediato foram demonstradas pelo Pe. Odécio Loiola Sampaio.

É assim que o jovem sacerdote, portador de qualidades essenciais para execução de seu ministério, de logo deu início ao vasto programa que pretendia realizar.

Ele desejava implantar no seio daquela comunidade uma mentalidade nova, voltada, sobretudo, para os problemas religiosos e instrucionais.

Os dois polos principais de seu trabalho pastoral eram: Religião e Educação. E Pe. Odécio compreendia muito bem a magnitude e a gravidade das tarefas que lhe pesavam sobre os ombros, mesmo porque a Paróquia que vinha de lhe ser confiada, ocupava mil quilômetros quadrados de território, em cuja área se contavam dezoito mil almas, presumivelmente.

Como dissemos em 1966, "imbuído, portanto, desse louvável objetivo, enquanto cuidava de novas diretrizes para a vida religiosa e social de seus paroquianos, tratava de desenvolver a instrução".

Assim, no setor da educação, além de dezenas de Centro Catequéticos disseminados por todos os ângulos da Paróquia, Mons. Odécio fundou, a 17 de fevereiro de 1947, o "Instituto Imaculada Conceição", hoje sob a direção das Irmãs de Caridade, ministrando o 1º e 2º graus.

Em 1950 foi por ele fundado, no povoado de Araticuns, a "Escola São João Bosco", com o Curso Primário, e a 14 de janeiro de 1960, inaugurou, na sede paroquial, o "Patronato Imaculada Conceição", para o que contou com a colaboração das incansáveis Filhas de São Vicente de Paulo.

ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

As associações religiosas em Bela Cruz, tiveram começo com a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, ali fundada a 6 de dezembro de 1896.

O Compromisso (Estatutos) dessa agremiação foi aprovado por Provisão de Dom Joaquim José Vieira, 2º Bispo do Ceará, em data de 18 de março de 1896, e editado em 1900, pela "Tipografia Litr Cearense".

Entre os direitos dos Irmãos, que pagavam 2$000 por ano, ao ensejo de sua morte, tinha "dois sinais tocados pelo sino da capela e um

caixão coberto e forrado de pano preto, guarnecido de galões amarelos". Essa associação durou um quarto de século.

Trinta e seis anos depois, a 8 de dezembro de 1932, foi fundada ali a Conferência de São Vicente de Paulo, que teve em sua primeira Diretoria os Srs. Emílio Fonteles da Silveira, Francisco das Chagas Silveira, Gabriel Florêncio de Vasconcelos, Mário Domingues Lousada, Manoel Nicodemos Araújo e Vicente Lopes da Silveira. Aludida sociedade, que tem tido no Sr. João Venceslau Araújo o seu esteio mais forte, ainda tem vida ativa naquela cidade, com Manoel Messias da Silveira e outros.

A 26 de novembro de 1938, fundou-se em Bela Cruz a Obra das Vocações Sacerdotais, e em 1940, a Associação da Doutrina Cristã, ambas pelo Pe. Sabino de Lima, então Vigário de Acaraú.

Com o paroquiato do Mons. Odécio Loiola Sampaio, foram fundadas naquela Paróquia, as seguintes associações:

– Apostolado da Oração, 12 de junho de 1942
– Pia União das Filhas de Maria, 8 de dezembro de 1942
– Congregação Mariana de Homens, 15 de agosto de 1943
– Cruzada Eucarística Infantil, 29 de junho de 1944
– Associação das Teresinhas, 3 de outubro de 1949
– Benjaminas da Virgem Maria, 16 de acosto de 1960
– Associação Santa Luiza de Marilac, 27 de setembro de 1960

Mencionadas associações tiveram existência, com crescido número de agremiados, justificando, muito bem, a denominação de "Falanges aguerridas da Religião Católica", que lhes deu Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra.

Entretanto, com o advento do Concílio Vaticano II, elas foram se dissolvendo, restando, apenas a Cruzada Eucarística Infantil e alguns remanescentes do Apostolado da Oração.

VOCAÇÕES RELIGIOSAS

O louvável trabalho de Mons. Odécio, estimulando e ajudando às vocações religiosas em sua Paróquia, foi compensado com um resultado altamente consolador.

Em verdade, Bela Cruz, que então já tinha um seu filho sacerdote, na pessoa do Pe. Francisco Linto de Araújo Leitão, dentro de um quarto de século, viu subirem o Altar da Igreja Cristã os seguintes Padres:

– Aureliano Diamantino da Silveira
– Benedito Valter Araújo
– Francisco de Assis Lopes
– Francisco de Assis Magalhães Rocha
– Joaquim Diomar de Araújo

– João Dalmonte de Carvalho
E tomaram as ordens de Irmãos Maristas, os jovens:
– José Arimatéia Freitas Filho
– José Getúlio da Silveira
E receberam o Hábito de Religiosas as jovens:
– Adalgiza Ferreira de Freitas
– Maria Luiza da Silveira
– Maria Pureza de Freitas
– Maria José de Araújo
– Maria Áurea de Freitas
– Maria do Perpétuo Socorro Carvalho
– Maria das Graças Pinto
– Rosalba Arací Vasconcelos
– Teresa Neuma Vasconcelos
– Teresa Dutra da Rocha

JUBILEU PAROQUIAL

No dia 29 de dezembro de 1966, a Paróquia de Bela Cruz completou 25 anos de sua criação, coincidindo o Jubileu de Prata de seu Vigário, Mons. Odécio Loiola Sampaio.

Para comemorar condignamente esse notável acontecimento da história religiosa e social do município de Bela Cruz, foi elaborado e pontualmente executado, um vasto programa, incluindo Missões Franciscanas, Semana Eucarística, Semana do Povo de Deus, e outras promoções em que tomou parte ativa a comunidade belacruzense em peso.

E mais do que o povo de Bela Cruz, ali estiveram presentes, com variados programas de palestras, números de cantos, peças teatrais etc, as Paróquias de Santana do Acaraú, Morrinhos, Marco, Cruz e Acaraú, levando sua solidariedade e sua participação às festas jubilares de sua co-irmã.

Então o patamar da Matriz e toda parte da Praça Mário Lousada, se transformaram em salão de festas para os milhares de fiéis que diariamente ali acorriam, para compartilhar das comemorações.

O hino oficial do Jubileu foi escrito pela normalista Francisca das Chagas Vasconcelos, com música do Cônego F. Sadoc de Araújo, e foi gravado pelo "Conjunto Nordeste", sob a direção do Pe. Francisco de Assis Magalhães Rocha, também filho de Bela Cruz.

EFEMÉRIDES RELIGIOSAS

Na história da vida religiosa de Bela Cruz, diversos acontecimentos marcaram páginas de alta relevância e profunda significação.

Entre essas efemérides passamos a registrar algumas que com mais intensidade ficaram na lembrança do povo belacruzense, não só pelo seu sentido cristão, mas também pelo número de fiéis que delas participaram.

Registramos aqui alguns desses eventos:

– Visita de Dom Manoel da Silva Gomes, 3º Bispo do Ceará, a 2 de outubro de 1913.

– Visita de Dom José Tupinambá da Frota, 1º Bispo de Sobral, a 11 de julho de 1917.

– Comemoração dos 200 anos de construção da 1ª capela de Nossa Senhora da Conceição, em 8 de setembro de 1932.

– Instalação da Paróquia e posse do 1º Vigário de Bela Cruz, a 11 de janeiro de 1942.

– Reinauguração da Igreja Matriz, a 21 de dezembro de 1948.

– Visita da Imagem Peregrina de Fátima à Bela Cruz, vinda de Portugal, a 5 de novembro de 1953. Para comemorar esse evento, Mons. Odécio Loiola Sampaio mandou construir um monumento à entrada da cidade, representado por um artístico arco de cimento, com 10 metros de altura, e sobre o mesmo uma bela imagem da Virgem de Fátima, com 3,40 mts., obra do escultor belacruzense, João Venceslau Araújo.

– Jubileu de Prata da Paróquia de Bela Cruz, de 19 de julho de 1966 a 11 de janeiro de 1967.

NOTA: Por efeito da Portaria datada de 2 de janeiro de 1954, S. Excia. Dom Tupinambá da Frota criou a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima de Itarema, hoje pertencente à Diocese de Itapipoca. Em consequência, a Paróquia de Bela Cruz perdeu 20% de seu território, inclusive a capela de Santo Antônio.

RELIGIÃO PROTESTANTE

As seitas chamadas protestantes ou evangélicas não têm encontrado facilidade de penetração na Paróquia de Bela Cruz.

Alguns Pastores ali estiveram, no decorrer do tempo, tentaram conseguir prosélitos, mas não lograram resultados satisfatórios.

No ano de 1981 chegou àquela cidade um casal de americanos: Pastor Kendle Nichols e sua esposa, d. Lorraine Nichols.

Ali se fixaram, construíram residência, coincidentemente no Alto da Genuveva. Entretanto, até agora têm efetuado apenas reuniões eventuais. Sua congregação ainda não está oficializada, porém, ao que nos informaram, será denominada Igreja Bíblica de Bela Cruz.

Em 1983 esteve naquela cidade, durante vários meses, um jovem casal:

– Renê e Suzana – que se apresentaram como Testemunhas de Jeová. Também não realizaram outra cousa, se não visitas a algumas famílias.

Afinal, ainda em 1983, chegou à Bela Cruz um Pastor da Assembléia de Deus que teve mais sorte do que suas co-irmãs que lhe precederam naquela comunidade.

E assim que no dia 24 de novembro daquele mesmo ano inaugurou seu templo, naquela cidade. Seu atual dirigente é o Pastor Elisário Mendes de Mesquita.

ASPECTO JUDICIÁRIO

JUIZADO DE PAZ E CARTÓRIO

A chamada vida judiciária de Santa Cruz (hoje Bela Cruz) teve início há quase um século, com a criação do Juízo de Paz e do Cartório de Registro Civil.

Mencionado Cartório, criado pela lei provincial nº 1896 de 7 de março de 1888, e firmada pelo Dr. Antônio Caio da Silva Prado, era destinado ao registro de nascimentos e óbitos, e, mais tarde, de casamentos também.

Antes da instalação desse cartório, os registros de nascimentos e óbitos eram feitos nos livros da capela, por ordem dos Visitadores do Curato da Ribeira do Acaraú.

Aliás, o primeiro Juizo de Paz nomeado para aquela povoação, foi João Lopes de Araújo, pai do autor desta monografia.

ESCRIVÕES DOS CARTÓRIOS

Os Escrivães que têm ocupado o 1º Cartório, de então até hoje, são os seguintes:

– Manoel Cesário – Antônio Teixeira Pinto – Domício Bernardino de Albuquerque – Francisco das Chagas Araújo Sobrinho (2 vezes) – Domingos Fonteles Araújo (2 vezes) – Manoel Nicodemos Araújo – José Jorge de Vasconcelos (2 vezes) – Pedro Augusto da Silveira – Clodoaldo Pinto – Simão Severiano Ramos – Afonso Celso Araújo (2 vezes) – João

Damasceno Vasconcelos – José Anchieta Vasconcelos – José Maria Pinto Vasconcelos – Luiz Vangesse de Sousa e Maria Cleide Sousa, que tomou posse a 16 de novembro de 1980 e ainda se encontra no exercício do cargo.

O 2º Cartório de Bela Cruz foi criado em 1980, e teve como seu primeiro ocupante o Tabelião Parsifal Silva Neves, o qual exerceu o cargo até o dia 13 de junho de 1985. Na mesma data assumiu mesmas funções sua atual titular, d. Ana Glória Albuquerque Oliveira, que conseguiu o cargo através da aprovação em concurso.

TERMO DE BELA CRUZ

Com a instalação do município, em 1959, Bela Cruz passou à categoria de Termo Judiciário, integrado à Comarca de Acaraú.

Todavia, no ano de 1976, com a criação da Comarca de Março, o Termo foi transferido para aquela unidade judiciária, onde ficou até 1982, quando Bela Cruz foi elevada à categoria de Comarca.

A COMARCA

Desde a criação do município de Bela Cruz, que suas lideranças trabalhavam por que aquele Termo fosse elevado à condição de Comarca, suprida das respectivas autoridades judiciárias – Juiz e Promotor.

Na verdade, tal conquista representava muito para aquele município e para aquele povo, que via assim normalizada sua vida forense.

Finalmente, no ano da graça de 1982 aconteceu a instalação da Comarca de Bela Cruz, em data de 17 de abril, e que foi criada pelo Código de Organização Judiciária do Estado na forma da legislação que rege o assunto.

O ato da instalação foi presidido pelo Dr. Francisco Zenon Bastos Mota. E aquela unidade judiciária ficou instalada no 2º andar do Paço Municipal, que tomou a denominação de "Fórum Des. José Fernandes Assis".

O primeiro Juiz nomeado para a Comarca de Bela Cruz, foi o Dr. Olintho Franklin Gadelha, tendo o Dr. Raul Araújo Filho no cargo de Promotor.

Como subsídio para a história do município de Bela Cruz, damos, a seguir, a transcrição da Ata de instalação daquela unidade forense:

"Aos 17 dias do mês de abril, do ano de 1982, às 10 horas, no salão nobre da Prefeitura Municipal desta cidade de Bela Cruz – Ceará, presente o Dr. Francisco Zenon Bastos Mota, Juiz de Direito da 1ª Vara da Comarca de Itapipoca-Ce, disignado para presidir a instalação da Comarca, na forma

do que dispõe o parágrafo 1º do artigo 10 do vigente Código de Organização Judiciária do Estado do Ceará, o ato de instalação de sua Comarca. Aberta a sessão pelo Dr. Juiz designado para presidir a instalação da Comarca, este após fazer alusão ao fato, inclusive de que a nova unidade judiciária foi criada pelo Código de Organização Judiciária do Estado, de conformidade com a Lei nº 10436, de 31 de outubro de 1980, publicada no Diário Oficial do Estado, em data de 4 de novembro de 1980. Em seguida passou a direção dos trabalhos ao Exmo. Sr. Des. José Ferreira de Assis, que destacou o acontecimento, e usou da palavra o Dr. Francisco Zenon Bastos Mota, congratulando-se com os presentes pelo fato. A seguir usou a palavra o Exmo. Sr. Prefeito Municipal, Júlio França de Sousa Neto, dizendo de sua satisfação, e dizendo que foi um trabalho árduo, mas que nesta oportunidade atinge o seu objetivo, e, por fim, sensibilizado agradeceu a presença e a cooperação de todas as autoridades presentes. Falou ainda, pela ordem, o Deputado Federal, Paulo Lustosa da Costa, destacando os esforços para a transformação do Termo Judiciário de Bela Cruz à categoria de Comarca, o Dr. José Ubirajara Alves, que parabenizou o povo de Bela Cruz, pela brilhante conquista. Finalmente usou da palavra o Exmo. Sr. Des. José Ferreira de Assis, destacando os benefícios que traziam Justiça a uma comunidade, congratulando-se com todos de Bela Cruz, e agradecendo a honraria que lhe foi outorgada pelo povo de Bela Cruz, encerrando esta solenidade".

A transformação do Termo de Bela Cruz em Comarca, constituiu uma conquista do Prefeito Júlio França de Sousa Neto, que muito trabalhou para conseguí-la. E esta conquista muito e muito representa para aquela comunidade, que há vários anos aguardava esse notável feito em sua vida forense.

CARTÓRIO ELEITORAL

O Cartório Eleitoral da 96ª Zona sediada em Bela Cruz, foi instalado a 22 de fevereiro de 1973, e é chefiado pela Tabeliã Ana Glória Albuquerque Oliveira.

O número de eleitores inscritos ali, atualmente, soma 9.248.

CARTÓRIO DE PRATA

Na vila de Prata, em data de 1 de janeiro de 1960, deu-se a instalação de um Cartório de Registros de Nascimentos, Casamentos e Óbitos.

Seu Oficial de Registro Civil é o Sr. Edésio Medeiros de Vasconcelos.

Mencionado Cartório foi conseguido graças aos esforços do então Prefeito de Bela Cruz, Mário Domingues Lousada, atendendo a uma justa reivindicação da comunidade daquele populoso distrito.

ASPECTO EDUCACIONAL

ESCOLAS ESTADUAIS

Foi o Dr. João Silveira de Sousa, então Presidente da Província do Ceará, que firmou a Lei nº 801, de 5 de agosto de 1857, criando a primeira cadeira de ensino primário para a povoação de Santa Cruz.

Ao que, o mestre Aureliano Pessoa foi o primeiro pedagogo a ocupar essa cadeira, e que foi substituído, em 1870, pelo professor Manoel Jorge Vieira; até o ano de 1876, quando ali chegou o professor Nicácio Barbosa Cordeiro.

Esse erudito filho de Canindé, se tornou belacruzense pelo coração e pelos inestimáveis serviços que prestou àquela comunidade, quando exerceu sua nobre profissão durante 39 anos, pois sua aposentadoria ocorreu no ano de 1913.

Durante esse longo período de tempo, o Professor Nicácio ensinou a três gerações, constituindo-se por isso, um autêntico benemérito daquela terra e daquela gente, neste relevante setor cultural.

Com a aposentadoria daquele saudoso mestre, ocuparam aquela cadeira, sucessivamente, as professoras: Maria Gonzaga de Araújo, Guiomar Costa Sousa, Susana Gifoni da Silveira, Júlia Adélia Cordeiro, Francisca Alzira da Silveira e Maria Florinda dos Santos, que a regeu durante os anos de 1923 e 1942.

Simultaneamente, foram abertas as "Escolas Reunidas de Santa Cruz", por ato datado de 13 de setembro de 1942, do Dr. Francisco de

Meneses Pimentel, então Interventor do Ceará. O novo estabelecimento estadual de ensino, teve como Diretora a professora Maria Florinda dos Santos, auxiliada pelas professoras Maria Iracema Pinto, Geralda Lopes Araújo e Maria de Lourdes Pinto, que compunham o corpo docente.

A professora Maria Florinda dos Santos dirigiu aquela casa de ensino até 1949, quando aposentou-se, sendo substituída por sua filha Maria Neuma Vasconcelos Carvalho, a qual, por sua vez, foi substituída pela professora Maria Filomena Silveira Lousada, seguindo-se-lhe no cargo a professora Margarida Vasconcelos, que ainda dirige o estabelecimento.

E com a marcha do tempo, Bela Cruz foi progredindo, como foi evoluindo a mentalidade de seu povo e aumentando sua população, exigindo, consequentemente, mais estabelecimentos de ensino, como é lógico.

Graças ao trabalho e à obstinação de seus elementos maiores, a cidade de Bela Cruz é uma das mais adiantadas e bem servidas, no que se relaciona com o problema de instrução, seja pública, seja particular.

Presentemente, o ensino estadual na sede daquele município, está representado por dois estabelecimentos:

– "A Escola de 1º Grau Bela Cruz", que substituiu às Escolas Reunidas, ali instaladas em 1942, e que cobre uma área construida de 4.750m² de área coberta. Mencionada casa de educação conta o seguinte pessoal: Diretora – Margarida Vasconcelos; pessoal da Administração, 4 – Corpo Docente, 21 – Auxiliares de Administração, 4 – Auxiliares de Serviços, 19 – Alunos matriculados, 420.

– "Escola de 1º Grau Mariêta Santos". Diretora – Eliana Gualberto Carneiro; Pessoal de Administração, 4 – Auxiliares de Administração, 7 – Auxiliares de Serviços, 26 – Corpo Docente, 35 – Alunos matriculados, 1.128. A "Escola de 1º Grau Matiêta Santos, foi inaugurada a 29 de março de 1976, e cobre uma área de 10.000m², com 5.000m² de área coberta.

Aí pelo ano de 1950, foi instalada uma escola estadual no então povoado de Prata e outra no arraial Bom Sucesso, esta regida pela professora Adelaide Marques de Sousa. A Escola de Prata foi regida pela professora Raimunda Fernandes de Sousa, de maio de 1950, quando foi transferida para Messejana. Entretanto, a 9 de abril de 1956, outra escola foi inaugurada em Prata, com a professora Maria do Socorro Vasconcelos, até 1970. De então até 1976, aquela escola foi regida pelas professoras: Maria Sirene Rios de Morais, Maria Jacira de Araújo e Maria Genuveva de Vasconcelos, sucessivamente, quando encerrou suas atividades.

ENSINO MUNICIPAL

No hoje município de Bela Cruz, o ensino municipal começou com

as escolas regidas pelos mestres Raimundo Araújo Costa, no povoado de Lagoa do Mato, em 1920, José Jorge de Vasconcelos, no povoado de Várzea Feia, em 1935, e Geralda Lopes Araújo e Maria Iracema Pinto, na sede distrital em 1943.

No defluir dos anos, e com sua emancipação política, escolas municipais foram sendo abertas pelo interior do município, pois o problema educacional sempre tem constituido meta prioritária de todos os Prefeitos eleitos para aquela unidade cearense.

Em 1965, o Prefeito Expedito Deroci Vasconcelos, em convênio com o Governo Estadual, construiu, na sede do município, o "Grupo Escolar Paulo Sarasate", que foi ali o primeiro dessa categoria. Mencionado prédio, em 1972, sofreu uma importante reforma, pelo Prefeito José Milton Oliveira, que então instalou ali uma vaca mecânica destinada ao preparo da merenda escolar.

Os Prefeitos José Ludgero da Silveira, Júlio França de Sousa Neto e Gerardo Wilson Araújo, também construiram unidades escolares na sede municipal.

E o tempo prosseguiu, em sua marcha ininterrupta. Prefeitos se sucederam e novas escolas foram sendo instaladas, para atender aos reclamos da população.

De tal forma, que. existem em funcionamento, 74 Escolas Municipais em Bela Cruz, sendo 5 na sede e 69 no interior do município, ao passo que a matrícula total atinge a cifra de 3.976 alunos.

Quanto aos prédios escolares, construidos pela Prefeitura, contam 36 unidades, beneficiando as seguintes localidades: sede municipal, 5, uma na vila de Prata, e as demais nos povoados de: Matriz – São Gonçalo – Cajueirinho – Varjota – Araticuns – Barreiras – Lagoa do Mato – Várzea Feia – Bom Sucesso – Solidão – Guarda - Aroeirinha – Belém – Betânia – Baixa Nova – Genipapeiro – São José – Belém de Fora – Espinhos – Riacho da Prata – Aroeira – São Geraldo – Córrego do Mourão – Lagoa Sêca – Riacho e Mil Passos. Os sete últimos prédios desta relação, já foram construidos pelo atual prefeito Gerardo Wilson Araújo.

Com o objetivo, muito louvável, de imprimir uma nova orientação no preparo do professorado e do movimento escolar do município, o Prefeito Júlio França de Sousa Neto, em data de 27 de outubro de 1979, inaugurou, naquela cidade, o Departamento Municipal de Educação, onde, sob a direção da professora Maria Filomena Silveira Lousada, trabalha uma equipe convenientemente preparada para dar ao ensino municipal o nível compatível com o progresso da comunidade, sobretudo pela qualificação e melhoria de conhecimentos do pessoal docente.

O órgão, que possui uma boa biblioteca especializada em literatura

pedagógica, está instalado em sede própria, aliás um prédio espaçoso, bem localizado e bem construido, prestando-se admiravelmente à sua finalidade.

Ali as professoras municipais não somente recebem orientação eficiente, mas também, farto material didático, gratuitamente. A decoração do ambiente revela o bom gosto e o nível de cultura da equipe que ali trabalha.

ENSINO PARTICULAR

O ensino particular começou em Bela Cruz com um Curso de português e francês, ministrado pelo professor Nicácio Barbosa Cordeiro, em 1914, e no que era auxiliado por sua filha, professora Júlia Adélia Cordeiro.

No curso do tempo, outros mestres, como Manoel Carneiro, José Jorge Vasconcelos, Apolônia Rios de Miranda, ali cultivaram a preciosa semente do saber.

Com a criação da Paróquia, no entanto, a instrução particular tomou um impulso realmente digno de aplausos e admiração.

Isto porque Mons. Odécio Loiola Sampaio sempre foi um devotado amigo do ensino. E, tal como dissemos em outra nota, uma de suas metas principais de ação era a educação das novas gerações.

E assim pensando e agindo, logo em 1945 inaugurou o "Centro Catequético Pio XII", um vasto prédio destinado ao ensino da doutrina cristã e ao ensino primário. Em 1947 ele entregou à juventude o "Instituto Imaculada Conceição", também com sede própria, dirigido pela educadora Ceci Regino Holanda. Esse estabelecimento foi o primeiro a conferir Certificado de Curso Primário naquela vila.

E Mons. Odécio continuou em seu labor pelo desenvolvimento cultural de seus paroquianos. Ele queria que a juventude belacruzense tivesse uma escola de 2º grau.

E tais foram seus esforços nesse sentido, que a 14 de fevereiro de 1960, foi inaugurado, naquela cidade, o "Patronato Imaculada Conceição", autorizado a funcionar com os cursos Ginasial e Normal. E o operoso sacerdote fez mais: conseguiu que a Congregação das Irmãs de Caridade assumissem a direção do estabelecimento que encampou o "Instituto Imaculada Conceição", e tem hoje a mesma denominação.

Aquela conceituada casa de educação, é dirigida pela Irmã Rosália Queiroz, e tem um Corpo Docente de 25 professores, com 593 alunos de 1º e 2º graus. Possui sede própria, com 8.455m² de área construida e 2.143m² de área coberta. Conta 26 dependências, com 15 salas de aulas. Possui Capela, Parque Infantil, Quadra de Esportes, Biblioteca etc.

Ali já se formaram 335 jovens, que hoje integram esta numerosa e gloriosa falange de paladinos da instrução, em diferentes pontos do Estado

do Ceará e até do País, constituindo-se autênticos benfeitores das novas gerações e possantes luminares nos caminhos do mundo.

Em 1966, a emérita Irmã Brasileiro, então Diretora do Patronato, inaugurou o "Externato Luiza de Marilac", para ministrar ensino a crianças pobres, e que durou vários anos.

E a 13 de maio de 1967, a "Associação Educacional e Esportiva Belacruzense", com seu Presidente João Bernardino Pontes, fundou naquela cidade, o "Educandário Dom Valfrido", hoje "Escola de 1º Grau Dom Valfrido", e que muito tem feito neste notável setor.

A UVA EM BELA CRUZ

O município de Bela Cruz é um dos que mais têm sido beneficiados pela Universidade do Vale do Acaraú.

Efetivamente, não fora a feliz oportunidade propiciada pela UVA, e dezenas de jovens belacruzenses não teriam conseguido sua formatura em curso superior.

Quando o Cônego F. Sadoc de Araújo iniciou seu gigantesco trabalho pela implantação de uma universidade nesta Região, ele sabia, certamente, quantos e quão preciosos benefícios essa instituição cultural iria prestar à mocidade, especialmente aqueles jovens de condições modestas.

Entretanto, a pertinácia do eminente escritor sobralense, aliada ao seu desejo incoercível de "derramar as luzes da instrução" em toda a Ribeira do Acaraú, conseguiu a vitória integral da causa que tão ardentemente defendia, mais cedo do que se esperava.

E o resultado aí está favorecendo a centenas de jovens não só do Vale do Acaraú, não só do Estado do Ceará, mas até de outras unidades do Nordeste.

Em Bela Cruz, por exemplo, mais de cinquenta jovens já receberam na UVA o seu diploma de curso superior.

Com justa alegria, e até orgulho, damos a seguir os nomes desses nossos afortunados conterrâneos e conterrâneas, que, para consecução de seu louvável objetivo, contaram, entre outros, com o Cônego F. Sadoc de Araújo, Mons. Odécio Loiola Sampaio, Mons. Joviniano Loiola Sampaio e Pe. Manoel Valderi da Rocha:

– Arimar Rios de Araújo – Estudos Sociais
– Ana Maria Lopes de Carvalho – Ciências
– Ana Rita Vasconcelos Araújo – Ciências
– Caetana Tiene Araújo – Ciências
– Expedito Evanir de Carvalho – Estudos Sociais
– Gabriel Assis de Araújo Vasconcelos – Estudos Sociais
– Eliana Gualberto Carneiro – Ciências

– Maria Eluza Carneiro – Ciencias
– Ireuda Maria de Araújo – Ciências
– José Lúcio Lima – Ciências
– José Edmar Silveira Fonteles – Letras
– Maria Cirene Rios de Morais – Estudos Sociais
– Maria Stela Pinto – História
– Maria Catarina Morais – Letras
– Maria do Socorro Fonteles – Letras
– Maria de Fátima Elcias – Pedagogia
– Maria de Fátima Araújo – Estudos Sociais
– Maria Rosário da Silveira – Ciências
– Maria de Fátima Carvalho Araújo – Estudos Sociais
– Maria Marta Rios Morais – Estudos Sociais
– Margarida Maria de Vasconcelos – Estudos Sociais
– Maria Margarida Vasconcelos – Estudos Sociais
– Maria do Livramento Pinto – Estudos Sociais
– Maria Lúcia Rios de Morais – Estudos Sociais
– Maria Helena Silveira – Ciências
– Maria Sônia Miranda – Estudos Sociais
– Maria Liduina de Carvalho – Estudos Sociais
– Maria Helena Araújo Carvalho – Ciências
– Maria de Lourdes Araújo – Letras
– Maria Gracimar de Carvalho – Ciências
– Maria das Graças Vasconcelos – Ciências
– Maria de Fátima Carvalho – Estudos Sociais
– Maria do Socorro Carvalho Lima – História
– Maria de Lourdes Morais – Ciências
– Maria Irene Costa Silveira – Ciências Religiosas
– Maria de Fátima Vasconcelos – Estudos Sociais
– Maria de Laluz Silveira – Letras
– Maria Iolanda Carvalho – Ciências
– Maria da Conceição Pires – Estudos Sociais
– Maria Gorete da Silveira – Ciências Religiosas
– Maria Elva Sousa – Estudos Sociais
– Maria Gorete Lopes – Estudos Sociais
– Maria Madalena Lopes – Letras
– Maria Luiza Sousa – Ciências
– Maria Marlene Morais – Estudos Sociais
– Rita das Chagas Elicias – Letras
– Teresinha de Jesus Araújo Rocha – Letras
– Verônica Valéria de Vasconcelos – Ciências

MOBRAL

O Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL – mantém no município de Bela Cruz 25 Postos, todos eles regidos por professores cursistas.

Quanto à matrícula desses Cursos, soma 564 alunos adultos de ambos os sexos.

A coordenação dos Postos do MOBRAL, em todo o território municipal, está entregue à Normalista Maria Liduina Pinto, a qual está realizando um trabalho digno de elogios.

ALUNOS MATRICULADOS

O número de alunos matriculados, este ano, nos estabelecimentos de ensino existentes na cidade de Bela Cruz somam 2.886, assim distribuidos:

Instituto Imaculada Conceição	593
Escola de 1º Grau Bela Cruz	420
Escola de 1º e 2º Graus Mariêta Santos	1.128
Escola de 1º Grau Dom Valfrido	200
Grupo Escolar Paulo Sarasate	290
3 Escolas Municipais	180
3 Postos do MOBRAL	75
Total	2.286

VIDA CULTURAL E SOCIAL

IMPRENSA TV AUTOFALANTES

O povo de Bela Cruz sempre tem sido amigo das letras, da cultura, setor onde muitos belacruzenses se têm destacado.

Testemunho indubitável desta assertiva, é o número relativamente elevado de filhos de Bela Cruz formados em cursos superiores.

O professor Nicácio Barbosa Cordeiro, tal como registramos na nota anterior, constituiu como que o pioneiro da vida cultural de Bela Cruz, onde, neste campo, deixou a marca luminosa de sua passagem.

Na imprensa, nos anos de 1933/34, o jornal "Alvorada", impresso nas oficinas do jornal "O Acaraú", que teve vida ativa com os jovens Juca Lopes, Manoel Fonteles, Pedro Augusto da Silveira e Nicodemos Araújo, prestou um relevante serviço àquela terra, não somente por defender suas reivindicações maiores, mas também porque, de qualquer modo, despertou na juventude local o gosto pelas letras.

Em 1956, tivemos o "Correio de Bela Cruz", com João Damasceno Vasconcelos, José Mozar Araújo, José Maria Lousada, Benedito Lopes e Neuma Vasconcelos Carvalho. Infelizmente teve vida efêmera, por fatores alheios à vontade de seus dirigentes.

No "Instituto Imaculada Conceição" tivemos o "Clube de Jornalismo" e "Grêmio Lítero-musical", que viveram muito pouco, também.

Relativamente à televisão, a 25 de março de 1969, teve lugar o ato inaugural de uma Torre Repetidora de TV, construida pelo Prefeito José

Ludgero da Silveira. Aludida Torre, durante vários anos, serviu aos municípios de Bela Cruz, Marco e Acaraú.

Igualmente alguns televisores públicos têm sido instalados naquela cidade e na vila de Prata, para atender à comunidade.

Diversos serviços de autofalantes hão servido ali, no curso dos anos. E, presentemente, se contam naquela cidade, dois equipamentos de som para utilidade popular, que são: a Amplificadora Paroquial, inaugurada a 16 de março de 1957, e a Amplificadora Municipal, entregue ao público a 25 de março de 1982, pelo Prefeito Júlio França de Sousa Neto. São servidos de ótimos equipamentos, que estão sendo utilizados pela comunidade.

No que se relaciona com bibliotecas naquela cidade, em data de 19 de dezembro de 1971, o Prefeito José Milton Oliveira inaugurou, no Paço Municipal, a "Biblioteca Professor Nicácio", com apreciável acervo bibliográfico.

Nos principais estabelecimentos de ensino de Bela Cruz, existem boas bibliotecas, para consultas dos respectivos alunos e professores.

CLUBES E CENTRO COMUNITÁRIO

Com atinência à vida cultural ou diversional de Bela Cruz, no ano de 1934 houve ali o "Salão Alvorada". E, em 1956 foi fundado o "Grêmio Recreativo Belacruzense", ambos destinados a danças e reuniões sociais, mas que tiveram pouca duração.

Acontece que as festas dançantes anteriormente eram realizadas em residências familiares. Somente em 1960 o jovem José Maria Lousada construiu uma quadra destinada às festas carnavalescas.

Finalmente, a 22 de agosto de 1965, deu-se a fundação da "Associação Alvorada Clube", que hoje possui sede própria. É um prédio amplo e muito bem localizado, contando palco, salão de danças, cantina e outras dependências. Além do serviço de som, o "Alvorada Clube" tem um conjunto musical, que não só atende às festas promovidas pelo clube, mas também é contratado para municípios vizinhos. Atualmente ocupa a presidência do clube o Prefeito Gerardo Wilson Araújo, um dos baluartes daquela agremiação social.

No calendário do "Alvorada Clube" tem destaque especial a Festa do Cajú, que desde 1967 ali se realiza, no último sábado de outubro, com crescente afluência de pessoas, não só de Bela Cruz, mas de outros municípios, especialmente de Fortaleza. Uma das principais atrações dessa festa já tradicional naquela cidade, é a eleição da Rainha do Cajú, sempre muito disputada.

No dia 21 de outubro de 1978, aconteceu o ato inaugural do "Centro Comunitário Expedito Vasconcelos", com o Prefeito Júlio França de Sousa Neto.

O Centro conta 1.848m² de área construida e 381m² de área

coberta, e é dotado de salão de festas, auditório, quadra de esporte, e outras dependências, bem como uma piscina que foi inaugurada a 23 de fevereiro de 1981. Aquele Centro constitui um ótimo ponto de lazer para as famílias belacruzenses.

Adquirida pelo Prefeito Gerardo Wilson Araújo, a Banda de Música de Bela Cruz, com vinte figuras, foi inaugurada a 20 de agosto de 1985. Aquela filarmônica veio preencher uma lacuna que há muito tempo se fazia sentir naquela cidade e naquele município.

ASPECTO ESPORTIVO

Como não podia deixar de acontecer, a vida esportiva de Bela Cruz teve início com o futebol, no ano de 1940, época em que foi preparado um campo para esse jogo, no local onde hoje se localiza o "Instituto Imaculada Conceição".

No curso dos anos, outros campos foram construidos em áreas abertas, como o primeiro.

Como sói acontecer nas cidades do interior, o esporte teve em Bela Cruz, fases de animação e entusiasmo e fases de estagnação.

Afinal, a 24 de abril de 1966, fundou-se a "Associação Educacional e Esportiva Belacruzense", que ainda tem na presidência o desportista João Pontes. Essa sociedade conseguiu construir e murar seu campo de futebol, que mede 180m de comprimento por 120m de largura. Sua inauguração se deu a 23 de novembro de 1975.

Naquela próspera cidade também se joga Futebol de Salão, o qual começou com a "Quadra Esportiva Deputado Manoel Rodrigues", construida pelo Prefeito José Ludgero da Silveira, e que foi inaugurada a 23 de fevereiro de 1983. Essa quadra foi convenientemente recuperada em 1985, pelo Prefeito Gerardo Wilson Araújo, que a dotou de magnífica iluminação.

Como o futebol de campo, o Futebol de Salão de Bela Cruz tem tomado parte em campeonatos intermunicipais, fazendo boa apresentação.

No "Instituto Imaculada Conceição" e na "Escola Mariêta Santos" também existem quadras desse esporte, inclusive registrando torneios da categoria entre equipes de Bela Cruz e de outras cidades.

FOLCLORE

O folclore, que reúne as tradições, lendas e autos do povo, constitui, antes de tudo, uma diversão de geral aceitação, especialmente entre as chamadas "classes de baixa renda".

E a demopscologia, como também é denominado o folclore, encerra

uma ciência. E como ciência, muitos escritores especializados neste assunto, dela estão se ocupando.

E o interesse pelo folclore é notável. Tanto que em 1947 foi fundada a Comissão Nacional do Folclore, por sugestão do escritor Renato de Almeida, e que muito vem fazendo pela promoção desse ramo da cultura popular.

Entretanto, o que no folclore constitui atração para o povo, são os folguedos, em suas diversas modalidades.

Vamos, então, registrar aqui alguma cousa, sobre o folclore no município de Bela Cruz.

A começar: pelo Reisado, que ali chegou ainda no século XIX, e representa a atração popular mais importante do gênero.

Aliás o escritor Eduardo Campos afirma que "o Boi é o folguedo da maior e melhor aceitação entre os menos abastados". E outro escritor de nomeada, Lauro Ruiz de Andrade, vai mais longe. Para ele, "o Bumba-Meu-Boi é uma manifestação da criatividade nativa, aflorando em todos os recantos do território nacional".

Esse divertimento popular, que Mário de Andrade chama de "dança dramática", em Bela Cruz é apresentado a partir do dia 6 de janeiro – Dia de Reis – e se prolonga até o início da quaresma.

O grupo de apresentadores compõe-se de: **Velho, Velha** e 4 ou 5 **mascarados**. Em regra geral, as máscaras são feitas de pele de mambira, com barbas de embira de carnaúba.

O dono da casa, que é chamado de **Capitão**, fecha a porta da frente, para receber o grupo, que ao chegar, canta versos como estes:

Ô de casa. Ô de fora.
Mangerona, quem stá aí?
Foi o cravo que chegou,
E a rosa não quer sair.

Esta casa está bem feita
Por dentro, por fora não.
Por fora, cravos e rosas;
Por dentro, manjericão.

Em seguida a porta é aberta, e a função tem início com um sapateado, mesmo na sala, executado pelos melhores elementos do grupo, nesta modalidade coreográfica. A seguir o folguedo continua no terreiro, onde é feita a exibição dos bichos. Estes vão sendo apresentados dentro do programa traçado.

Pela ordem, vem o **Boi**, depois a **Burrinha**, depois o **Bode**, e sequentemente, o **Cabeçudo**, a **Ema** e o Bicho **Caçador**. Todos esses personagens têm seus versos próprios, e são muito aplaudidos em suas exibições.

Os **mascarados** usam atirar lenços nas pessoas presentes. É a **sorte**, que sempre rende alguns trocados. Os namorados são sempre os mais atingidos pelos lenços da **sorte**.

Os quebradores de côco, são repentistas exímios que se apresentam nos Mercados e festas religiosas, onde há ajuntamento de povão, pelo qual são eles justamente aplaudidos. Em regra geral, os coquistas são gente de muito poucos recursos financeiros. De maneiras que por pequena quantia, eles empunham o ganzá ou as cabacinhas, e lá vai repentes da melhor qualidade.

Outra atração do folclore apreciada em Bela Cruz, são os cantadores, a quem o escritor Leonardo Mota chamou de "ferrabrazes do repente versificado".

Desde recuadas épocas eles fazem uma das mais apreciadas diversões populares do sertão, como de muitas cidades também. Seja nas louvações, desafios, em sextilhas, martelo agalopado, moirão, quadrão, etc., estes peritos esgrimistas do verso, exercitam sua agilidade imaginativa de modo realmente pasmoso.

As cantorias são previamente ajustadas, e têm lugar em sala ampla ou mesmo em área descoberta, porque, geralmente, é grande a afluência de apreciadores. Uma bacia de folha posta sobre uma mesinha, recebe as contribuições, cujo valor é medido pelo grau de simpatia de cada um ali presente.

A chamada literatura de cordel tanto é apreciada pelo povão, como pela imprensa, que vem lhe dando o merecido destaque.

E se o futebol, o rádio, a televisão e outros veículos de diversão moderna, estão fazendo arrefecer um pouco o gosto do povo pelos folguedos folclóricos, o mesmo não acontece aos cantadores, que vão às emissoras radiofônicas e ao vídeo da TV, e dali mandam para toda gente e para toda parte, na voz ubíqua do rádio, os frutos de sua inteligência admirável.

O enforcamento de Judas, na manhã de Sábado de Aleluia, também constitui, para muita gente, uma apreciada diversão folclórica.

E no município de Bela Cruz, como em todos os municípios do Ceará, o povo acha gostoso fazer justiça, com as próprias mãos, ao infame traidor do Mestre, embora que o Príncipe Antônio Tomás ache

"Uma tolice rematada enfim.
Tantos judar havendo em carne e osso,
Levar-se à forca um Judas de capim".

Achamos bom concluir esta nota com uma história de cantadores.

Nosso compadre e amigo José Fabião Filho, que mora em São Paulo, já residiu nesta cidade, onde foi eleito Vereador da Câmara Municipal, nasceu na "Lagoa Salgada". E, nas horas vagas, tomava de sua viola e cantava muita cousa boa. Inteligente, repentista exímio, mas sua voz não o ajudava nada.

Certa vez, num desafio com Zé Batista, que tinha uma voz estentórica e um pulmão de aço, recebeu de seu contendor esta indireta:

Cantador de peito fraco
Nem devia aparecer.

Eu não tenho esse defeito,
E até me orgulho em dizer
Que um brado deste meu peito
Faz a serra estremecer.

Fabião respondeu, em cima da bucha:

Esta conversa de peito
Não tem vantagem nem graça.
Mais peito do que você
Tem uma porca de raça,
Que tem seis de cada lado,
E de porca nunca passa.

V I D A E C O N Ô M I C A

AGRICULTURA

O chão do município de Bela Cruz, em sua quase totalidade, se presta ao cultivo de diversas plantas.

Então, como a lavoura é a profissão essencial do povo carente, sem deixar de interessar, e muito, à classe abastada, naquela unidade cearense, desde recuadas épocas, uma elevada porcentagem de sua população se ocupa do cultivo da terra.

Nos terrenos de mata e caatinga, o solo é apropriado à cultura da mandioca, milho, feijão, algodão inteiro e algumas fruteiras. E nas margens dos rios e córregos, o chão é propício para o cultivo do algodão herbáceo, feijão, melancia e jerimum, ao passo que no leito dos rios, o terreno é utilizado para o plantio de batata doce, feijão, e até cebola e alho.

Em alguns córregos também se cultiva a cana-de-açúcar, agora em escala muito menor do que no início do século.

Destarte, nos chamados anos normais, a safra agrícola é responsável pela solidez econômica municipal. Mesmo porque as áreas cultivadas somam muitos milhares de equitares.

Dizem que, com o evento da concessão de sesmarias, a partir do século XVIII, a agricultura e a criação de gados tomaram um novo impulso, porque aqueles que conseguiam esse importante favor do governo, procuravam cultivar as terras que lhes eram outorgadas, com a intensidade possível naquele tempo.

E assim procediam, antes de tudo, porque, se dentro de cinco anos não ocupassem a área concedida e nela trabalhassem, o ato de concessão seria prescrito, de conformidade com a lei pertinente. E nenhum proprietário desejava que isso acontecesse.

Tal fato, segundo consta, redundou em benefício das populações; houve, assim, maior produção agrícola e sensível aumento dos rebanhos, e, consequentemente, mais fartura para todos.

Assim teria ocorrido em quase todo o território da Província do Ceará.

Então a comunidade de Bela Cruz, muito provavelmente beneficiou-se com o fato mencionado, registrando-se o incremento de suas atividades agrícolas e do pastoreio. E isso é tão mais admissível, quando é certo qua a primeira sesmaria concedida na Ribeira do Acaraú, ocupava vasta porção daquela área.

Por ali passou o sesmeiro Manoel Dias de Góes, em seu cavalo bom estradeiro, portando um relógio de madeira, e com ele marcando as horas para medir as nove léguas de terra, que em 1685 lhe foram concedidas pelo Capitão-mor Bento Macedo de Farias.

Posteriormente, outras sesmarias atingiram partes do território do hoje município de Bela Cruz. Então, acreditando-se no que reza a tradição, aquele pedaço de Ceará deve ter obtido as vantagens noticiadas pelos antigos.

No primeiro quartel do presente século, a numerosa classe dos lavradores era representada naquele município pelos seguintes rurícolas: – Antônio Faustino de Maria – Francisco Gomes do Nascimento – Esmerino Reis – Geraldino Lopes de Araújo – Miguel Florêncio de Vasconcelos – Manoel Lopes da Silveira – Miguel Antônio de Morais – Manoel Marques de Vasconcelos – Miguel Arcanjo da Rocha – Moisés Furtado de Mendonça – Patrício José Ribeiro – Vicente Marinho de Andrade.

Hoje, como é natural, com a criação de órgãos assistenciais e as facilidades proporcionadas pelos estabelecimentos de crédito, a agricultura vai-se ampliando de ano para ano, constituindo, cada vez mais, um esteio possante da economia daquele município. Acresce que a castanha de cajú, que é também um produto agrícola, representa um elemento basilar da estabilidade econômica de Bela Cruz.

Atualmente a agricultura está representada no município de Bela Cruz pelos seguintes lavradores, que também são proprietários:

– Geraldo Sebastião de Sousa - Riacho da Prata
– João Osmar de Araújo - Mil Passo
– José Mauro Ferreira - Correguinho
– José Artur da Silveira - Baixa Nova
– José Oscar Sousa - Varjota
– Manoel Messias de Moura - Varjota

– Manoel Assis de Araújo - Bela Cruz
– Manoel Barroso de Sousa - Cedro
– Mauro Odorico de Sousa - Correguinho
– Olinto Lopes da Silveira - Malassombrado
– Raimundo Jovino de Vasconcelos - Bela Cruz
– Romeu Ibiapino da Rocha - Várzea Feia

PECUÁRIA

A criação de gado, em suas principais espécies, constitui, quase em pé de igualdade com a agricultura, um fator de marcante influência na balança econômica daquele município ribeirinho.

Acreditamos até, pelo que nossos avós disseram a nossos pais, que, nos primórdios daquela comunidade, a pecuária pesou um pouco mais nas finanças da população.

O historiador Gustavo Barroso afirma que o povoamento se fez ao longo dos rios, "o gado acompanhando o homem, e até o precedendo".

E Dorian Sampaio nos dá conhecimento de que "de 1700 em diante, a atividade do pastoreio se radicou por todos os sertões cearenses, ganhando mais expressividade nas zonas do Acaraú", etc.

Ora, muito provavelmente o gado que precedeu ao homem no povoamento do Ceará, também passou por esta região, mesmo porque o rio Acaraú é o segundo rio do Estado, em capacidade hidrográfica e extensão de curso.

E tal fato é tão aceitável, quando é certo que naqueles tempos havia ali grandes pecuaristas. A começar pelos doadores do patrimônio da capela de Santa Cruz, Domingos Aguiar de Oliveira e Nicolau da Costa Peixoto, que ofereceram 40 vacas e 6 éguas. Assim fizeram, de certo, porque possuiam muito gado. Está claro. E, ao que consta, Bernardo da Silveira e Inácio de Almeida também se dedicava ao pastoreio.

E o interesse pela criação de gado continuou empolgando os proprietários de terra ali residentes, porque, quando em 1817, o Capitão Diogo Lopes de Araújo Costa requereu uma carta de sesmaria ao então Presidente da Província do Ceará, Dr. Manoel Inácio de Sampaio, o fez para o "lugar Lagoa do Mato, onde tem situados seus gados de toda sorte".

Pelo que ficou escrito, facilmente se chega à conclusão de que, naquele tempo, os rebanhos representavam a riqueza maior do hoje município de Bela Cruz.

No último quartel do século XIX, os maiores pecuaristas daquela área era os seguintes: – Diogo de Freitas – Florêncio José de Morais – João da Silveira Dutra – João Ferreira da Rocha – João Romão de Carvalho – José Fonteles da Silveira – José Lopes da Silveira – Manoel Pereira da

Silveira – Miguel Abílio da Costa – Miguel Ferreira Fonteles – Vicente Lopes de Araújo Costa.

Na primeira década deste século o pastoreio era representado naquele então distrito, pelos seguintes criadores: – Antônio Raimundo de Araújo, em Taboleirinho – Fernando Pereira Brandão, em Taperinha – Francisco Romão de Carvalho, em Carrasco – João Batista da Silveira, em Mil Passos – João Batista Fonteles, em Tibira – Miguel Gonçalves Ferreira, em Bom Sucesso – Manoel Zacarias Adriano, em Aguiar – Miguel Lopes de Araújo Costa, em Lagoa do Mato – Sabino Lopes de Araújo Costa, em Tapera – Venâncio Lopes da Silveira, em Juliana.

Com os empréstimos dos estabelecimentos creditícios do governo e os financiamentos, bem como os órgãos de assistência aos rebanhos, as atividades pastorais vêm experimentando uma animadora expansão.

Presentemente, ao que fomos informados, os pecuaristas que se destacam no município de Bela Cruz são os seguintes, para citar somente 16: – Elídio Costa Vasconcelos – Edmar Romão de Carvalho – Francisco das Chagas Dutra – Inácio Arimá Silveira – José Milton Oliveira – José Anselmo de Araújo – José Otávio Carneiro – José Otacílio de Morais – José Luiz de Vasconcelos – José Evangelista de Morais – José Cordeiro – Livino Florêncio de Vasconcelos – Manoel Macedo Araújo – Mons. Odécio Loiola Sampaio – Olinto Lopes da Silveira – Raimundo Jovino de Vasconcelos – Raimundo Erasmo Moura.

E o "Anuário do Ceará", edição de 1980, registra os números a seguir, para o efetivo dos rebanhos do município de Bela Cruz: – Bovinos, 12.000 – Equinos, 1.250 – Muares, 800 – Asininos, 1.200 – Suínos, 12.000 – Caprinos, 8.000 – Ovinos, 9.500.

COMÉRCIO

Ao nosso conhecimento, o movimento do comércio no povoado de Santa Cruz, desde a sua origem, foi inexpressivo.

Somente no último quartel do século XIX, ali foram abertas algumas casas comerciais com apreciável empório de mercadorias, especialmente tecidos e estivas.

Dentre mencionadas lojas, destacamos a "Formosa Santacruzense", de Miguel Lopes de Araújo Costa, assim como as lojas de João Batista da Silveira, de Francisco Romão de Carvalho e de Antonino Lopes de Araújo.

E o comércio continuou ali muito bem acreditado, graças, antes de tudo, à honestidade dos comerciantes locais.

Entretanto, tal como registramos em nossa monografiazinha intitulada "Santa Cruz do Acaraú", a partir de 1933 até alguns anos depois,

o comércio santacruzense sofreu um terrível colapso. E os principais fatores determinantes desse lamentável estado de cousas, foram os efeitos da seca de 1932 e a deficiência de capital de giro, que afinal também foi uma consequência daquela anormalidade climática.

Todavia, logo em 1937, o comércio de Santa Cruz começou a reagir e firmar-se novamente. De tal maneira, que, vários prédios que haviam sido entregues a credores de Acaraú e Massapê, em pagamento de débitos, dentro de poucos anos voltaram a seus antigos proprietários, por importância bem maiores do que aquelas por quanto haviam sido recebidos em conta.

No curso dos anos, outros comerciantes foram se estabelecendo naquela vila, com bons sortimentos. Citamos: Benedito Meneres de Carvalho, Francisco das Chagas Silveira, Manoel Zacarias Adriano, Francisco das Chagas Maranhão, Manoel Cosme da Silveira, Gabriel Almeida, J. Lopes & Irmão, Mário Domingues Lousada, José de Sousa Xerez, José Milton Oliveira, Expedito Deroci Vasconcelos.,

Das casas comerciais citadas, resta apenas José Milton Oliveira, juntamente com outros estabelecimentos que vão se abrindo naquela próspera cidade, cuja população vem aumentando promissoramente, e exigindo, em consequência, mais comerciantes e melhores sortimentos.

A partir de 1978, com a abertura, a 19 de setembro, de uma Agência do Banco Brasileiro de Descontos – BRADESCO – o comércio de Bela Cruz experimentou um ritmo novo.

É que aquele estabelecimento de crédito, que tem como Gerente o contabilista Geraldo Majela Saturnino Lima, trouxe planos de empréstimos, com prazos razoáveis, facilitando, assim, as atividades comerciais.

Entretanto, mais impulso e mais esperanças trouxe o ano de 1982, para o comércio e a indústria de Bela Cruz.

É que, a 27 de outubro de 1982, foi aberto, naquela cidade, um Posto avançado da Caixa Econômica Federal, com o Gerente Francisco José Mendes de Vasconcelos, que foi substituído pelo atual, José Valdemar de Oliveira Filho. E a 15 de dezembro do mesmo ano, deu-se a inauguração de uma Agência do Banco do Brasil. Seu Gerente, Luciano Alberto de Miranda, foi substituído pelo Sr. Carlos Augusto Freitas Guimarães, o qual dirige o estabelecimento com o seguinte pessoal: Auricéa Negreiro Dantas, Cleto Martins dos Santos Neto, Francisco Wazington Costa Mesquita, Hércules Venícios Madeira Aguiar, José Valter Gomes Pongitori, Júlio Cesar da Costa e Manoel Arivaldo Vasconcelos.

Realmente notáveis foram os benefícios trazidos à Bela Cruz, por essas casas de crédito, com reflexos especiais no comércio, na agricultura e na indústria.

Igualmente foram beneficiados outros segmentos da comunidade, com as facilidades das Cadernetas de Poupança.

Atualmente o comércio de Bela Cruz, isto é, da sede municipal, é representado por 4 lojas de tecidos, 4 armarinhos, 8 boutiques, 8 armazéns de estivas, etc., 3 lojas de ferragens, 2 de eletrodomésticos, 4 de material de construção, 16 bares e semelhantes, 18 cafés e lanchonetes, 52 mercearias, 2 de peças para carros, 2 bombas de gasolina, 3 frigoríficos, 6 açougues, 3 farmácias e 1 loja de discos.

Destacamos a seguir 15 dos principais comerciantes de Bela Cruz:

– Armando Marques de Vasconcelos - Tecidos
– Benedito Edmar de Maria - Diversos
– Francisco Valdemar de Vasconcelos - Mat. elétrico e tintas
– Francisco Fonteles de Moura - Armarinho
– José Milton Oliviera - Tecidos
– José Otacílio de Morais - Armazém
– José Olinto Araújo - Armarinho
– João Evangelista de Morais - Armazém
– Manoel Messias da Silveira - Diversos
– Modesto Ananias de Freitas - Bebidas e outros
– Pedro Erasmo de Vasconcelos - Armazém
– Raimundo Erasmo de Moura - Tintas e Mat. Elétrico
– Raimundo Edmar Pires - Armazém

DIVERSOS

Achamos conveniente relacionar aqui alguns serviços de qualquer forma ligados ao comércio, com atividades na cidade de Bela Cruz: 3 Oficinas mecânicas – 3 Pensões – 3 Agências de Viagem – 4 Postos de Bicicletas – 5 Barbearias – uma Agência de Gás Butano.

INDÚSTRIAS

A farinha e o polvilho de mandioca deram início às atividades industriais, no lugarejo denominado Santa Cruz, ainda no tempo da velha Genuveva.

Como elemento básico da alimentação do povo, desde o advento dos índios, a farinha de mandioca é usada por todas as camadas populacionais, estando os mais carentes em primeiro lugar, é claro.

Bela Cruz, portanto, não podia eximir-se a tal contingência. E por isso, sua primeira **fábrica** foi o **Aviamento** de fazer farinha. Sim, o **Aviamento**, com o **rodete**, o **cavador**, a **prensa**, **urupena** e o **forno-de-cacos**. O **rodete** puxado por dois homens que se banham de suor, pelo esforço empregado para acioná-lo, aos poucos vai sendo impulsionado pelo motor à gasolina ou à energia elétrica.

Depois da farinha da **goma**, tivemos ali outra indústria rural: a cera de carnaúba.

A extração da cera, ao que informa Humberto Rodrigues de Andrade, teve início em 1836, pelo Sr. Joaquim Bertino M. de Carvalho, "que levou à Paris meio quilograma, para análise".

Mas, segundo o historiador Raimundo Girão ("Pequena História do Ceará", p. 373), em 1795, o então Presidente da Província do Ceará, Capitão-mor João Batista de Azevedo Coutinho Montaury, em correspondência à Corte de Lisboa, informava: "Dizem que do mesmo pau (carnaúba) costumam extrair uma espécie de cera. Dá umas frutas, à semelhança das nossas azeitonas grandes, que são de grande recurso para os pobres que delas se sustentam no tempo da seca que é o maior flagelo do sertão".

Quanta miséria o cearense sofria há dois séculos, no tempo da fartura, como diz muita gente! Hoje, porém, que tanto se fala de carestia, e com razão, pelo menos aqui em nosso meio ninguém se sustenta de caroço de carnaúba. Graças a Deus.

No hoje município de Bela Cruz, ao que se tem conhecimento, somente na segunda metade do século XIX, a cera da carnaúba começou a ser extraída. E assim mesmo em pequena quantidade, para o fabrico de velas destinadas ao consumo doméstico.

A venda desse produto, para exportação, teve início no final do século XIX. Atualmente a cera de carnaúba ocupa o lugar de relevo entre os elementos de sustentação econômica do município de Bela Cruz.

Voltamos ao ano de 1900, quando um engenho de madeira, puxado a bois e destinado à moagem de cana-de-açúcar, foi instalado no "Córrego do Pereira" (hoje subúrbio da cidade) para fabricação de rapadura., pelo industrial Manoel Pereira da Silveira: E logo em 1908, o industrial Francisco Romão de Carvalho montou outro engenho, no "Correguinho", bem como um alambique para aguardente. Este, como o outro, era puxado a bois, com bolandeira de madeira.

Entretanto, aí pelos anos de 1918/20 a cana começou a escassear, e "os engenhos não trabalharam mais", como diz o poeta.

Simultaneamente, o Sr. João Batista da Silveira instalou ali uma Bolandeira, igualmente puxada a bois, para descaroçar algodão, com prensa e fuso de madeira, para enfardamento da lâ. Essa bolandeira foi desativada depois de dez anos de trabalho.

Após a moageira de café de José Potiguara da Silveira, em 1965, teve início uma nova era para a indústria em Bela Cruz, com a inauguração, a 1 de setembro do mesmo ano, da Indústria e Agricultura, Castanha e Óleo Ltda. – IACOL – para beneficiamento de castanha de cajú.

A firma Quirino Rodrigues, de Sobral, com os Srs. Raimundo Jovino

de Vasconcelos, Jaime Neves Osterno e Manoel Jácome Teófilo, constituiam os proprietários da nova indústria que tem desempenhado um papel notável na vida econômica daquele município, com positivos reflexos no comércio local.

A fábrica, equipada com maquinaria moderna e eficiente, ocupa, presentemente, 850 operários, e exporta seus produtos para Fortaleza, para o sul do país e até para o exterior. Ela conta com 12.970m² de área construida, com 7.000m² de área coberta.

No que diz respeito à indústria de panificação em Bela Cruz, ela vem da segunda metade do século XIX, sempre registrando um movimento digno de nota, mesmo porque se trata da indústria de alimentação. Atualmente existem naquela cidade quatro panificadoras, servidas de energia elétrica, fabricando produtos de primeira qualidade. Seus proprietários são os industriais: Francisco das Chagas Vasconcelos, José Stênio Araújo, José M. Silveira e Valdemar Lopes de Carvalho.

No dia 15 de outubro de 1985, o industrial Raimundo Jovino de Vasconcelos inaugurou, ali, uma fábrica de cerâmica. O estabelecimento está aparelhado de moderna maquinaria, registrando produção de tijolos, telhas, PM, tudo da melhor qualidade, e veio preencher uma lacuna que se fazia sentir naquela cidade ribeirinha.

Igualmente existem, na cidade de Bela Cruz, três serrarias servidas de energia elétrica e modernas maquinarias. Elas pertencem aos industriais Francisco Gomes Silveira, José Milton Dutra e Miguel Pereira Vasconcelos.

A produção dessas serrarias abastece o município de Bela Cruz e ainda é vendida para municípios vizinhos.

ARTESANATO

As atividades artesanais no município de Bela Cruz, têm muita cousa a registrar, não só pela variedade de produtos, como também pelo montante de produção.

Comecemos pelos tijolos e telhas de barro, cuja fabricação remonta aos primórdios da localidade, há dois e meio séculos.

Aliás, em agosto de 1985, os Srs. Francisco Gilvã de Vasconcelos e José Milton Silveira, inauguraram uma **cerâmica**, a qual, apesar de modesta, está fazendo tijolos e telhas de primeira qualidade.

A louça-de-barro é um produto artesanal que naquela cidade ocupa centenas de mulheres, e que ali teve começo há mais de um século.

Nada menos de 30 fornos estão instalados em Bela Cruz, registrando uma produção de potes, panelas, pratos, alguidares, torradeiras, jarros e moringas, estimados em 200.000 unidades anualmente.

A produção dessas "fábricas caseiras" abastece não somente o município de Bela Cruz, mas também é exportada para outras unidades cearenses, onde tem boa aceitação, pelo esmero com que as vasilhas são feitas.

De fazenda, linha e fio, ali se confeccionam roupa masculina e feminina, bem como, bordados, labirintos, renda-de-bilro, varandas, redes, tarrafas, etc. E de palha de carnaúba se fazem sacas, bolsas, abanos, vassouras, chapéus, etc. De tucum se fazem cordas, redes, espanadores, esteira para sela, e de madeira se fazem tamancos.

Por tudo isso, no município de Bela Cruz o artesanato tem relativa significação econômica, mesmo porque garante a subsistência de centenas de famílias.

ASPECTO ASSISTENCIAL E SANITÁRIO

Aí pelos idos de 1959 e 1962 respectivamente, foram fundados na cidade de Bela Cruz, um Lactário, sob a direção de Afonso Celso Araújo, e um Posto de Puericultura, dirigido pelo Subprefeito Mário Domingues Lousada, este em convênio com a Legião Brasileira de Assistência.

Ambos esses serviços tiveram alguns anos de atividades, beneficiando com alimento e remédios boa quantidade de crianças carentes.

A Associação Santa Luiza de Marilac, fundada em 1960, pelas Irmãs de Caridade, igualmente, durante vários anos deu assistência e cuidou da saúde de dezenas de velhinhos pobres.

O Clube das Mães, ali inaugurado em 1963, também desempenhou um trabalho assistencial digno de elogios.

SAÚDE PÚBLICA

No que se refere à Saúde Pública, em data de 20 de março de 1960, deu-se a inauguração, naquela cidade, de um Posto de Saúde mantido pelo Estado, em convênio com a Prefeitura. O médico assistente dessa unidade sanitária, era o Dr. Manoel Airton Neves, com duas visitas por semana.

Em 1970 o Prefeito José Ludgero da Silveira adquiriu sede própria para esse Subposto, como era denominado.

E em data de 21 de janeiro de 1973, inaugurou-se, ali, um outro posto de Saúde – "Unidade Sanitária Mariêta Cals" – Esse Posto deve-se

aos esforços do Prefeito José Milton Oliveira junto ao Governador Cesar Cals Oliveira Filho.

Trata-se de um estabelecimento muito bem equipado, inclusive com gabinetes médico e odontológico. O departamento médico desse Posto era chefiado também pelo Dr. Manoel Airton Neves, ao passo que o gabinete dentário era chefiado pelo Dr. José Olavo Osterno, auxiliado pelo protético João Bernardino Pontes.

HOSPITAL DEPUTADO MANOEL RODRIGUES

Em data de 21 de outubro de 1978 inaugurou-se na cidade de Bela Cruz, o "Hospital Manoel Rodrigues", construido com verba dos Governos Federal e Estadual, graças ao interesse do Prefeito Júlio França de Sousa Neto.

Aquele importante nosocômio, que vem prestando inestimáveis benefícios àquela comunidade, conta 4.150m² de área construida e 857m² de área coberta. Entre as suas 37 dependências, se contam 15 leitos, gabinete médico, gabinete dentário, ambulatório, sala de operações, sala de parto, etc., tudo muito bem equipado com instrumental de primeira qualidade. As despesas de sua construção somaram 2.136.000,00.

Trabalham naquele Hospital, os médicos Dr. José Evangelista Filho e Dr. Manoel Airton Neves, o odontólogo, Dr. Luiz Augusto Cavalcante, e mais 16 funcionários, entre enfermeiras, parteiras, etc.

HOSPITAL DA FUNDAÇÃO SESP

Em 1984, a Fundação do Serviço Especial de Saúde Pública – SESP – mandou construir, na cidade de Bela Cruz, um prédio para o funcionamento de uma unidade hospitalar, dentro de seu programa de atividades, com o Prefeito Gerardo Wilson Araújo.

É um prédio muito bem construído, dotado de todas as dependências necessárias ao seu perfeito funcionamento. Localizado à Rua Cel. Duca, o estabelecimento ocupara 6.400m² de área construída e 264 de área coberta.

Infelizmente, no entanto, até agora a comunidade belacruzense está esperando que aquele nosocômio seja instalado e comece a prestar os serviços dele esperados.

SUBPOSTOS DE SAÚDE NO INTERIOR

A 5 de janeiro de 1980 aconteceu a inauguração de um Subposto de Saúde na vila de Prata, e que, ocasionalmente, é visitado por um médico

que atende àquela comunidade. O Subposto tem sede própria mandada construir pelo Prefeito Júlio França de Sousa Neto.

Nos anos de 1983/85, o Prefeito Gerardo Wilson Araújo também dotou de Mini-posto de Saúde os povoados de: Baixio, Cajueirinho e Araticuns.

CONSULTÓRIOS E GABINETES

Na cidade de Bela Cruz existem os seguintes consultórios médicos: do Dr. José Evangelista Filho, do "Hospital Deputado Manoel Rodrigues", da "Unidade Mariêta Cals" e do Sindicado dos Trabalhadores Rurais.

Quanto aos Gabinetes Odontológicos, existem os seguintes: do Dr. Luiz Augusto Cavalcante, do protético João Bernardino Pontes, do "Hospital Deputado Manoel Rodrigues", da "Unidade Mariêta Cals", do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

No hospital da Fundação SESP também existe um Consultório Médico e um Gabinete Dentário, mas ainda não estão funcionando.

TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO

CARROS DE BOIS COMBOIOS E CAMINHÕES

O serviço de transporte na povoação de Santa Cruz, teve começo ainda na segunda metade do século XVIII, com os carros de bois.

Esses ronceiros veículos de madeira trafegavam, no verão, para a povoação de Acaraú, e, posteriormente, para a Vila de Sobral.

Para Acaraú e para Sobral, os carros conduziam algodão, peles de miuças, couros de bovinos, etc. E, daqui, como de Sobral, levavam para Santa Cruz, tecidos, café, açúcar, querosene e outras mercadorias, isto em pequena quantidade, porque pouca gente habitava então àquelas paragens.

Os carros eram puxados por 3 ou 4 juntas de bois, e traziam preso ao **fueiro**, um chifre cheio de sebo e carvão pisado. Aquela pasta era colocada no eixo do veículo, e tinha duas vantagens: evitava o desgaste da madeira pelo atrito das peças, e fazia o carro **cantar**, o que constituia a diversão do carreiro.

Ao que fomos informados, entre o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do presente século, existiam em Santa Cruz, entre outros, os seguintes donos de carros de bois: Francisco Romão de Carvalho, João Albano da Silveira, João Lopes de Araújo, José Fonteles da Silveira, José Raimundo Fonteles da Silveira, José Raimundo Fonteles e Manoel Pereira da Silveira.

Com a transcorrência dos anos, os carros de bois deram lugar aos comboios de jumentos e burros tangidos por arrieiros armados de chicotes sibilantes, enchendo as estradas de "cantilena alegre dos chocalhos", como

diz o poeta. E o tempo continuou em sua marcha que ninguém pode interromper, e os comboios de jumentos e burros, por sua vez, foram empurrados das estradas pelos caminhões que aí estão correndo e buzinando, no ritmo do progresso.

LINHAS DE ÔNIBUS

Com referência ao transporte de passageiros, primeiramente foram os cavalos de sela, depois os caminhões de duas boléias. Até que, em data de 16 de setembro de 1959, a Empresa Redenção inaugurou a linha Fortaleza-Bela Cruz, fazendo duas viagens por semana.

A 20 de novembro de 1967, teve lugar a inauguração de outra linha de ônibus de Sobral à Bela Cruz, hoje com 3 viagens por semana, com o motorista e proprietário, Antônio Oliveira Rego.

Atualmente Bela Cruz tem dois ônibus de Fortaleza diariamente. E tem, também, 3 Agências de Transporte: da Itapemirim, para o sul do país, da Empresa Redenção, para Fortaleza e da Empresa Vale do Acaraú, para Sobral.

CAMPOS DE POUSO

O transporte aéreo chegou à Bela Cruz em data de 10 de setembro de 1949, quando o Prefeito de Acaraú, Manoel Duca da Silveira, mandou construir ali uma pista medindo 700 metros de comprimento por 70 metros de largura, para aterrisagem de aviões de pequeno porte, que na época se chamava "Teco-teco".

Esse **campo de pouso** ficava no prolongamento da hoje Rua Capitão Miguel Lopes, exatamente onde o atual Prefeito Gerardo Wilson Araújo está construindo uma praça.

Todavia, em 1966, o Prefeito Expedito Deroci Vasconcelos adquiriu um terreno medindo 1.200 metros de comprimento por 150 de largura, e iniciou a construção de outro campo de pouso com capacidade para aviões maiores.

Dois anos depois, isto é, em 1968, o Prefeito José Ludgero da Silveira, em convênio com o Departamento de Aeronáutica da Secretaria de Aviação e Obras, recomeçou os trabalhos daquele campo. Então se fez a limpeza do terreno, já com 1.200 x 200 metros. E a obra ficou razoavelmente adiantada.

Entretanto, somente em 1977, com o Prefeito Júlio França de Sousa Neto, aquele melhoramento público foi concluido. Sua respectiva inauguração se deu a 29 de janeiro de 1978.

Localizado em ótimo terreno. o "Campo de Pouso João Firmo de

Vasconcelis", como os poderes municipais o denominaram, dista apenas dois quilômetros do centro da sede municipal.

A construção desse campo de aterrisagem, assim com capacidade e condições para pouso de aviões de médio porte, veio satisfazer uma antiga e muito justa aspiração não somente da população citadina, mas também das comunidades do interior do município, e até de municípios vizinhos.

ESTRADAS

As estradas estão ligadas muito de perto ao desenvolvimento das cidades e dos municípios. Elas constituem como que elementos essenciais na vida econômica das comunidades.

Na verdade, pode-se dizer que da mesma forma que o sangue circula nas veias, para dar vida ao corpo, as estradas representam artérias por onde circula a riqueza dos municípios, expressa em seus produtos naturais ou fabricados.

Sim, porque sem estradas não se faz transporte terrestre, e, consequentemente, impossível se torna o escoamento dos produtos e mercadorias para os centros consumidores. Isto falando-se de municípios como Bela Cruz, onde não existe o transporte marítimo.

E, tal como fizemos referência em outra nota deste capítulo, o serviço de transporte na então povoação de Santa Cruz começou ainda no século XVIII, com o carro de bois.

O caminho principal que então servia a esta Região do Baixo-Médio Acaraú, era a conhecida "Estrada Grande", que vinha de Sobral, pelo então povoado de Santana, ao porto de Cacimbas, em Acaraú.

Consoante afirma Dom José Tupinambá da Frota, em sua "História de Sobral", pag. 31, naquela época "era incessante o trânsito entre a Vila de Sobral e o porto de Acaraú, e o meio de transporte era, geralmente, o carro de boi. Não menos de 900 carros trafegavam continuamente nos meses de verão".

Naquele tempo era um movimento realmente notável, para esta região, aqui no extremo norte da Capitania do Ceará.

A famosa "Estrada Grande" passava a dois quilômetros a leste da povoação de Santa Cruz, no lugar "Várzea Comprida".

O industrial americano, Henri Ford afirmou que "pelas boas estradas se conhecem os bons governos". E o Presidente Washington Luiz adiantou que "governar é fazer estradas".

As principais estradas que dão acesso à cidade de Bela Cruz, são as seguintes:

– A que vem de Fortaleza, via Itapipoca e Triângulo de Marco

– A que vem de Acaraú, via cidade de Marco ou "João de Lima"

– A que vem de Camocim, pelos povoados de Matriz e São Gonçalo

– A que vem da cidade de Cruz, recentemente melhorada pelo DAER

– A que vem de Jericoacoara, pelo povoado de Gijoca e vila de Prata

– A que vem de Lagoa do Carneiro, pelo sítio Barreiras.

VEÍCULOS

A cidade de Bela Cruz conta 165 veículos em trânsito, assim especificados:

Automóveis	89
Jipes	11
Camionetes	17
Caminhões	25
Motocicletas	23

NOTA: A primeira visita de um veículo a motor à então povoação de Santa Cruz, ocorreu a 10 de setembro de 1922. Era um automóvel marca Ford, de cor preta. Vinha de Fortaleza, e nele viajavam: o belacruzense Manoel Albano da Silveira e o acarauense Lesko Araújo. E o primeiro veículo a motor adquirido para Santa Cruz, foi um caminhão Chevrolet. Isto em 1928. Foi comprado à dinheiro, por 4 contos de réis. Essa importância foi levantada entre 20 santacruzenses dos mais abastados, cada um contribuindo com a quantia de duzentos mil réis (hoje 200 cruzeiros).

POSTO TELEFÔNICO

O serviço de comunicação através de aparelhos, chegou à Bela Cruz por um Posto Telefônico, que ali foi inaugurado, festivamente, a 23 de novembro de 1924.

Guardamos uma lembrança muito agradável desse evento, porque nos coube a tarefa de proferir o discurso oficial da solenidade. E isso nos trouxe uma justa alegria. Não pela honra que nos foi conferida, mas porque naquela oportunidade nossa querida terra estava recebendo um benefício de marcante significação para a comunidade.

O Posto Telefônico veio à Santa Cruz, graças ao empenho do santacruzense Manoel Damião da Silveira, junto ao seu ilustre irmão, Manoel Albano da Silveira, então Prefeito de Acaraú, e também filho de Santa Cruz.

CENTRO TELEFÔNICO

Em 1966 foi criado naquela cidade, um Centro Telefônico, cujo ato inaugural aconteceu a 10 de dezembro do mesmo ano.

Mencionado órgão de comunicação interurbana, tinha como Presidente o Sr. Raimundo Jovino de Vasconcelos, e como operador o jovem Pedro Erasmo de Vasconcelos. Contou, inicialmente, com 20 aparelhos telefônicos. A duração do Centro foi de poucos meses.

Já neste ano de 1985, o Prefeito Gerardo Wilson de Araújo restaurou a rede telefônica da cidade, com um razoável número de aparelhos.

TELECEARÁ

Em data de 19 de outubro de 1976, aconteceu a inauguração de um Posto Monocanal da Teleceará, na cidade de Bela Cruz, melhoramento que veio ao encontro de um justo anseio daquela comunidade.

O importante órgão de comunicação, que vem prestando relevantes serviços àquela cidade, está instalado à Rua Professor Nicácio, e tem como encarregado o Sr. José Bonifácio de Vasconcelos, auxiliado pelas jovens telefonistas: Maria Salete Costa, Maria do Carmo Nepa, Maria Neila Ferreira Albuquerque, Maria Aparecida Ferreira, Tereza Carmelita Vasconcelos e Suzana Glória Silveira.

DDI

O serviço de Discagem Direta Interurbana – DDI – através do Posto da Teleceará, foi inaugurado na cidade de Bela Cruz, a 23 de fevereiro de 1984, com o Prefeito Gerardo Wilson Araújo, e vem prestando bons serviços à população citadina e até do interior do município.

AGÊNCIA POSTAL

Nove anos depois do Posto Telefônico, foi criada a Agência dos Correios, pela Portaria nº 246, de 11 de setembro de 1933, do Diretor Regional dos Correios e Telégrafos no Ceará, Dr. Romeu Gouveia.

A primeira ocupante da Agência Postal de Santa Cruz, foi D. Maria Odete Silveira Lousada.

Atualmente aquela repartição está instalada na Rua Cel. Duca, e seu Encarregado é o funcionário Benedito Oscar Rocha auxiliado pelos Carteiros Paulo Elilton de Oliveira e João Eudes Adriano.

AGÊNCIA POSTAL DE PRATA

Em data de 25 de fevereiro de 1979, a vila de Prata, do município de Bela Cruz, inaugurou uma Agência de Correios, que tem como encarregada a funcionário Maria do Socorro de Vasconcelos.

Mencionada Agência foi adquirida pelo Prefeito Júlio França de Sousa Neto, que mandou construir a sede do órgão.

SERVIÇOS E ÓRGÃOS PÚBLICOS

CEMITÉRIOS

O primeiro cemitério construído no então povoado de Santa Cruz, o foi em 1872, pelo famoso missionário José Antônio de Maria Ibiapina. Tinha pequenas dimensões.

Com o passar do tempo, o pequeno cemitério já não comportava inumações, porque estava locupletado.

E trinta anos depois, isto é, no ano de 1904, o saudoso Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos, então nas funções de Coadjutor do Vigário de Acaraú, que era o nosso sempre querido Pe. Antônio Tomás, construiu, naquela povoação, um outro cemitério. Este, construido na praça onde, em 1960, foi edificado o hoje "Instituto Imaculada Conceição", era mais amplo e cercado de muro de alvenaria. E, como o precedente, teve nos trabalhos de sua construção, a ajuda da comunidade local, em autêntico regime de mutirão.

Em 1917, na incapacidade do cemitério do Pe. Severiano, que não oferecia mais condições de enterramentos, foi construido, também pela comunidade, mais um campo santo. Este cercado de madeira, que em 1938 foi substituido por muro de alvenaria, pelos Prefeitos de Acaraú, Manoel Duca da Silveira e Raimundo Rocha.

Outra vez, após trinta anos, em 1968, o então Prefeito José Ludgero da Silveira mandou demolir parte dos muros desse cemitério, para abertura da rua, e mandou construir o "Cemitério São João Batista". O terreno desse cemitério, que mede 12.100m², foi doado pela Paróquia local, através de

seu Vigário, Mons. Odécio Loiola Sampaio. Sua bênção se deu a 15 de março de 1968, oficiada pelo mesmo mons. Odécio.

CEMITÉRIOS DO INTERIOR

Na zona interiorana do município de Bela Cruz também foram construidos cemitérios, nas seguintes localidades: na vila de Prata, em 1974, pelo Prefeito Raimundo Jovino de Vasconcelos. E, pelo Prefeito José Ludgero da Silveira, no povoado de Barreiras, inaugurado a 4 de setembro de 1969, e no povoado de Matriz, inaugurado a 12 de setembro de 1970. Em 1980, o Prefeito Júlio França de Sousa Neto construiu um cemitério no povoado de Correguinho.

ABASTECIMENTO D'ÁGUA

O serviço de abastecimento d'água, para serventia pública, em Bela Cruz, começou com um poço tubular, com o respectivo chafariz, que a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, (hoje DNOCS) mandou abrir naquele então povoado, em 1912, cujos trabalhos foram concluidos em dezembro de 1913, com a Caixa D'água e um enorme catavento de asas metálicas.

Esse benefício coletivo serviu àquela comunidade durante quinze anos consecutivos. Em 1938, porém, o aparelhamento começou a apresentar defeitos. E o DNOCS, em vez de mandar recuperá-lo, achou mais fácil mandar desativá-lo e transportar a sucata para Fortaleza, de onde viera.

No curso dos anos, alguns poços foram construidos, naquele município, para o consumo da população.

Finalmente, em dezembro de 1975, a Companhia de Água e Esgoto do Ceará – CAGECE – mandou cavar 3 poços na Lagoa do Zé Gomes, subúrbio da sede municipal, trabalho orientado pelo engenheiro José Roberto Peixoto Lima.

E o problema ficou nisso, até que a 22 de novembro de 1982, com o interesse do Prefeito Júlio França de Sousa Neto, tiveram início novos trabalhos dirigidos por um engenheiro da Construtora Omar O'Grady S.A, empreiteira da obra. Foram então construidos 4 poços à margem do Rio dos Caibros. E, em seguida foi construida a Caixa D'água com capacidade para 200.000 litros, bem como a casa do Escritório, casa das bombas, do Operador e a Torre de Equilíbrio.

O serviço dispõe de 2 bombas de sucção nos poços, 2 para a caixa d'água e 2 filtros do reservatório. Os trabalhos de encanamento estão terminados, com um bom número de ligações. A obra custou aos cofres do

Estado a importância de 163.235 mil cruzeiros, e sua inauguração está marcada ainda para o ano de 1986.

MERCADOS PÚBLICOS

O decreto municipal nº 4, de 30 de dezembro de 1922, do Prefeito Manoel Albano da Silveira, criou a verba para construção do primeiro Mercado Público de Santa Cruz, que foi inaugurado a 12 de março de 1923.

Alguns reparos foram feitos naquele próprio municipal, sucessivamente pelos subprefeitos João Damasceno Maranhão, em 1933, Benedito Meneres de Carvalho, em 1942, e Mário Domingues Lousada, em 1955, bem como pelo Prefeito Expedito Deroci Vasconcelos, em 1966.

A 21 de janeiro de 1973, o Prefeito José Milton Oliveira inaugurou um moderno Centro de Abastecimento por ele construido sobre o antigo Mercado.

Outro Centro de Abastecimento, para venda de peixe, foi inaugurado, naquela cidade, em data de 21 de outubro de 1978, pelo Prefeito Júlio França de Sousa Neto, construido em convênio entre a Prefeitura e o Estado.

O Mercado da vila de Prata foi inaugurado em outubro de 1968, pelo Prefeito José Ludgero da Silveira, que o mandou construir.

MATADOUROS

Os matadouros destinados ao abate de gado para o consumo público, em Bela Cruz, começaram com um cercado de madeira beneficiada, construido pelo Subprefeito João Damasceno Maranhão, em 1933.

Em data de 24 de setembro de 1950, o Prefeito Manoel Duca da Silveira inaugurou, à Rua Prof. Nicácio, um Matadouro condizente com as condições da vila.

Em 1976, já com a cidade mais adiantada, esse Matadouro ia se tornando inconveniente naquele local, pelo que o Prefeito Raimundo Jovino de Vasconcelos mandou construir um outro, no bairro de Brasília, e que foi inaugurado a 29 de março do mesmo ano, pelo Governador Adauto Bezerra.

COLETORIA ESTADUAL

A arrecadação de impostos estaduais começou em Bela Cruz com um Posto Fiscal, ocupado, sucessivamente, por Francisco das Chagas Silveira e Ibério de Murilo Zacas.

Mencionado Posto Fiscal foi elevado à categoria de Coletoria Estadual, por ato firmado em 10 de agosto de 1954, pelo Governador Stenio

Gomes da Silva. E a jurisdição da nova Coletoria abrangia também o hoje município de Itarema.

O primeiro Coletor de Bela Cruz foi o Sr. Amadeu Ferreira Gomes.

No defluir do tempo, vários funcionários ocuparam aquela repartição fazendária, inclusive três filhos de Bela Cruz: Geraldo Gifoni da Silveira, Agripino Bias da Silveira e Raimundo Enéas de Vasconcelos.

Presentemente ocupa esse cargo o Sr. Cesar de Castro Sousa, com o jovem belacruzense Caetano Fonteles da Silveira, como Chefe da Carteira de Arrecadação. O número de comerciantes inscritos é de 180.

Relativamente à construção da sede da Coletoria, em O ACARAÚ, de 1 de dezembro de 1956 inserimos um apelo ao Governador, pedindo o mesmo prédio. Mas, somente em 1978 a Coletoria de Bela Cruz teve sede própria, inaugurada a 21 de outubro, com o Prefeito Júlio França.

ILUMINAÇÃO ELÉTRICA

Coube ao Prefeito João Jaime Ferreira Gomes, em 1951, a primeira tentativa, no sentido de implantar iluminação elétrica na então vila de Bela Cruz. Ele chegou a abrir uma verba de 80 mil cruzeiros, para compra de um conjunto de luz e força, porém a Câmara negou aprovação ao projeto. E o problema ficou na estaca zero.

Em 1957, o Prefeito Geraldo Benoni Gomes Silveira tentou também, solucionar o problema, pleiteando um empréstimo junto ao Banco do Nordeste, para tal finalidade. Todavia a operação deixou de ser realizada, porque o município não estava incluido no polígno das Secas.

Assim, somente quando Bela Cruz conseguiu sua emancipação política, o Prefeito Mário Lousada fez aquisição de um conjunto de energia elétrica, que custou 1.200 cruzeiros. E a 11 de dezembro de 1960, a cidade de Bela Cruz teve iluminação pública e domiciliária.

Com o uso diário, o motor foi se desgastando. De tal modo, que em 1966, o Prefeito Expedito Deroci de Vasconcelos, apoiado pelo Governador Virgílio Távora, firmou convênio com a Companhia Hidrelétrica do Nordeste – CENORTE – e a 25 de março de 1967, a cidade de Bela Cruz tinha energia fornecida pelo Açude Araras.

Sucede que o gerador instalado pela CENORTE, e que servia a Bela Cruz e Marco, 8 meses depois começou a dar problemas. De maneira que, em dezembro do mesmo ano, o Prefeito José Ludgero da Silveira conseguiu contornar o impasse. E a 25 de março de 1968, Bela Cruz voltava a ter iluminação, inclusive lâmpadas a mercúrio em algumas ruas.

A cidade começava então, a receber energia de Paulo Afonso,

através da Companhia de Eletrificação do Ceará – COELCE – serviço que foi ali inaugurado, oficialmente, a 31 de agosto daquele ano.

Em 1972 o Prefeito José Milton Oliveira inaugurou a RD de Brasília. O Prefeito Júlio França de Sousa Neto, a 21 de outubro de 1978 inaugurou a RD de Várzea Feia e Araticuns, e a 18 de setembro de 1983 inaugurou iluminação elétrica na vila de Prata.

Com o atual Prefeito Gerardo Wilson de Araújo, a Rua Nicolau Peixoto e o bairro Areias foram beneficiados com energia elétrica.

Presentemente a COELCE tem seu Escritório na Rua 7 de setembro, chefiado pelo técnico José Berlindes de Vasconcelos, auxiliado pelo funcionário Francisco José Fonteles. O nº de usuários soma 1.300.

CADEIA PÚBLICA

A primeira cadeia pública construida em Bela Cruz foi inaugurada em 1960, pelo Prefeito Mário Domingues Lousada, e foi localizada na Rua Professor Nicácio.

Entretanto, em 1981, como essa cadeia estivesse colocada em ponto muito central, o Prefeito Júlio França de Sousa Neto, ou melhormente, os poderes Executivo e Legislativo, fizeram doação do prédio ao Sindicado dos Trabalhadores Rurais de Bela Cruz, que até então não tinha sede própria. Todavia, logo a 23 de fevereiro de 1981, outra Cadeia era ali inaugurada, à Rua Padre Odécio.

O prédio, construído pelo Prefeito Júlio França, é dotado das dependências necessárias, inclusive para funcionamento da Delegacia de Polícia.

JUNTA DE ALISTAMENTO

A Junta de Alistamento Militar do município de Bela Cruz, foi instalada a 25 de agosto de 1960, com o Prefeito Mário Domingues Lousada, Presidente, e o Secretário João Damasceno Vasconcelos.

Atualmente, a J. A. M. está instalada no prédio da Prefeitura Municipal, com o Prefeito Gerardo Wilson Araújo e o Secretário José Maria Pinto de Vasconcelos.

INCRA

O INCRA inaugurou sua Unidade de Cadastramento Municipal – UCM – na cidade de Bela Cruz, no ano de 1966. E desde então vem funcionando normalmente, agora na Rua Humaitá.

O atual encarregado da U.M.C. é o funcionário Francisco Ilton de Queiroz, que vem atendendo aos agricultores ali registrados.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS

A fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Bela Cruz, aconteceu a 22 de dezembro de 1968, e que teve sua Carta de Registro no Ministério do Trabalho, em data de 30 de janeiro de 1970.

A 1 de julho de 1975, o Sindicato firmou convênio com o FUNRURAL, para manutenção de um Consultório Médico, ora assistido pelo Dr. José Evangelista Filho, e de um Gabinete Dentário, ocupado atualmente, pelo Dr. João Batista de Bastos Capistrano, ali credenciado.

Quanto à sede própria do Sindicato, foi adquirida com o Prefeito Júlio França de Sousa Neto, por efeito da Lei nº 287, de 15 de janeiro de 1982.

A doação foi ultimada pelo Prefeito Gerardo Wilson Araújo, em documento datado de 9 de novembro de 1983.

O Sindicato tem como Presidente e Tesoureiro, respectivamente, os Srs. José Oscar Sousa e Luciano Mariano de Andrade.

POSTO DA CODAGRO

O Posto da Companhia de Assistência Agrícola – CODAGRO – foi instalado em Bela Cruz a 19 de dezembro de 1971, com o Prefeito José Milton Oliveira.

Com a finalidade de vender implementos agrícolas, inseticidas e outros, por preços mais accessíveis do que o comércio, o Posto está prestando bons serviços à numerosa classe dos lavradores e está localizado à Rua 7 de Setembro. Seu atual encarregado é o Sr. Manoel Cunha Araújo.

FUNRURAL

A Representação do FUNRURAL de Bela Cruz, iniciou suas atividades em data de 18 de fevereiro de 1976, com o Prefeito Raimundo Jovino de Vasconcelos.

O órgão é localizado à Rua 7 de Setembro, e a Representante é a Srta. Liduina Sousa Silveira, que tem como Preposta a Srta. Maria Rejane Leitão.

LAVANDERIA

Com o objetivo de atender às necessidades das lavadeiras locais, o Prefeito Júlio França de Sousa Neto, em data de 25 de março de 1979, inaugurou, na cidade de Bela Cruz, uma lavanderia com 12 pias para lavagem.

É um prédio amplo e dotado dos requisitos necessários ao seu funcionamento. Está localizado na Rua Capitão Miguel Lopes, no Bairro de Brasília.

POSTO METEREOLÓGICO

A Fundação Cearense de Metereologia – FUNCEME – atendendo ao pedido do então Prefeito, Júlio França de Sousa Neto, no dia 14 de maio de 1980, instalou, na cidade de Bela Cruz, um Posto Metereológico.

O pluviômetro está colocado na Rua Professor Nicácio, e tem como encarregado o jovem Paulo Gerson da Silveira.

IMAGENS DO PASSADO

Atendendo pedidos de amigos, reproduzimos aqui notas que, em 1966, escrevemos, enfocando tipos populares que conhecemos em Bela Cruz, no primeiro quartel deste século.

Foram pessoas simples e boas, que estiveram em nossa amizade e ficaram em nossa saudade.

BARIBÚ – Era um rapaz franzino e amareloso, de 15 a 18 anos. Ninguém lhe sabia o nome. Sabia, porém, que viera do lugarejo Curicaca, localizado no hoje município de Morrinhos.

Pois bem: o jovem amareloso e franzino estirava o braço esquerdo em posição horizontal, como se fosse uma rabeca, arqueava o braço direito e passava a esfregá-lo sobre o esquerdo, como se tocasse o instrumento. E cantava, andado em marca ré, isto é, para traz:

E Baribú,
Maroca, Maroca
E Baribú, lará, lará, lará,
E Baribú, rá, lará, lará.

Na 2ª estrofe ele acelerava o movimento do braço direito sobre o esquerdo, e cantava:

Recampantém, recampantém
Pega mais se não tem

Bisava, então, e terminava com a palavra Maroooooca, bem longa.

E com essa estranha apresentação musical, Baribú ganhava os meios de sobreviver. E isto lhe bastava.

ELIAS ENOC – Seu nome completo era Elias Enoc dos Santos. Era casado com a Rita, e morava, com uma boa cambada de filhos, numa casinha, ao pé de um mulungu, ali na Rua Prof. Nicácio. Elias, que exercia a profissão de sapateiro de 3ª classe, era paraplégico, coitado. Assim mesmo, em cócoras, ele ia ao comércio comprar material. E muitas vezes tomava umas **bicadas** por lá, e voltava em **ponto alto**. Fomos amigos e admiradores de Elias, porque, apesar de sua pobreza e de sua paralisia,

não lhe faltavam piadas, nem aquela santa alegria dos que se conformam com a vida que Deus lhes deu.

FELIZMINA PINGÃO – Era uma cunhã velhota e atarracada, que morava ali na Ipueira. Não era doida, mas também não tinha juízo. Assim, Felizmina Pingão juntava o cabelo, fazia um grosso cocó que enfeitava com cacho de flores de acácia ou resedá. Depois fazia uma mistura de goma de mandioca com água, besuntava o rosto, o que lhe dava muita semelhança com a coruja rasga-mortalha. Assim arrumada, na convicção de que estava bonita, eia **ganhava** a rua, procurando um esposo que nunca encontrou.

JUCA – Juca Lopes era um solteirão que chegou à Bela Cruz vindo ninguém sabe de onde, e que ali viveu muitos anos. Era muito pálido, e por isso, puseram-lhe o apelido de **defunto lavado**. Entretanto, Juca Lopes era muito inteligente. Pintava casas, desenhava, confeccionava máscaras de carnaval, tocava violão, cantava e declamava bem. Era por isto, de grande utilidade no arranjo de festas e reuniões sociais.

MANÉ CABRA – Era o velho Manoel Faustino. Homem direito e que falava pouco e trabalhava muito. Plantava na Baixa Nova, mas possuia uma **Casa-de-Farinha** em Bela Cruz. Ali estivemos dois meses na escola do velho Mané Carneiro. Gostavamos do velho Mané Cabra que, apesar de caladão, contava a história da "Pega da Onça". E sua esposa, a velha Celestina, vendia umas palmas de goma, que eram boas de mais. E o preço, então. . .

MANÉ REINALDO – Seu nome todo era Manoel Reinaldo da Costa. Era um caboclo velho de estrutura média, que morava no "Vaquejador". Pescava curimatã e caçava mambira e tatu-peba. Assim, "vivia da caça e da pesca", como nossos avós tabajaras. Em casa ele fazia tarrafas de fio de algodão, com agulha de pau. Mas o velho também gostava de tomar umas lambadas de cachaça e andar pela rua, dizendo **rifões** como estes: Cobra que não anda não engole sapo – Quem geme é quem sente a dor – Saco cheio não se dobra – Saco vazio não se põe em pé. Também recitava quadras como esta:

De home, seu Antonino;
De muié, dona Francisquinha;
De cabôco, seu Reinaldo;
De cunhã, só a Saninha.

Saninha era a velha Ana Pires, esposa dele Mané Reinaldo. Era alta, magra e clara. Tinha a profissão de parteira, e rezava pra dor de dentes.

JOÃO TINTINA -- O velho Mané Bernardo, de grandes óculos com

armação de chifre, fazia tijolos no "Poço do Zé Longo" e criava um seu irmão chamado João Tintina. Pois bem: João Tintina, que era bom torrador de café, quando andava ia estalando a junta do calcanhar direito, como se fosse o tal **calcanhar-de-aquiles**. Gente menos caridosa ria daqueles estalos. Ria, sim, mas recebia em troca uma porção de desaforos. Bem feito.

ZÉ REINALDO - O velho Zé Reinaldo morava no Córrego do velho Mané Pereira, era agricultor e proprietário de uma **casa-de-farinha**. Mas, nas noites de luar ele gostava de caçar tatu-peba e tamanduá, nas capoeiras, auxiliado pela **Sereia**, uma cachorra vira-lata que tinha um faro dos diabos. Velha Maria Joaquina, esposa do velhinho, fabricava umas broas que vendia na **Feirota**, onde tinha um café. Uma particularidade na vida de velho Zé Reinaldo: viveu 106 anos, e quando morreu deixou 16 filhos, 90 netos e 234 bisnetos. Puxa vida!

ZÉ FORTUNATO – Era um velho de estatura média, porém gordo e pesadão. Era pedreiro e morava na hoje Praça Ludgero Silveira. Tinha a fala atrapalhada e era muito espirituoso. Gostava de tomar "umas e outras", que chamava "matar o bicho". Faleceu em 1927, a 14 de junho, vítima de doença respiratória. Assistimos seus últimos instantes, no sufoco daquela dispnéia fatal, que lhe roubou a vida ainda tão necessária à sua família.

ZÉ BENÍCIO – Era um velhote pálido, de estatura mediana, que todos os meses demorava uma semana em Bela Cruz. Não sabemos de onde ele vinha. Sabemos, porém, que era um charlatão que vendia garrafadas de purga de leite, de batata de tiú, e tisanas diversas. Zé Benício era danado por cachaça, e quando queria beber, pedia uma dose. E depois de meia dúzia de doses, ele começava a recitar versos do folclore ou cantar saudosas modinhas de seu tempo de jovem apaixonado. Lembramos ainda uma de suas sextilhas:

Sê conhece este cabôco
De guarda-peito e gibão,
Chinelas de sola-e-vira,
Espora do rosetão?
Eu tenho desconfiança
Que este cabôco é ladrão.

No final da cantiga ele dava uma risadinha canalha e dizia: A vida é uma garapa. Um dia Zé Benício foi embora, e não voltou mais.

FONTES DE PESQUISAS

Cronologia Sobralense – F. Sadoc de Araújo
Os Municípios Cearenses e seus Distritos – Raimundo Girão
Subsídio para a História Eclesiástica e Política do Ceará – Pe. João Mendes Lira
História de Sobral – Dom José Tupinambá de Frota
Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará – Renato Braga
Terra do Sol – Gustavo Barroso
Arquivo da Prefeitura de Bela Cruz
Arquivo da Prefeitura de Acaraú
Arquivo da Paróquia de Bela Cruz
Bela Cruz – De Prédio Rústico à Cidade – Nicodemos Araújo.

COLABORAÇÃO
Prefeitura Municipal de Bela Cruz
Adm. Gerardo Wilson

Digitalizado por *Rosimeire Freitas* em 2023